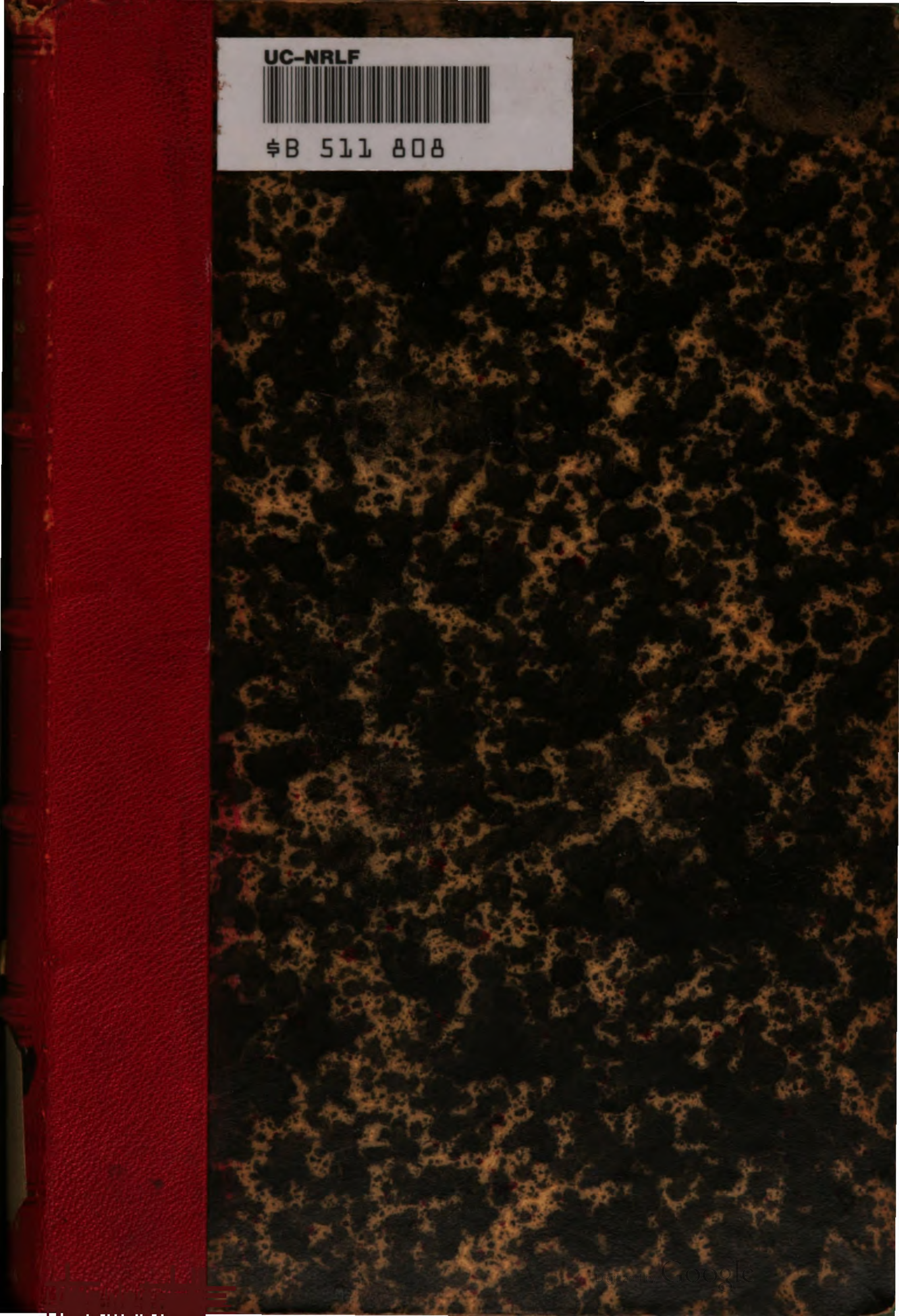
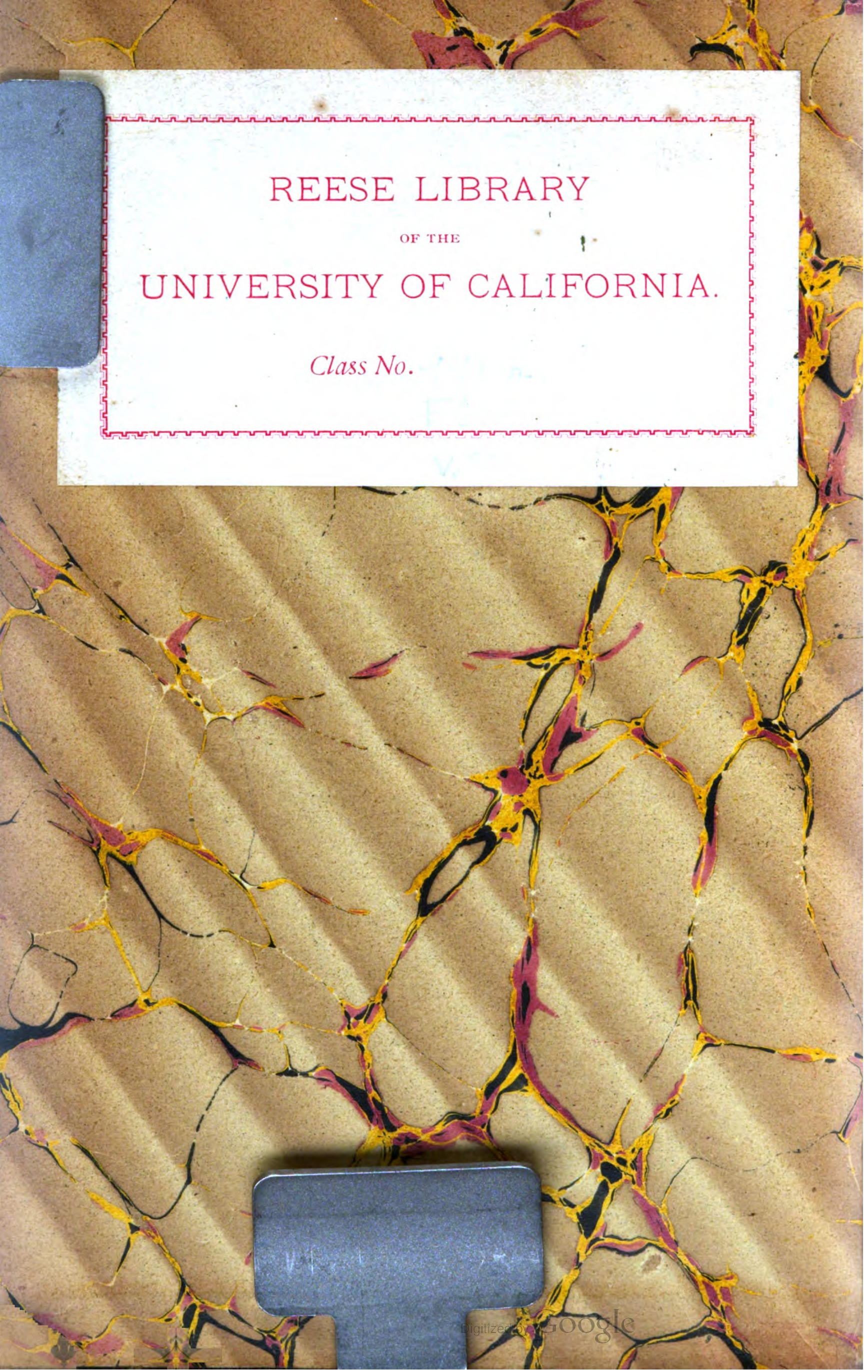
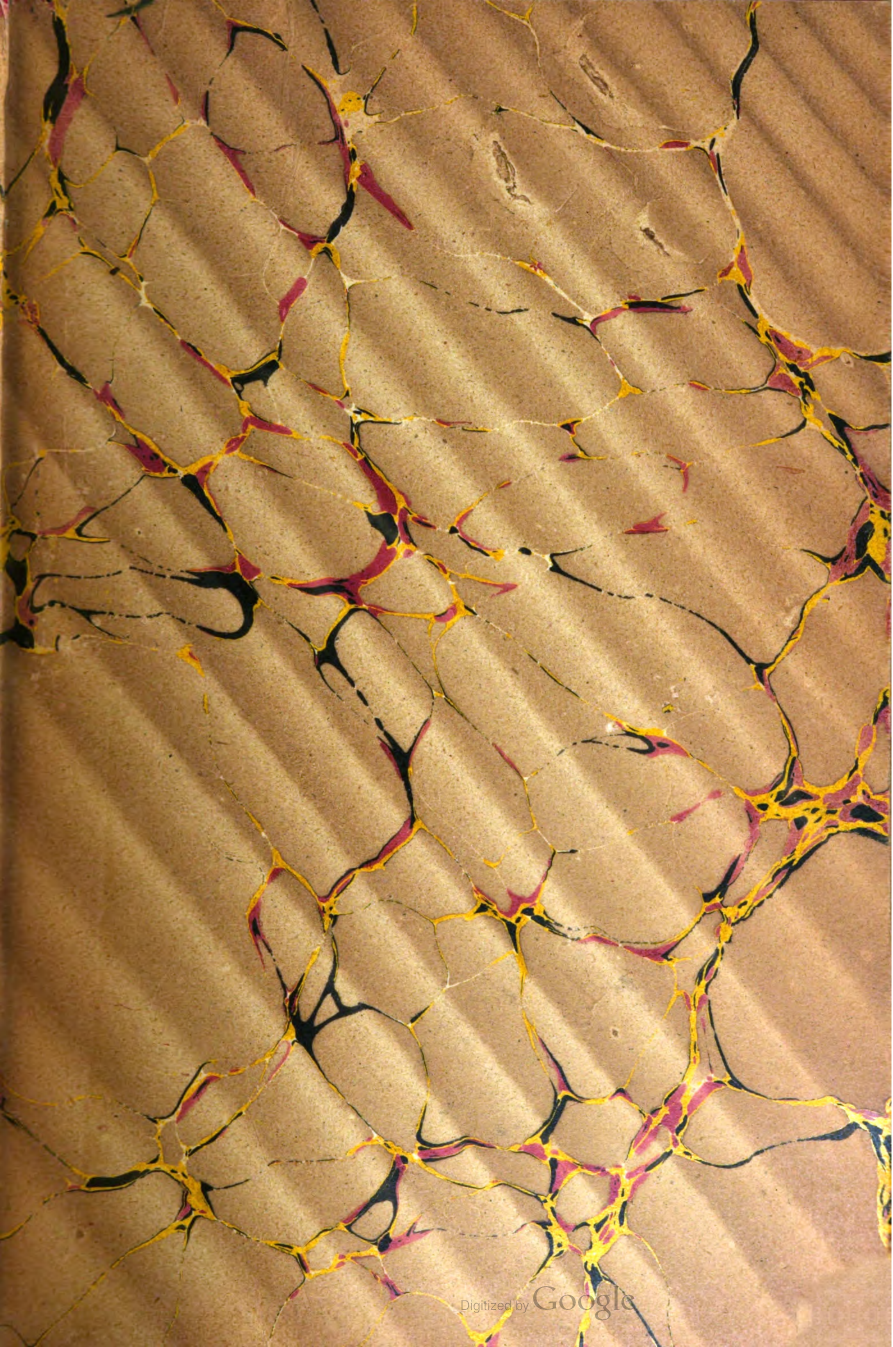






FOLK-LORE ESPAÑOL

BIBLIOTECA

DE LAS

TRADICIONES POPULARES

ESPAÑOLAS

TOMO VII

Tomo I del **Cancionero popular gallego**, por D. José Pérez Ballesteros, con un prólogo del Excelentísimo Sr. D. Theóphilo Braga y un apéndice del Sr. D. Antonio Machado y Alvarez.

Director: ANTONIO MACHADO Y ÁLVAREZ

MADRID
LIBRERÍA DE FERNANDO FÉ
Carrera de San Jerónimo, 2

1885

OBRAS FOLKLÓRICAS ESPAÑOLAS

El Folk-Lore Bético-Extremeño. Volumen I.—Archivo de estudios y materiales folklóricos pertenecientes principalmente á la región Extremeña. (Agotada.)

Colección de enigmas y adivinanzas, por Demófilo.—Un tomo de 496 páginas.

Colección de cantes flamencos, por Demófilo. XVIII. 209 páginas. (Agotada.)

Cinco cuentezuelos populares andaluces, por Rodríguez Marín. (Agotada.)

Cien refranes andaluces de meteorologia, agricultura, cronologia y economia moral, por Rodríguez Marín. (Tirada especial.)

Quinientas comparaciones populares andaluzas, por Rodríguez Marín. (Tirada especial.)

Cuestionarios é interrogatorios folklóricos de Andalucía, Extremadura, Castilla, Galicia, Asturias, Canarias, etc. (No se venden.)

Reglamentos y organizaciones de las sociedades regionales españolas. (No se venden.)

Observaciones sobre la poesia popular, por Milá y Fontanals.—Un tomo.

Romancerillo catalan, por Milá y Fontanals.—Un tomo.

Poesia popular española y mitologia y literatura celto-hispanas, por Joaquin Costa.—Un tomo de VIII—500 páginas.

Diccionario Gallego-Castellano, por D. Marcial Valladares Núñez. Santiago: Imprenta del Seminario Conciliar Central, 1884.—Este Diccionario, que al precio de 15 pesetas se encuentra de venta en la casa editorial A. Guichot y Compañía y en las principales librerías de España, contiene diez mil seiscientos vocablos, cuatrocientos sesenta *refranes*, *proverbios* y decires y doscientos sesenta y dos *coplas populares*, y forma un abultado tomo de 648 páginas en 4.º mayor.

Tradiciones de Toledo, por Olavarría y Huarte.—Un tomo de 308 páginas.

Cuentos, oraciones y poesias populares andaluzas, por Fernán-Caballero.—Dos tomos de 284 y 266 páginas.

Cansons de la Terra, por Pelay Briz.—Cinco tomos con apéndice musical.

Cancionero Vasco, por José Manterola.—Tres tomos.

Cantos históricos de los vascos, por Manterola.—Un tomo.

Cuentos populars catalans, por Pelay Briz.—Tres tomos.

Dias geniales ó lúdiros. (Juegos infantiles), por Rodrigo Caro. —Un volumen de 600 páginas. (Tirada especial.)

Cancionero popular, por Emilio Lafuente.—Dos tomos.

Jochs de la infancia, por Maspons y Labrós—Un tomo.

Endevinallas populars catalans, por Pelay Briz.—252 páginas.

BIBLIOTECA

DE LAS

TRADICIONES POPULARES ESPAÑOLAS

MADRID.—EST. TIP. DE RICARDO FE, CEDACEROS, 11.

FOLK-LORE ESPAÑOL

BIBLIOTECA

DE LAS

TRADICIONES POPULARES

ESPAÑOLAS

TOMO VII

Director: ANTONIO MACHADO Y ÁLVAREZ

MADRID
LIBRERÍA DE FERNANDO FÉ
Carrera de San Jerónimo, 2

1885



CANCIONERO
POPULAR GALLEGO

Y EN PARTICULAR DE LA PROVINCIA DE LA CORUÑA

POR

JOSÉ PÉREZ BALLESTEROS.

CON UN PRÓLOGO

del ilustre mitógrafo portugués

THEÓPHILO BRAGA

Tomo I

AL

Folk-Lore Español,

EN TESTIMONIO

DE CARIÑOSA CONFRATERNIDAD

EL COLECTOR

La Coruña; Agosto 31 de 1884

SOBRE Á POESÍA POPULAR DA GALLIZA

I

Toda e qualquer sociedade humana, como um perfeito organismo, subsiste pelos elementos staticos da sua conservação, e pelas modificações dynamicas do seu progresso. Entre os elementos staticos distinguem-se como factores da individualidade de um povo, a raça, a lingua, a nacionalidade e a *tradição*, que é propriamente uma *synthese affectiva* que subordina de un modo espontaneo todas as actividades ou vontades a um concurso ou consenso que determina a marcha historica. Todos estes factores são entre si tão intimamente solidarios, que estudando um, os outros ou o esclarecem ou são elucidados por elle; ha casos em que a raça não condiz com a lingua, como acontece com as raças italiotas, gaulezas e hispanicas que adoptaram a lingua dos romanos; ou em que a lingua não caracterisa a nacionalidade, como em algumas povoações da Italia e especialmente na Suissa, e em que a tradição de outras edades pela sua per-

sistencia já não condiz com o estado social nem com a indole do povo que a repete. Apesar d'estas alterações, porém, ó facto de se acharem os factores staticos fóra da acção do arbitrio individual, faz com que o typo da raça, a lingua, a tradição e a autonomia nacional sobrevivam mais ou menos completamente sob as revoluções historicas em um dado territorio.

No solo da Hespanha existem os relevos orographicos que dividiram naturalmente a peninsula em pequenos estados; o facil accesso d'este territorio fez com que aqui confluissem differentes raças, que obedeceram a essas condições mesologicas, e no seu separatismo crearam dialectos proprios, elaboraram no automatismo consuetudinario tradições, que foram o elemento de concordia para essas confederações defensivas, primeiros esboços das nacionalidades peninsulares. O empirismo politico pôde desconhecer durante seculos estas condições que actuam constantemente na constituição de um povo; ousou impôr uma unidade material, mais administrativa do que politica, tentou apagar as iniciativas locaes, ou garantias autonomicas, calar os dialectos provinciaes ante uma limgua official, estrangular sob Fernando e Isabel, Carlos V e Philippe II as antigas nacionalidades, mas o unitarismo e a centralisação nunca puderam extinguir as tradições populares. Fernán Caballero, pelas dansas, pelas cantigas e instrumentos musicaes, pelas practicas da cultura agricola fixa o ca-

racter de cada um d'esses povos que hoje são provincias de Castella. Esse antigo individualismo levanta-se vigoroso ás primeiras investigações da critica, e a associação do *Folk-Lore da Andaluzía*, ao seu appello á tradição do passado abre o alvéo a uma corrente, que rue e se alastra pelas regiões que constituem os organismos independentes da nacionalidade hespanhola, a castelhana, gallega, aragoneza, asturiana, andaluza, extremenha, leoneza, catalana, valenciana, murciana, vasco-navarra, balear, canaria, cubana, porto-riquenha e philippina.

Com as tradições, sympathica e religiosamente colligidas, revivem os dialectos, orgão poderoso do espirito local, e com este genio da iniciativa e da independencia, base para um renascimento da Hespanha, que a levará a occupar o grande logar que lhe compete na Civilisação occidental.

O estudo das tradições não representa simplesmente uma phase scientifica, mas tamben é uma crise moral, em que o espirito da associação local, tão admiravelmente estudado e comprehendido por Carey, se apresenta como a fórma de reconstituição de um povo envolvido na longa decadencia catholico-feudal.

Sob este ponto de vista as tradições populares da Galliza são do mais alto interesse; a Galliza é a provincia mais duramente submettida á unidade politica e mais sacrificada pelo centralismo administrativo; ella resiste pela sua tradição lyrica, em

que conserva a sua feição ethnica e esse espirito local a que chama *soidade*, especie de nostalgia que em Madrid se denomina a *morrinha gallega*. Em relação á nacionalidade portugueza, a Galliza é um fragmento que ficou de fóra da integração politica de um Estado gallecio-portuguez, desmembrado pelo interesse de Affonso VI para fazer o casamento das suas duas filhas com Raymundo e Henrique de Borgonha. A Galliza seguiu a sorte da unificação asturo-leoneza, perdendo cada vez mais os seus elementos de cultura e de vida nacional; Portugal pela sua autonomía de nação, desenvolveu uma lingua e litteratura, arte, industria e a grande acção que o tornou um dos primeiros povos coloniaes, e o iniciador da actividade pacifica da Europa. Tendo-se estudado as tradições portuguezas nos seus centros provinciaes, Beira-Baixa, Algarve e Minho, Alemtejo e Traz-os-Montes, e nas suas expansões coloniaes dos Açores, Madeira e Brazil, este estudo não seria completo sem o conhecimiento das fontes primordiaes ou archaicas conservadas pela Galliza, como fóco da antiga unidade gallecio-portugueza.

Sob o ponto de vista mesologico, a Galliza pertence a esse grupo de pequenos estados divididos pela cordilheira dos Pyrenéos que corre de norte a oéste, formando os organismos independentes da Catalunha, Aragão, Navarra, Asturias, Galliza e Vasconia. Pela sua situação aqui resistiram mais puras a raça celtica e as tribus suevicas, e pela

sua estabilidade social não perturbada pelas invasões dos Arabes, aqui se elaborou essa tradição lyrica, propagada aos outros paizes da Hespanha, como no seculo XV notára já o Marquez de Santillana. A Galliza, na reconstituição da sociedade neo-gothica, era o fóco da civilisação peninsular; aqui vinham os reis completar a sua educação, e a lingua gallega era preferida para as composições poeticas das côrtes em que se imitava a poesia trobadoresca, tão delicada na sua casuistica sentimental. A Galliza perde a sua existencia politica, e por tal facto apaga-se sua cultura, e cae n'essa atonia provincial em que só subsiste aquillo que é de origen statica e inconsciente; a Galliza é incorporada na unidade do reino de Leão por Affonso I, mas sob Fruela, procura revindicar pela revolta a sua independencia. Envolvida por Affonso III na mesma unidade em que entra o reino de Leão, a Castella velha e Lusitania, essa unidade quebra-se pela morte do monarcha, vindo á Galliza a caber em herança a Ordonho que a incorpora outra vez ao reino de Leão roubado a seu irmão García. Pela morte de Ordonho, Fruela incorpora a Galliza e Leão no reino das Asturias. Tres vezes sacrificada a sua atonomia nacional, a Galliza não perde o espirito de independencia, e vence em uma lucta separatista sob Ordonho III, Sancho I e Ramiro III á custa de apoio dado aos conflictos dos outros estados entre si. Porém, n'essa forte corrente de unificação politica imposta pela audacia

de Fernando o Magno, a Galliza é absorvida como os outros estados de Navarra, Aragão, Castella e Leão, vindo, pela desmembração determinada pelo testamento de Fernando, a Galliza a caber a seu filho Garcia. Esta situação independente foi transitoria, porque Garcia é desapossado por seu irmão Affonso VI, que realisa a quarta unificação peninsular, em que separa da Galliza o Condado de Portugal, que depois da sua morte se torna independente. A Galliza nunca mais saíu da sua situação subalterna, decahindo successivamente; o estado de Portugal estendeu-se ás extremas fronteiras da Galliza ao sul, até ao Mondego, e até Lisboa, alargandose progressivamente até aos Algarves de além-mar em Africa, explorando o Atlantico e achando o caminho maritimo da Asia. Apesar d'esta separação politica, continuaram as similaridades ethnicas gallecio-portuguezas, que foram persistindo mas desconhecendo-se entre si, a ponto de o nome de *gallego* se tornar uma injuria pessoal, mesmo para aquelles que, como Sá de Miranda ou Camões, eram oriundos de familias gallegas.

Vé-se portanto, que as tradições populares da Galliza deven explicar muitas particularidades das fórmas tradicionaes portuguezas, e ao mesmo tempo são o ultimo vestigio de um organismo nacional que ficou atrophiado. A Galliza chegou a ter extincto o seu dialecto, fallado apenas domesticamente; e pela emigração forcada dos seus naturaes,

foram as mulheres que conservaram as tradições, causa plausivel da preponderancia dos cantos lyricos sobre os cantos heroicos.

O padre Sarmiento, nas suas *Memorias para a historia da Poesia española*, escriptas em 1745, falla em varios logares d'esta obra da poesía tradicional da Galliza, taes como os adagios, as dansas, as Coplas de Perico, o canto de Figueiral e a influencia melica da mulher gallega. Só na segunda metade d'este seculo é que começõu á renascença da Galliza, cooperando n'este estudo D. Antonio Maria de la Iglesia no jornal *La Galicia*, D. Manuel Murguia, D. Rosalia de Castro, D. Antonio Saco y Arce, vindo em fevereiro de 1884 á constituir-se a associação do *Folk-Lore gallego*, na Corunha, sob a presidencia de uma extraordinaria e genial escriptora D. Emilia Pardo Bazán, sendo a junta directora composta dos senhores Ramón Pérez Costales, Salvador Golpe, Ramón Segade, Narciso Perez Reoyo, Antonio María de la Iglesia, Juan de la Osa, José Pérez Ballesteros, Candido Salinas, Francisco María de la Iglesia, e Víctor López Seoane (1).

II

O typo genuino de lyrismo peninsular conservase ainda na Galliza, como o canto mais querido

(1) Na parte III do nosso *Parnaso portuguez moderno*, publicamos uma collecção de Cantos populares da Galliza.

do povo designado pelo nome de *Muiñeira*. É curiosa a aproximação das canções jogralescas gallezianas que se conservam nos Cancioneiros portuguezes do seculo XIV, com as fórmas actuaes transmitidas nas versões oraes. Antes de tudo vejamos como os naturaes da Galliza definem a *Muiñeira*. Escreve D. Manuel Murguia, na sua excellente *Historia da Galliza*: «Dividiremos los cantares en varios grupos, que los mismos campesinos distinguen con los nombres de *Muiñeiras*, *Cantar de Pandeiro*, *Alalás*, *Ani-novo*, *Mayos* etc., siendo los más característicos de todos ellos los primeros. Las *Muiñeiras* tienen una metrificación sobrado caprichosa. Se componen por lo regular, de cuatro ó más versos, siendo el primero de dos hemistiquios de cinco sílabas, los otros dos siguientes de otros dos hemistiquios uno de cinco y otro de seis y el cuarto de seis, como en este ejemplo:

Meu maridiño foise por probe,
Deixou un fillo, topou dezanove.

Isca d'ahí,
Galiña maldita,
Isca d'ahi,
No me mate la pita,

Gracias á Dios y a todos los santos,
Siquera me dixo de quen eran tantos.

Isca d'ahi, galiña ladrona,
Isca d'ahi prá cas de tua dona» (1).

(1) *Historia de Galicia*, t. I, pág. 252; a *Muiñeira* acha-se ali

Aqui temos o verdadeiro typo da *Muiñeira;* compõe-se cada estrophe de dois versos emparelhados, rimando ou assonantando nos seus segundos hemistichios, e com um estribilho ou retornello que deve tambem assonantar com a parelha. A segunda estrophe é formada pela troca dos hemistichios, em que os que eram primeiros ficam segundos, prevalecendo a assonancia ou rima d'estes, que determina a rima do retornello. D. José Pérez Ballesteros colligiu no *Cancionero gallego* bastantes composições d'este genero, algumas d'ellas reduzidas a simples disticos, e outras sem estribilhos. Eis uma d'essas *Muiñeiras*, colligida em Lugo:

Has-de cantar á veira d'o rio,
ó son d'as oliñas de campo frolido.

Has-de cantar á veira d'o mar,
ó son d'oliñas que soben e van:

Has-de cantar á veira d'afonte,
que ch'hei de dar peros cocidos n'o pote.

¡Ai! has-de cantar, mininha solteira,
¡ai! has de cantar alá n'a ribeira.

N' esta *Muiñeira* falta ó retornello, que é improvisado a capricho. Em geral os collectores da poesia popular gallega não descobriram o valor tradicional d'esta fórma lyrica, e confundiram-na com a quadra. Na collecção de Firmin Casares, n.º 39, acha-se este fragmento de *Muiñeira:*

escripta como quadra; o que embaraça a comprehensão da sua fórma strophica.

Véndeme os bois e véndeme as vacas,
e non me vendas o pote das papas.

Véndeme a cunca e mai lo cunqueiro,
e non me venda-lo meu tabaqueiro (1).

Uma vez perdida a comprehensão da fórma estrophica, acham-se fragmentos d'este genero de Canções já na fórma epigrammatica, já completamente confundidos. Assim na importante collecção do snr. Pérez Ballesteros, acham-se como epigrammas:

—Cégo casado con nena bonita
O susto d'o dorpo non se lle quita.

—Chámasm'amigo, e meu queridiño
eu entrementes vou pagando o viño.

Ou estrofes isoladas, como estas:

—Panadeira d'aquesta ribelra
de dia móe e de noite peneira.
Válgate xuncras! ô estilo d'a terra
de peneirar pol-a noite sin vela.

—Fun ó muiño d'meu compadre,
fun pol-o vento, vin pol-aire.
Esta é cousa de encantamento,
ir pol-o aire e vir pol-o vento.

Vejamos como estas formas lyricas tem uma antiguidade que nos põe em evidencia o seu valor tradicional. No Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano, apesar de conter as composi-

(1) *Bibl. de las trad. populares españolas*, t. IV, pág. 31.

ções dos nossos trovadores aristocraticos da côrte de Don Affonso III e Dom Diniz, acham-se tambem ali *Cantares de Amigo*, *Dizeres*, *Serranas* e *Cantos de Ledino* dos jograes gallegos que no seculo XIII visitavam as côrtes peninsulares. São inapreciaveis estas composições para recompôr por ellas as tradições populares da Galliza, quando tudo levava a á crêr que seria impossivel achar quasquer documentos de uma epoca tão remota em que a poesia popular se expandia em uma inconsciencia espontanea. Transcreveremos para aqui algumas d'essas composições que melhor accentuem a fórma estrophica e o espirito do genero. O jogral Pero Meogo, traz no citado Cancioneiro:

Ay cervas do monte, vim-vos preguntar,
foyss'o meu amigu'e se a lá tardar
Que farei, velidas?

Ay cervas do monte, vim-vol-o dizer,
foyss'o meu amigu'e querria saber
Que farei, velidas? (1)

É singularmente bella esta outra composição do mesmo jogral, e em fórma de dialogo, em que o typo da *Muiñeira* apparece na sua pureza tradicional:

—Digades, filha, mha filha velida,
porque tardastes na fontana fria?
«Os amores ey.

(1) *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, n.º 792,

—Digades, filha, mha filha louçana,
porque tardastes na fria fontana?
«Os amores ey!

«Tardei, mha madre, na fontana fria!
cervos do monte á augua volviam;
«Os amores ey!

«Tardei, mha madre, na fria fontana
cervos do monte volviam a augua;
«Os amores ey!

—Mentis, mha filha, mentis por amigo,
nunca vi cervo que volvesse rio;
«Os amores ey!

—Mentis, mha filha, mentis por amado,
nunca vi cervo que volvess'o alto.
«Os amores ey!» (1)

Um outro jogral, Martim Codax, assigna canções que conservam o typo galleziano em que as duas parelhas se desdobram:

Mha irmana fremosa treydes comygo
a la igreja de Vigo hu é o mar salido,
e miraremos las ondas.

Mha irmana fremosa, treides de grado
á la igreja de Vigo hu é o mar levado;
e miraremos las ondas.

A la igreja de Vigo hu é o mar salido,
e verrá hy, madre, o meu amigo;
e miraremos las ondas.

A la igreja de Vigo, hu é o mar levado,

(1) *Ibidem*, n.º 797.

e verrá hy, madre, ou meu amado;
e miraremos las ondas (1).

Na Poetica provençal, que vem junta ao Cancioneiro Colocci-Brancuti, (complemento do Cancioneiro da Vaticana) allude-se a este genero popular, a que chama de *Villãos*, nome que o aproxima das *Villanellas* de Gasconha: «Outras cantigas fazem os trovadores á que chamam de *Villãos*. Estas cantigas se podem fazer d'*Amor*, ou d'*Amigo*, sem mal algum, nem son per arrabís, por que as non estiman muito.» É claro que no seculo XIII e XIV não podiam ser muito estimadas estas formas populares, porque o gosto aristocratico pendia para a imitação dos artificios da poetica limosina; mas a belleza d'estas fórmas tradicionaes e a sua communhão a todo o Occidente europeu, fizeram com que ellas chegassem a penetrar na litteratura portugueza e hespanhola, e persistissem nos costumes populares até hoje. Antes de desenvolvermos esta these, transcrevemos mais algumas *Muiñeiras*, ou *Serranilhas* de Martim Codax:

Ay, donas, sab'ora o meu amigo
Com' eu senlheira estou em Vigo,
e vou namorada.

Ay, Deus, sab' ora o meu amado
Com' eu en Vigo senlheira manho;
e vou namorada.

(1) *Ibidem*, n.º 886.

Com' eu senlheira estou em Vigo,
e nulhas guardas non som comigo;
e vou namorada.

Com' eu senlheira em Vigo manho,
e nulhas guardas migo trago;
e vou namorada.

E nulhas guardas nom é comigo
erg' os meus olhos que choram migo,
e vou namorada.

E nulhas guardas migo non trago,
erg' os meus olhos que choram ambos,
e vou namorada. (1)

A fórma da *muiñeira*, ou da antiga *serranilha*, que são entre si identicas, tamben se usava em verso de redondilha maior ou octosyllabo; eis um exemplo do mesmo jogral:

En o sagrad', en Vigo
baylava corpo velido;
amor ey.

En Vigo, en o sagrado,
baylava corpo delgado;
amor ey.

Hu baylava corpo velido
que nunca ouvera amigo;
amor ey.

Baylava corpo delgado,
que nunca ouvera amado;
amor ey.

(1) *Ibidem*, nº. 887.

Que nunca ouvera amigo,
ergas, no sagrad' en Vigo;
amor ey.

Que nunca ouvera amado,
ergas, no Vigo en sagrado;
amor ey. (1)

De todas as composições d'este genero que se acham nos Cancioneiros provençaes portuguezes poderia organisar-se un admiravel Cancioneiro gallego tradicional do seculo XIII e XIV. Nas composições dos jógraes acham-se por vezes intercaladas estrophes populares por onde se vê a perfeição caracteristica do typo poetico. Em uma Canção de Ayras Nunes apparecem intercalados preciosos fragmentos d'essas *muiñeiras* antigas, e já vulgarisadas no seu tempo:

Oy oj'eu hua pastor cantar,
d'u cavalgadura per hua ribeira:
e a pastor estava senlheira,
e ascondi-me pola ascuytar;
e dizia muy bem este cantar:

Sol-o ramo verde frolido
vodas fazem ao meu amigo;
e choram olhos d'amor!»

E a pastor parecía muy bem,
e chorava e estaba cantando,
e eu, muy passo fuy-me achegando

(1) *Ibidem*, nº. 889.

pola oyr, e sol nom faley rem;
e dizia este cantar muy bem:

Ay estorninho do avelanedo,
cantades vós, e moyr'eu e peno;
d'amores ey mal.

E eu oya sospirar entom,
e queixava-se estando com amores,
e facia guirlanda de flores;
desy chorava muy de coraçom,
e dizia este cantar entom:

Que coyta ey tam grande de soffrer
amar amigu'e nom o ousar ver;
e pousarey sob-o avelanal.

Poys que a guirlanda fez a pastor
foy-se cantando, indo-s'en mansellinho,
et torney-m'eu logo a meu caminho,
ca de a nojar nom ouve sabor;
e dizia este cantar bem á pastor:

Pola ribeira do rio,
cantando ya la virgo
d'amor:
—Quem amores ha
como dorm'or, ay
bella frol? (1).

Aqui temos como as canções populares gallegas entravam como centões nas obras litterarias. O rei Dom Diniz, apesar de sua elevada cultura poetica, não se pejou de imitar essas fórmas populares

(1) *Ibidem*, n.º 454.

nos seus *Cantares de Amigo*. Transcreveremos para aqui duas das suas imitações mais caracteristicas, para em seguida determinarmos a persistencia d'esta forma poetica nas litteraturas peninsulares:

—De que morredes, filha, a do corpo velido?
«Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo;
alva e vay liero.

—De que morredes, filha, a do corpo louçano?
«Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado;
alva e vay liero.

Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo,
quando vejo esta cinta que por seu amor cinjo;
alva e vay liero.

Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado,
quando vejo esta cintura que por seu amor trago;
alva e vay liero.

Quando vejo esta cinta que por seu amor cinjo
e me nembra, fremosa, como falou cõmigo:
alva e vay liero.

Quando vej'esta cinta que por seu amor trago
e me nembra, fremosa, como falámos ambos;
alva e vay liero.

Eis um outro exemplo em verso de redondilha menor, de um *cantar d'amigo* composto pelo mesmo monarcha:

Mha madre é velida,
vou-m'a la baylia
do amor.

Mha madre é loada,

vou-m'a la baylada
do amor.

Vou-me a la baylia
Que fazen en vila
do amor.

Que fazen en villa
do que eu bem quería,
do amor.

Que fazem en casa,
do que eu muyt'amava,
do amor.

Do que eu bem quería;
chamar-m'ã garrida,
do amor.

Do que eu muyt'amava,
chamar-m'ã prejurada
do amor (1).

É verdadeiramente notavel como estas fórmas apparecem nos grandes poetas lyricos do seculo XV e XVI, tanto hespanhoes como portuguezes. O Arcipreste de Hita traz umas tres composições a que chama *Cánticas de Serrana*, em que se conserva a fórma do distico dialogado, com os seus retornellos; e o Marquez de Santillana compoz umas dez *Serranillas*, algumas d'ellas em fórma de dialogo, e outras em redondilha menor. Nas poesias do grande mystico Sam João da Cruz, acha-se a forma da serranilha, no cantico da *Eterna fonte:*

(1) *Cancioneiro da Vaticana*, n. 170 e 195.

Que bien sé yo la fuente que mana y corre,
aunque es de noche!

Aquella eterna fuente que está escondida
que bien sé yo do tiene su manida;
aunque es de noche!

Sé que no puede ser cosa tan bella,
y que cielos y tierra beben en ella,
aunque es de noche... (1)

Outros poetas castelhanos conservam esta bella tradição lyrica; achamos nos versos de Castillejos, este typo da serranilha popular:

Madre, un caballero que estaba en este corro
á cada vuelta haciame del ojo.
Yo, como era bonica,
teníaselo en poco.

Madre, un escudero que estaba en esta baila,
á cada vuelta asíame de la manga.
Yo, como soy bonica,
teníaselo en nada (2).

Na litteratura portugueza são singularmente bellas as *serranilhas* gallezianas intercaladas por Gil Vicente nos seus Autos e Farças:

A serra é alta, fria e nevosa;
Vi venir serrana gentil graciosa.

Vi venir serrana gentil graciosa,
Disse-lhe:—Senhora, quereis companhia?

(1) *Todas las Poesias*, pág. 31. Ed. Storck, Munster, 1854.
(2) Collecc. Rivadeneira, *Poetas líricos*, t. 1, pág. 114.

Disse-lhe:— Senhora, quereis companhia?
Disse-me: «Escudeiro, segui vossa via. (1)

— D'onde vindes, filha, branca é colorada?
«De lá venho, madre, de ribas de um rio;
achei meus amores n'um rosal florido.

— Florido, mha filha, branca é colorada?
«De lá venho, madre, de ribas de um alto;
achei meus amores n'um rosal granado. (2)

Madre, um escudeiro da nossa rainha
fallou-me d'amores, vereis que dizia;
Não me firaes madre, que eu direi a verdade.

Fallou-me d'amores, vereis que dizia:
«Quem te me tivesse desnuda en camisa!
Não me firaes madre, que eu direi a verdade. (3)

Muitas d'estas serranilhas ficaram como Glosas e Motes na poesia palaciana, como se vê nas Redondilhas de Camões. É notavel como os grandes poetas lyricos perderam depois o conhecimento d'esta fórma popular, que se conservou na tradição. A fórma dos *Rispeti* da poesia italiana explica-

(1) *Farça dos Almocreves:* Obras, t. III, pág. 215 e 218.
(2) *Ibidem*, pág. 270.
(3) *Ibidem*, t. II, pág. 445.

se pela persistencia de um fundo tradicional, d'onde resulta esse outro caracteristico do verso endecasylabo tornado popular na Italia. Transcrevemos da collecção de Pitré o seguinte exemplo:

—Funtana, ti vurria un pocu spijari
Si la bedda cci vinni a pigghiari acqua?

«La bédda cci ha vinuto acqua a pigghiari,
Li manu si lavau cu la stiss'acqua.

—Funtana, vidiste lu focu addumari,
Ed era chi addumava accantu all'acqua?

Funtana, 'un lu putisti no astutari?
«Comu astutallu, chi addumava l'acqua? (1)

Liebrecht, nas *Addições á Historia da Poesia romantica*, apresenta exemplos de analogias palpaveis entre as poesias lyricas das litteraturas romanicas, sem que se possa inferir de plagiato ou imitação; o mesmo facto notou Paul Meyer comparando varias serranilhas gallezianas con pastorellas francezas. Esse fundo tradicional, que vemos tão persistente e caracteristico na *Muiñeira* da Gallizza, subsiste tambem na poesia popular da Catalunha. No seu importante *Romancerillo catalan*, o snr. Milá y Fontanals traz algumas serranilhas da tradição oral, que coincidem com os typos que temos definido, porém obliterando a fórma no modo da sua transcripção. Eis a canção de *Marieta:*

(1) *Cant. popolari siciliani*, t. 1, pág. 227.

—Marieta, lleva't, lleva't de mati,
que l'aygua es clara, el sol vol surti.
«Com m'en llevaré si gipó no tinch?

—Marieta, lleva't de mati, lleva't,
que el sol vol surti, que l'augua es clara.
«Com m'en llevaré, s'il gipo m'en falta? (1)

Na tradição portugueza é vulgarissima esta fórma, como veremos nas Cantigas a Sam João, e a Santo Antonio, e especialmente nas Vigilias ou alvoradas, em que segundo Gonzalo de Berceo se cantava a «*controbadura* dos trufanes.» Exemplifiquemos:

—Sam João da barba dourada,
Onde dormistes a madrugada?
«Dormi lá embaixo n'aquella horta;
E acordei entre estas cachopas.

Leite de Vasconcellos colligiu as seguintes cantigas da vigilia de San Antonio:

Santo Antonio d'aqui d'esta villa,
Quer que lhe pintem a sua ermida;
Santo Antonio, quero-t'eu adorar,
Pois os meus amores querem-me deixar.

Santo Antonio d'aqui d'esta praça,
Quer que lhe pintem a sua oraga;
Santo Antonio, quero-t'eu adorar;
Pois os meus amores querem-me deixar.

(1) *Romancerillo catalan:* n.º 568, var. B.

Quer que lhe pintem a sua ermida
Com uma pinturinha muy linda;
  Santo Antonio, quero-t'eu adorar,
  Pois os meus amores querem-me deixar.

Quer que lhe pintem a sua oraga,
Com uma pinturinha mui clara;
  Santo Antonio, quero-t'eu adorar,
  Pois os meus amores querem-me deixar. (1)

Em Rebordainhos, concelho de Moncorvo, o nosso amigo Leite de Vasconcellos encontrou a persistencia do antigo typo da *serranilha*, porém foi mal transcripto por causa da confusão com os refrens usados segundo os accidentes do bailado. Reduzimol-o ás fórmas definidas pela tradição gallega:

Pela manhaninha, manhã,
Pela manhaninha do olhar,
  Pela manhã;

Pela manhaninha de o rir,
Pela manhaninha de Abril,
  Pela manhã;

Pela manhaninha do olhar,
Pela manhaninha do Natal,
  Pela manhã;

Pela manhaninha de Abril
Com um tendeiro me quero ir,
  Pela manhã;

(1) *Annuario das Tradições portuguezas*, pág. 23; tamben não comprehendeu a fórma strophica.

Pela manhaninha do Natal
Com um tendeiro me quero andar,
Pela manhã;

Com um tendeiro me quero ir,
Inda leva um ceitil,
Pela manhã;

Com um tendeiro me quero andar,
Inda leva um real,
Pela manhã;

Em cuanto dinheiro lhe sentir;
Em o não tendo hei de fugir,
Pela manhã;

Em quanto dinheiro levar;
Em não tendo heide-o deixar,
Pela manhã;

Esta parece-nos ser a primitiva distribuição strophica, em *distico*, como se observa nas mais perfeitas serranilhas do Cancioneiro da Vaticana. Estas *controbaduras* são usadas nas mondas e segadas. Começam sempre por um *pé de cantiga*, como n'esta:

Na ribeirinha, ribeira,
N'aquella ribeira!

Anda lá um peixinho vivo;
Vamol-o caçar, meu amigo,
Ora lá na ribeira.

Anda lá um peixinho bravo,
Vamol-o caçar, meu amado.
Ora lá na ribeira.

Vamol-o caçar, meu amigo,

Comerémol-o cosido,
Ora lá na ribeira.

Vamol-o caçar, meu amado,
Comel-o-hemos assado,
Ora lá na ribeira.

Comerémol-o cosido
Com um boccado de pão de trigo,
Ora lá ná ribeira.

Comel-o-hemos assado
Com um boccado de pão alvo,
Ora lá na ribeira.

Com um boccado de pão de trigo
Com canabarro de bom vinho,
Ora lá na ribeira.

Com um boccado de pão alvo,
Com um canabarro de vinho claro,
Ora lá na ribeira.

Com canabarro de bon vinho
P'ra mim mais pr'o meu amigo,
Ora lá na ribeira.

Com canabarro de vinho claro
P'ra mim e pr'o meu amado,
Ora lá na ribeira.

Aqui temos pelo encadeamento d'estes disticos que se repetem o sentido da sua denominaçao de *controbadura*, usada por Berceo. Fazemos egual restituição strophica a esta outra serranilha de Rebordainhos:

Ferrungando vae a raposa,
Ora vae ferrungando!



Ferrungando vae pela villa,
Na bocca leva uma pita;
Ora vae ferrungando.

Ferrungando vae pela praça,
Na bocca leva uma pata;
Ora vae ferrungando.

Na bocca leva uma pita;
—Raposa, deixa á minha pita;
Ora vae ferrungando.

Na bocca leva uma pata;
—Raposa, deixa a minha pata;
Ora vae ferrungando.

—Raposa, deixa a minha pita.
«Antes deixarei a pellica;
Ora vae ferrungando.

—Raposa, deixa a minha pata
«Antes deixarei a samarra;
Ora vae ferrungando.

«Antes deixarei a pellica,
Que deixar tão gorda pita;
Ora vae ferrungando.

«Antes deixarei a samarra,
Que deixar tão gorda pata;
Ora vae ferrungando.

A ideia de Schuchardt, de que a fórma do terceto usado por Dante, no desenvolvimento escripto das litteraturas modernas, é *um encadeamento de retornellos*, justifica-se diante d'este facto da conservação de um genero lyrico de estrophes di-sticas, relacionando-se pelo encadeamento dos seus estri-

bilhos. Os estribilhos são dependentes mais do canto musico ou melopêa, e do rythmo da dansa, do que da linguagem metrificada. Na poesia popular da Grecia o *exarkon* é que levantava o tom ou começa o côro; usa-se isto no Minho. Os cantos são muitas vezes caracterisados pelos seus retornellos. Na Grecia o grito de *Hylas* ressoava pelas montanhas, como o *Helo Helo!* dos romances espanhoes ou o *Oli, olé, olella!* das canções italianas. Em Portugal o estribilho mais usual é o *Lali lolé* (nos Açores *Lari, loré*); na Galliza o estribilho do *Alalála* designa só por si um genero de cantigas. A generalidade d'esta neuma em toda a região occidental deriva de um fundo tradicional commum, que persiste nos costumes, nas crenças e superstições, anexins e dictados ainda os mais insignificantes.

III

Uma outra fórma strophica que distingue a poesia popular da Galliza é o terceto, a que vulgarmente se chama a *Ruada* ou *Cantar de pandeiro*. Escreve o historiador Murguia: «El *cantar de pandeiro* es por su parte el que mejor conserva su origen. Se canta, como el nombre lo dice, al son del pandero, y al de las *alegres conchas*, como las llama Ossian, usándose con especialidad en las comarcas en que predomina el tipo céltico. Compárense estas canciones de estrofas de tres versos octosílabos, de

los cuales el segundo es libre, consonando entre sí el primero y el tercero. Admirable continuación de la *triada céltica*. Algunas veces se corresponden más á otras, de manera que, mas que canciones separadas, semejan, mejor dicho, son estrofas de un largo poema.» (1). D. Joaquin Costa, citando o terceto como de origem celtica, persistente na Baixa Bretanha, diz: «Es metro por excelencia gallego; sin embargo, no lo desconocen del todo las demás literaturas de la Península.» (2) As fórmas da *triada*, independentes da rima, conservam-se nas tradições mais antigas, como anexins, esconjuros, adivinhas e fórmulas de jogos e cantos populares. O terceto é commum á Galliza e Portugal, sobretudo nos bailes de terreiro. O seu estribilho era o *Guai* ou *Oh ai!* d'onde veiu o nome a este genero de *Cantares guayados*, como os designava Gil Vicente no seculo XVI. Comparemos un estribilho gallego, que tamben se acha em Portugal:

Canc. Ballesteros:	**Versão do Minho:**
Anton era eu, andava na dansa non sei que lle deu.	Então era eu, andava no baile não sei que me deu.
Non sei que lle deu nin que ll' ha de dar, teño os meus amores n-a véira do mar.	Não seí que me deu, nem se me dá d'isso, trago os meus amores no real serviço.

(1) *Historia de Galicia*, t. I, pág. 252.
(2) *Poesia popular española*, pág. 456.

Nin que ll' ha de dar.
nin que lle daria
teño os meu amores
por donde eu queria.

Nos cantos populares do Minho é onde encontramos cantigas em *tercetos*, improvisadas á viola; pela fórma gallega da *Ruada* é que comprehendemos a sua estructura. Apresentamos em seguida uma *ruada* ou *cantar de pandeiro*, da Ulla, colligido por Murguia:

Veña o pandeiro á ruar,
Qu'estas son as mazarocas,
Que hoxe teño de fiar.

O pandeiro toca ben,
A ferreñas fanlle o son;
Vivan os que amores ten.

Vivan as mozas gallegas,
Vivan as bonitas mozas
Y os galans da nosa terra.

Mociñas, á bailar todas;
Mociña, arriba! arriba!
Ti tamen, meu Furabolos.

Non t'asañes, non, rapaz,
Qu'as nenas son para ver,
Os galans para mirar.

Cada un é pro que é,
O pan está pra fouciña
Antoniño, saca o pé.

A ruada vaise armando,
Tiza, Pepa, ese candil,
Qu'están á porta chamando.

Virán chuscos (Diol-o queira,
Pro ese chama no quinteiro
Y os chuscos ven pola eira.

Veña por onde quixer,
Toca pandeiriño, toca,
Mais que ch'o coiro rabée.

Estira a cófia, Maruxa,
Dobra as mangas da camisa,
E qu'o denguiño se luza.

Inés, sacude o mantelo,
Puntea ben, que ti ben sabes,
Dalle ó brazo e xunta os dedos.

Entra, meigo, non atruxes,
Garda, Xan, as castañetas,
E cóntame onde oxe fuches (1).

O *aturuxo* é um grito que se solta no meio das cantigas ou na ida para as esfolhadas e linhadas; diz d'elle Barros Sibelo: «aun hoy resuena en las revueltas montañas, valles y cañadas de nuestra patria, repetido por los campesinos para emprender alguna expedición nocturna» (2). Na poesia castelhana existe a *seguidilha* em terceto, como vemos em Lafuente y Alcántara, mas só na Galliza e Minho é que essa fórma se apresenta exclusiva.

(1) *Historia de Galicia*, t. 1, pág. 258.
(2) *Antigüedades de Galicia*, pág. 66.

No Minho o *Aturuxo* chama-se *Apupo*, grito em que se pronuncia *A-tu!* Nas Asturias chama-se a este grito característico do norte da peninsula *Renchilido*.

IV

Uma outra fórma lyrica predominante na poesia popular da Galliza é a *quadra*, formada do terceto pela repetição do primeiro verso, ou do distico aproximado pelo dialogo. Eis um exemplo do primeiro caso:

Para que me dás o si,
treidora, sendo casada
Para que me dás o sí
non che valendo de nada?

Aloméame, aloméame,
estrelliña d'a fortuna,
aloméame, aloméame,
mentras que non ven a lua.

Eis um exemplo do segundo caso, em que do dialogo em disticos se fórma a quadra:

— Cantan os galos é dia,
meu-amor, érgue-te e vaite.
«Como m'hei d'ir, queridiña,
como m'hei d'ir e deixarte?

É pela espontaneidade d'estes processos generativos que a quadra é tanto arabe, como celtica ou germanica; Schuchardt achou nos Alpes allemães

(Stiria, Carintia, Salzburgo, Tirol é Suissa) quadras semelhantes na fórma e pensamento ás quadras da Andaluzia; (1) no paiz de Galles as quadras são o *pennill*, no Friul as *villotas*, na Toscana é o *rispeto*. Na Galliza a quadra chama-se especialmente Cantar de *Alalála*, do estribilho que a fórma ou completa. Diz Murguia: «Los cantares de *Alalála*, son como los castellanos, cuartetas octosílabas; pero desde luego se advierte en la mayor parte de ellas, el empeño de que se correspondan unas á otras, tal vez porque conservan las huellas de su origen, que son las *regueifas*, en que los que se disputan el premio empiezan su cuarteta con el último verso de la anterior, cosa que sucede igualmente en las luchas que entablan los cantadores» (2). Em Portugal, sobretudo no Minho existem *cantadeiras* de fama, e este genero de cantos chama-se *á desgarrada*. A quadra gallega, segundo o seu emprego nas festas da vida domestica recebe um nome especial; cantada nos casamentos chama-se-lhe a *Regueifa*. Este costume é assim descripto por Sibelo: «Es la festividad nocturna de las bodas de nuestros montañeses. Reúnense los mozos á la puerta de los contrayentes, y con ellos todo el pueblo de las aldeas inmediatas; empezando los mejores cantadores á improvisar versos reclamando la *Regueifa*, que consiste en una hogaza de

(1) *Folk-Lore andaluz*, pág. 260.
(2) *Historia de Galicia*, *loc. cit.*

pan...» (1). Em Portugal existe este uso nas ceremonias do casamento na Bairrada e outras localidades; no Minho tambem se chama ao pão de trigo *regueifa*, que se distribue no dia da boda.

Os cantos dos namorados, a que em Portugal chamamos *despiques*, chamam-se na Galliza *Enchoyadas*, ou dialogos de cantadeiras. Muitas d'estas Enchoyadas apparecem na tradição portugueza, como a *Linda Pastora*, apparece na fórma gallega:

—Mariquiña, hermosa,
ti que fás ahí.
—Estóu gardando o gando,
ben me ves aquí (2).

A quadra é tambem a fórma strophica dos cantos de *Ani-novo* ou *Aguinaldo*, dos *Reyes*, *Maios* e *Nadal*, perfeitamente semelhante aos cantos populares portuguezes, coincidindo com os costumes. O receio de avolumar esta introducção inhibe-nos de reproduzir esses paradigmas. As quadras soltas, a que se chama *cantiga*, e que parecem ser improvisadas, repetem-se simultaneamente em Portugal e Galliza; citaremos algumas da rica collecção do snr. Pérez Ballesteros, como *Os cinco sentidos*, o *Padre nosso pequeniño*, e muitas fórmas dithyrambicas. Assim acham-se em Portugal, as mimosas cantigas:

Estimaba de te ver
trinta dias cada mes,

(1) *Antigüedades de Galicia*, p. 72.
(2) Pérez Ballesteros, *Cancionero gallego*, tomo I, pág. 97.

cada semana seis días,
cada día sua ves.
(*Canc. gall.*, tomo II, n.º 12).

Os ollos requeren ollos;
O corazón, corazón;
O pano d'o teu mantelo
Requere o d'o meu calzón.
(ib., n.º 21).

Em Portugal esta cantiga tem um sentido moral:

Os olhos requerem olhos,
Os corações corações,
Tambem as boas palavras
Requerem boas rasões.

A poesia lyrica do povo não se separa do canto, nem do seu destino domestico; as *Fias*, *Sachas*, *Mallas* e *Magostos*, são tambem no Minho as festas das povoações, com o nome de *Malhadas*, *Esfolhadas*, *Descamisadas*, *Linhadas*, *Beçadas*, e todo o trabalho é feito com a expansão das cantigas. Ao Minho póde applicar-se a cantiga gallega:

Déixame de *castañetas*,
de *ferreñas* e de *gaitas*,
qu'a mellor *fuliada* é
ter a barriguiña farta.

V

Resta-nos fallar dos cantos heroicos na Galliza. Do *romance* popular gallego diz D. Manuel Murguia: «Aqui en este país, en donde abundan las leyendas,... puede decirse que carecemos del verdadero *romance*, como si se quisiese decir de esta manera que á nuestro pueblo algo de profundo é insuperable le separa del resto de la nacion... casi podemos asegurar que *no se conoce en Galicia el romance*... Parece que hacia la parte de Asturias, en Rivadeo y Vega de Castropol se conservan algunos escritos en una de esas variedades del gallego, natural á nuestros pueblos fronterizos... Nosotros podemos decir, que apesar del grande empeño que en ello hemos puesto, nos ha sido imposible adquirir en gallego un romance de regulares dimensiones.« (1) Quando D. Manuel Murguia exprimiu esta negação, ainda a tradição gallega estava pouco interrogada, e a portugueza apenas tocada á flor por Garrett. Hoje que a tradição portugueza do Minho, Traz-os-Montes, Beira-Baixa, Alemtejo, Algarve, Madeira, Açores e Brazil está bem conhecida, completam-se os elementos para a critica

(1) *Historia de Galicia*, ibid., pág. 256.



com a publicação de D: Juan Menendez Pidal, dos *Viejos romances que se cantan por los Asturianos.* (1) Menendez Pidal viu o lado importante do problema: «Romances de los contenidos en esta obra que no se hallan en las colecciones castellanas, tienen un eco en el romancero portuguez, y quizá tambien lo tengan en el inédito de Galicia: porque estas tres regiones, unidas entre sí por la naturaleza, se asemejan grandemente por sus costumbres y manera de expresión.» (2) No *Cuestionario del Folk-Lore gallego*, n.º 95, já se indicam os principaes romances tradicionaes, uns locaes como o da *Albuela*, *Sylvanina*, *Guirinelda*, o *Segador*, *Duque cego*, *Conde Nilo*, *Rufina hermosa*, outros tomados os typos a investigar das collecções portuguezas.

A Galliza em toda a sua poesia tradicional é a que apresenta os typos mais archaicos; vimol-o no lyrismo e o mesmo caracter apparece agora no Romanceiro. O documento mais antigo que hoje se conhece é o Romance gallego de Ayras Nunes, intercalado no *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, que é um d'aquelles que Affonso o Sabio, que se educou em Galliza, dissolveu em prosa na sua *Cronica geral.* O romance de Ayras Nunes começa:

Desfiar enviaron
ora de Tudela
filhos de Don Fernando,
del rey de Castella;

(1) Madrid, 1885, 1 vol. in-8.º de 360 páginas.
(2) Op. cit, pág. 275.

e disse el-rei logo:
—Ide alá Don Vella, etc. (1).

Ha n'este romance a singularidade de ser composto em metro de *redondilha menor*, quando a totalidade dos romances castelhanos são em verso de *redondilha maior*. Aos romances n'este metro, anteriores do seculo XV, chamava Ayala *Cantar de antiguo rimar*. O romance de Ayras Nunes pertence ao fim do seculo XII. Um outro romance gallego, no mesmo metro, que não é posterior ao seculo XIV, é o que appareceu em Portugal em um Cancioneiro do Conde de Marialva, que começa: *No Figueiral figueiredo*, e no fim do seculo XVI publicado por Brito na *Monarchia luzitana* (2). Na versão do manuscripto do Conde de Marialva, publicada por D. Mariano Soriano Fuertes, na *Historia de la Música en España*, o texto d'este romance é em dialecto gallego; o seu thema é um mytho commum a muitos outros povos, e por isso a sua elaboração pertence a uma época em que a Galliza se estendia ainda até ao Tejo. Temos outros romances portuguezes oraes, que tambem se repetem ainda hoje na Galliza, porém esses são com o caracter funda-

(1) Sobre este romance publicamos um estudo na *Academia*, de Madrid, de 29 de Abril, de 1877.

(2). Fernando Wolf, no *Studien zur Geschichte der spanichen und portugiesischen Nationalitteratur*, pág. 693-4, consider a acançao do *Figueiral* como evidentemente antiga apesar de alguns retoques. Milá y Fontanals, na *Romania*, 1877, pág. 53, diz-nos que os gallegos consideram este romance como originalmente seu.

mental da redondilha menor; taes são o romance de *Iria*, de *Cego*, da *Linda pastorinha*, do *Estudantinho* ou o Galante. O Romance de *Don Bueso*, que se repete no Minho, tem na versão asturiana ó metro de redondilha menor, assim como na tradição do Algarve. Esta caracteristica não tem sido observada com cuidado; porque o romance em redondilha maior é uma nova elaboração dos cantos heroicos durante o seculo xv, e com essa fórma entrou nas collecções impressas do seculo xvi. N'este problema é da Galliza que se devem esperar as mais importantes descobertas tradicionaes. O romance em octosylabos não penetrou profundamente na Galliza; fallando do romance picaresco *Elas eram tres comadres*, diz Murguia: «Debemos advertir que los verdaderos romances, es decir, los octosílabos, son los que se encuentran más mal hechos en Galicia...» (1).

Poderiamos ainda fallar dos rudimentos dramaticos, de que os *Villancicos* são a fórma persistente na Galliza, hoje extincta em Portugal; o *Jogo da Condessa*, que é um verdadeiro esboço de drama, acha-se na Galliza (2) e nas versões oraes do Minho e Madeira. Um grande numero de Anexins, Parlendas infantis e Supersticões, similhantes nos dois paizes, accusam a sua antiga unidade ethnica quebrada pela boçalidade egoista de uma politica

(1) *Historia de Galicia*, t. i, pág. 578.
(2) *Bibl. de las trad. populares españolas*, t. iv, pág. 136.

sem plano. A obra do snr. Ballesteros é a primeira pedra para a reconstrucção d'este primeiro monumento da cultura entre as nacionalidades hispanicas.

THEOPHILO BRAGA.

AGRAVIOS [1]

—

1. Ábreme a porta, miniña,
que quero entrar para dentro
que non son [2] ningunha guardia
para estar d' estacamento.

(1) No hay vestigios de tradición primitiva respecto á poesía popular cantada, en términos que los cantares todos de la presente colección, revelan pertenecer al siglo actual y á los que inmediatamente le precedieron.

Con el nombre genérico de *copras* se conocen las cuartetas octosilábicas que tienen libres el primer y tercer verso, y asonantados ó aconsonantados el segundo y el cuarto. Sea por casualidad, por la cultura del inventor ó porque su origen no sea puramente popular, se encuentra alguna copla, aunque muy rara vez, que forma verdadera redondilla.

El P. Sarmiento, á mediados del siglo pasado, hallábalas cosa corriente en Portugal, donde «cada pastor es poeta y cada moza de cántaro poetisa», circunstancia que aunque común á toda España es más notoria y frecuente en Portugal y Galicia. Y aun añade aquel ilustre escritor: «En Galicia las mujeres no son sólo poetisas sino músicas naturales.»

El Sr. D. Manuel Murguía dice también en su *Historia de Galicia:* «No hay acto de la vida vulgar que no tenga sus coplas; las mujeres principalmente parecen haber inventado este medio de dar á conocer sus sentimientos.»

(2) *Ningunha*, del género femenino, en lugar de *ningún*, masculino.

2. Anda, ti, falso e refalso
falso che volvo á dicir
o día que me vendeches
¿cánto che deron por min?

3. Aquela d'o verde-madre
quitóume a miña monteira;
dáme a monteira, d'o verde,
d'o verde, dáme a monteira.

4. Á tua porta me tès
Como á un *feixe* de leña (haz)
Nin ben me dis, que me vaya,
Nin ben me dis que me estéa.

5. A tua color se vòlva
d'a cinta d'o meu sombreiro;
que tan pronto m' olvidache,
por ser o amor primeiro.

6. Olvidáchesme, olvideite,
nada che quedei debendo
cántos mellores que ti
quérenme sin ter diñeiro.

7. Olvidácheme, olvideite,
n'a moneda che paguéi; (1)
o día que me olvidache
amores novos tomei.

8. Olvidácheme por probe
e terás moita razón;
amor probe e limón verde
sirven cando hai ocasión.

9. O meu amor *foise*, *foise* (2),
sen se despedir de min
malas novas foran dél
o día que o conocín.

10. Para que me dás o sí,
treidora, sendo casada;
para que me das o sí
non che valendo de nada.

(1) La preposición *en* pierde la *e* para dar más energía á la frase.
(2) Es muy común en los cantares gallegos la repetición de una misma palabra, como *foise*, *foise*.

11. Paséi pol-a tua porta
pedinch'auga e non m-a deche [1]
válgame Dios, quiridiña,
que soberbia te fixeche.

12. Si soupera quen ti eras
en facerme desquerer
non ch'houbera feito caso
d'outros amores non ter.

13. Trocaches ouro por prata
o ouro máis che valía
trocáchem'a min por outra
eu á tí non ch'o facía.

14. Zapatiño d'unha sol (suela)
trayo debaixo d'o pé

(1) Los gallegos, para evitar el hiato ó choque de dos vocales, usan el apóstrofo como en «dinch'auga», «non m'a deche» de este verso. El apóstrofo, de que carece el castellano, es común con otras varias lenguas.

En una colección de poesias de un cancionero inédito del siglo xv, existente en la biblioteca de S. M. el Rey D. Alfonso XII, hay apóstrofos parecidos á los del gallego, por ejemplo: todo'-mbre (por todo hombre), pág. 3; que'-s (por *que es*, t'as (por *te has*).

amar a quen non me ama
bastante traballo é (1).

Los números 1, 4, 8, 10 á 14 fueron obtenidos en San Juan de Pravio, Santa María de Cela y Santa María de Cambre y el 2 en Oleiros y Burgo, todos del partido judicial de la Coruña. El 3 en Abegondo, partido de Bètanzos. El 6 y 7 en Ares, partido de Puentedeume.

(1) En los cantares del presente grupo y en todos los de esta obra, ha prescindido el colector de la etimología de las voces que debiendo pronunciarse con el sonido de x, ó sea el de la voz francesa *chercher*, buscar, las escriben algunos escritores con la *g*, la *j* y la *x*. Justifica la adopción de un solo signo el observar que el sonido x tiene nada menos que ocho fuentes diversas de etimología que, si muy importantes para los eruditos, se oponen á la sencillez y facilidad ortográfica que debe ser del dominio de todos. En castellano mismo tuvo la x el sonido representado por dicha letra en los escritos de bastantes cultivadores del dialecto.

AGRÍCOLAS Y METEOROLÓGICOS

1. Acabáronse as vendimas
ahí veñen as esfolladas
para comer co'as nenas
catro castañas asadas.

2. Eu co-a miña monteira
e c'o meu sayo de lan
voume en cas'd'o señor cura
co-a aguillada n-a man.

3. Miña nai e mais a tua
ambas iban â taberna
levan a *xatiña* branca (ternerita)
e mais tamén a marela.

4. O *carballo* d'a portela (roble)
ten a folla revirada
que ll'a revirou o aire
unha mañán de *xiada*. (helada)

5. Si chove deixa chover
si *orballa* deixa orballar (niebla que moja)
qu'eu ben sei d'un abriguiño
onde m'hei d'ir á abrigar.

6. Teño unha vaca â ganancia
que m'a deu un vinculeiro
mais sobre todo, rapaza,
téñoche moito diñeiro.

7. Vente, ventiño d'o Norte
vente, ventiño norteiro;
vente, ventiño d'o Norte,
¡arriba! meu compañeiro.

Los números 1, 2 y 3 obtenidos en Elviña, partido judicial de la Coruña. Los 4 y 5 en Pravio, partido de id. El 7 en Ares, partido de Puentedeume.

AMOROSOS

1. Adiós, miña Manoeliña,
á chorar molléi un pano
non pensei que namorar
me dese tanto traballo.

2. Ahí tel-o meu corazón
fechadiño con duas chaves;
ábreo, métete *drento*
que ti soliña ben cabes.

3. A *luna* (1) vai encuberta
á min pouco se me dá;
a luna qu'a min m'alumbra
dentro d'o meu peito está.

(1) Se dice *luna* y *lua*.

4. A mar anda que desanda
andá que desaparece:
quen ten amores non dorme
quen no-nos ten adormece.

5. Aparta, loureiro verde,
deixa clarear a lúa;
si non vexo os méus amores
non vexo cousa ningúa.

6. Á raís d'o toxo verde
é moi mala de quitar
y os amoriños primeiros
non se poden olvidar.

7. Á tua porta hay lama
bótall'a herba abilleira
n'a tua vida tuveches
amor que mellor *che* (1) queira.

8. Cando a lebre diga misa
e o raposo sea frade

(1) Se dice *che* y otras veces *te*.

d'aquela (1), meu queridiño,
que nosa amistá s'acabe.

9. Cándo ha de ser domingo;
domingo cando ha de ser,
cándo ha de ser domingo,
miniña, para te ver.

10. Cantan os galos ô día
meu amor, érguete e vaite
—¡cómo m'hei d'ir, queridiña,
cómo m'hei d'ir e deixarte.

11. Cánta, compañeiro, cánta,
cánta, que cadramos ben,
¡cántas almas se condenan
porque nos queremos ben!

12. (2) Cinco sentidos che temos
tódol-os necesitamos

(1) *D'aquela* quiere decir *entonces*; se sobreentiende la palabra vez. Hay en gallego bastantes modos adverbiales, formados elípticamente, que llevan sobreentendido el sustantivo con quien conciertan.
(2) Es igual á otra castellana.

todol-os cinco perdemos
en canto nos namoramos.

13. Cando as pedras deren gritos
y-o sol parare d'andar
e a mar non tivere augua
heime de ti d'apartar.

14. Heime de casar n'aldea
anque sea c'un rapás
heille de peinal-o pelo
o de diante para atrás.

15. (1) Eu non sei o que me deches
que non te podo olvidar;
de día n'o pensamento,
e de noite n'o soñar.

16. Eses teus ollos, miniña,
son lancetas de sangrar:
os meus, quérenche dar vida
os teus, quérenme matar.

(1) Parece castellana.

17. Estrelliña d'o luceiro
quen ten amores non dorme
senón o sono primeiro.

18. Eu ben-a vira sobir
eu ben-a vira baixar,
como era cousa miña
conocin-a pol-o (1) andar.

19. Eu tiña cinco xustillos
todos cinco emballenados,
tamén teño cinco amores
catro, viven engañados.

20. Funme deitar á durmir
ô son d'a auga que corre
e a auga foime dicindo:
«quen ten amores non dorme».

21. Mais o que ben quixo un día
s'a querer ten afición

(1) Es frecuente la sustitución de la s y de la r por la l, porque el gallego prefiere, como en este ejemplo, el sonido de la l por ser más claro y más dulce que el de la r. De ahí el que diga también: peinal-o pelo (como en el cantar núm. 14 que acaba de referirse), en lugar de *peinar o pelo*.

sempre lle queda unha *mágoa* (herida)
dentro d'o seu corazón.

22. Manoel, Manoeliño,
Manoel feito de cera:
quen me dera ser ó lume
que a Manoel derretera.

23. Miña nai, quérolle moito,
está moi posto en razón;
que me trouxo nove meses
de par d'o seu corazón.

24. Miña nai, miña naíña,
miña nai d'o corazón
que me trouxo (1) nove meses
debaixo d'o seu mantón.

25. N-este *logariño* corto
amores hei de tomar

(1) Aunque ha oído el colector pronunciar trouxo, cree que debe decirse trougo, porque el gallego huye de los diptongos en u (como au, eu, ou), en las voces que tienen *x*, y opta por la i, como en *debaixo* del cuarto verso y en *cereixa* y *deixar*, haciendo así más agradable la pronunciación.

cal n-o bico, cal n-o fondo,
cal n-o medio d-o lugar.

26. Non quero que me des nada
nin que t'acordes de min;
quero que teñas mamoria
d'o tempo en que te sirvín.

27. Non quero zapato báixo
que se me espeta n'a aréa:
non quero amores de lonxe
qu'os teño n-a miña aldea.

28. O amor qu'ha de ser meu
ind'ha de vir aquí hoxe;
s'ha de vir inda non tarda
que ten o camiño lonxe.

29. O corazón de Teresa
téñoo metido n'un vidro,
cando Teresa se morra
quédam'o corazón vivo.

30. Páxaro que vas voando
e levas *fío* n-o pico (hilo)
tráimo acó para coser
o meu corazón ferido.

31. Páxaro que vas voando
por riba d'ese convento,
tóma, lévam'esta carta
á meu hirmán-qu'está dentro.

32. Prénde, salgueiriño (1), prénde,
prénde n'a fonte serena;
que tamén meus ollos prenden
n'os olliños d'unha nena.

33. Quixera collerte sola
e contarch' o meu querer,
perọ ti tes unha madre
que (2) *te non me* deixa ver.

34. Regaliño d'os meus ollos,
prenda das miñas entrañas

(1) Diminutivo de *sauce*.
(2) Giro diferente del castellano.

se (1) non te casas conmigo
por qué non me desengañas.

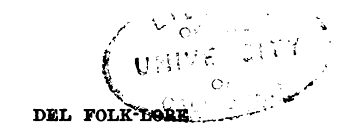
35. Si me tuveras amor
e me tuveras cariño
escribírasm'unha carta
n-as alas d'un paxariño.

36. Si queres que vaya e veña
de noite pol-o lugar,
manda cerrar a cadela,
que non fai senón ladrar.

37. Se soubera que ti dabas
pasadiñas por me ver,
tamén ch'eu dera palabra (2)
d'outros amores non ter.

38. S'o ben querer se pagase
moito m'estabas debendo

(1) Es común usar el se por el si.
(2) Dice el distinguido humanista gallego Sr. Saco y Arce, que las transiciones del pronombre de primera persona debieron ser las siguientes: ἐγώ, griego; *ego*', latín; *eu*, gallego-portugués; *iéu*, provenzal; *io*, italiano; *yo*, castellano; *je*, francés.
En este cantar es notable la trasposición del pronombre.



n'a tua vida me pagas
o ben que te estou querendo.

39. S'o mar tivera barandas
fórate ver ô Brasil;
mais o mar non ten barandas:
amor meu ¿por ónd'hei d'ir?

Los números 1, 22, 37, 38 fueron obtenidos en Elviña, partido judicial de la Coruña. El 4 fué obtenido en Vivero, provincia de Lugo. Los 2 y 6, id. en Ares, partido judicial de Puentedeume. Los 3, 5, 8, 11, 29, 31, 34 en Cambre y Pravio, partido judicial de la Coruña. Los 12, 14, 33, en Oleiros y Santiago del Burgo, id. Los 18, 19, 21, 27 en Santiago de Compostela, id. El 24 en Abegondo, partido de Betanzos.

ANIMALES, PLANTAS Y FRUTAS

1. A perdís anda n'o monte
o perdigón n-o valado;
anda dicindo a perdís:
chégat'acá namorado.

2. Catro aves escollidas
son as que pasan o mar:
o cuco, e a *andoriña* (golondrina)
a *rula* e o *paspallás* (tórtola) (codorniz).

3. Déchem'unha pera parda
e tamén unha xuaneira
déchema pol-a ventana;
Dios ch-o pague charrusqueira.

4. Déchem'unha pera parda
e unha mazán, Xuaniña,
déchemas pol-a ventana
Dios ch'o pague, queridiña.

5. Este ano hai moito liño
este ano hay moita *aresta;* (aristas)
si che dou c'o liño, nena,
si che dou c'o liño hai festa.

6. Eu ben vin estar a morte
depinicando n-as uvas:
vaite d'ahí, morte negra
desamparo d'as viudas.

7. Eu ben vin estar o *moucho* (mochuelo)
enriba d'aquel *penedo*: (peñasco)
non che teño medo, moucho;
moucho, no che teño medo.

8. Eu ben vin estar o moucho
chorando n-aquel penedo:
chora moucho, chora moucho
chora, que non teño medo.

9. Eu ben vin estar o cuco
en loita c'o *paspallás;* (codorniz)
así como foi mentira
tamén pudo ser verdá.

10. Eu perdin-o e encontreino
miña nai, tuven fertuna;
eu perdino entr'a cebada
encontreino entr'a verdura.

11. Marica, ti eres a lima
e teu pai é o limón
e tua nai a laranxa;
¡mira que comparación!

12. Paxariño millarengo,
non me comas as cereixas;
que as teño moi gardadas
para dar âs costureiras.

13. Paxariño millarengo,
non me comas as cereixas;
qu'o meu marido está fora
non teño á quen dar as queixas.

14. Paxariño millarengo,
non me coma-l-as mazás;
que as teño moi gardadas
para dar ô meu rapás.

15. Pepiña ten un *peral* [1]
que dá peras bergamotas
para lle dar ôs rapaces
porque non lle canten copras [2].

16. ¡Qué demo de merlo *mouro* (negro)
donde foi poñer o *niño!* (nido)
cuberto con unhas *polas* (ramas)
n-o medio d' un *carballiño* (roble).

17. Quen *che* me dera, repolo,
repoliño repolado,
quen *che* me dera, repolo,
n-a miña hortiña prantado.

18. Sei un niño de paxáro
n-un cañoto d'un repolo:

(1) *Pereira*, en gallego.
(2) Semejante á una copla castellana, que concluye de un modo opuesto al de la presente.

déronm'as nenas con él
levaron cañoto e todo.

19. Si souperan os casados
a virtú [1] que ten a ruda
a colleran e prantaran
anque fora pol-a lua.

20. Si ti viras o que eu vin
n-o monte d'o Monterroso:
máis de sesenta mil *corvos* (cuervos)
d'a cabalo d'un raposo.

21. Teño n-a horta unha herba
que se chama a herba-torta;
todos os que ben me queiran
que veñan á miña porta.

22. Teño unha herba prantada
que se chama viouteiro;
a veciña d'esta porta
vende sin ningún diñeiro.

(1) *Virtú:* también se dice *virtude;* pues las voces que en castellano acaban en *d*, ó la pierden en gallego ó le añaden una *e* final.

23. Teño un *niño* de carrizos (nido)
n-un horteiro d'as cebolas;
vide, carriziños, *vide* (venid)
vide á ver as tascadoras.

24. Teño un niño de carrizo
n-un *cañoto* d'un repolo; (troncho ó tallo)
déronm'as nenas con él
levaron cañoto e todo.

25. Unha pera, duas peras,
non tiña máis a pereira,
unha era par'min
outra par'a compañeira.

26. Unha sardiña escochada
que era hirmán d'a cabezuda:
miniña que ten a honra
rise de quen-a marmura (ríese).

27. Vente comigo laranxa,
deixa quedar ó limón,

dormirás n-a miña cama
depar d'o meu corazón.

Los números 1, 10, 11, 12, 14, 17, 19 y 21 á 27 fueron obtenidos en Pravio y Cela, partido de la Coruña. El 2 y 16 en Oleiros y Santiago del Burgo, partido de la Coruna. El 4, 5 y 9 en Santiago de Compostela.

ARITMÉTICA

1. Catro cartos para pan,
tres e medio para viño,
un carto para tabaco;
alá vai un realiño.

Obtenida en Ares, partido de Puentedeume.

ASTROS

—

1. Aloméame, aloméame (1),
estreliña d'a fortuna
aloméame, *aloméame* (alúmbrame)
mentras que non ven a luna.

2. Púxenme'á contar estrelas
e votalas n-o sombreiro
no-n-as puden dar contadas
hastra que veu o luceiro.

Obtenidas en varios puntos.

(1) Está repetido en la sección de *Piropos*.

AUSENCIAS

1. Ahora que ven a leva,
a leva d'os homes todos;
lévanme o meu quiridiño,
lévanm'a vista d'os ollos.

2. Á Castilla van os homes
á Castilla por ganar
Castilla queda n-a terra
para quen quer traballar.

3. —Escribírach'unha carta
e dentro unha cinta verde
—non quero cinta nin carta
quero que veñas á verme.

4. Heime de embarcar n-un barco
n-un barquiño de papel;
anduvera en tod'a vida
para ver á meu Manoel.

Los números 1 y 2 fueron obtenidos en varios puntos. El número 4 en Vivero, provincia de Lugo.

BAILE Y MÚSICA

—

1. A gaita [1], cando m'a tocan
non-a quero destemplada;
pois, tan sólo sendo así
deixo d'ir â foliada [2].

2. Baila á modo, baila á modo,
non me rompal-os zapatos;
anque son de cordobán
á min custáronm'os cartos.

(1) Gaita: Algunos creen tradición de fisonomía céltica la afición al instrumento músico conocido con el nombre de *gaita gallega*.

(2) También se dice fuliada, porque la vocal *o* tiene afinidad en la vocalización con la *u*. Así vemos también que se dice *foxes* y *fuxes*; *ceo* y *ceu*; *cormán* y *curman*; *chapeo* y *chapeu*.

3. Baila quedo, baila quedo,
non me rompa-l-os zapatos;
qu'anque son de cordobán
tamén me custan os cartos.

4. Baila quedo, baila quedo
non me raches o mantelo
coidaches que era de pana
pr'o-eche de tersiopelo.

5. ¡Eixo! neuas, aquí todas,
aquí m'o habedes de dar
con pandeiros e ferreñas
dous cartos para gastar.

6. Pasei pol-a tua porta,
foliada no-n-a vin;
toda a miña vida choro
os zapatos que rompín.

7. Unha volta pol-o medio,
outra pol-o d'arredor,

así fai o que ben baila,
así fai o bailador.

Los números 1 y 6 fueron obtenidos en San Juan de Pravio, provincia de la Coruña. El número 3 en Monforte, provincia de Lugo. El número 7 en Abegondo, partido judicial de Betanzos.

BIENVENIDA

1. Benvenida, benvènida
benvenida de chegada
esa tua benvenida
téñocha ben deseada.

2. Diol-a garde, mi señora,
qu'hai tempo que no-n-a vin (1)
eu pregunto por usté
non pregunta usté por min.

Obtenidos en San Juan de Pravio, partido judicial de la Coruña.

(1) El colector ha cuidado de no usar la consonante *y* en lugar de la vocal *i*. De esta suerte se evita tener dos signos para un solo sonido, y se consigue uniformar la escritura evitando, por ejemplo, que en el singular se diga pay, nay y en el plural pais, nais.

BURLESCOS

—

1. Almendrillas n-as orellas
tamén-as ten o meu can,
cando vai atrás d'as lebres
sempre pensa que lle *can* (caen).

2. Almendrillas n-as orellas
maldita gala che é;
unha boa camisiña
un bon zapato n-o pe.

3. Amores, cortei un dedo,
amores, foi ben cortado,
quen teña o mal que o cure
qu'á min non me da cuidado.

4. A muller d'o meu hirmán
chámame cara lavada;
¡pasa a y-auga [1] po-la porta,
lávate, miña cuñada!

5. Antoniña, miña Antona,
buscarás á quien quixeres;
non che han de faltar homes
nin tampoco á min mulleres.

6. Aquela vella d'o diaño
seic'-a atentóu o pecado
botou as berzas n-o pote
remexéunas c'o forcado.

7. ¡Arriba! pandeiro roto,
arriba, manta mollada,
que dond'estamos os homes
as nenas non valen nada.

8. As garelas de Betanzos
cando van par'o muíño

(1) Pasa a y-auga. La y interpuesta sirve para interrumpir el hiato y favorecer la eufonía.

levan un gato esfolado
para comer n-o camiño.

9. As mulleres que son boas
Dios lles dé boa fortuna:
sarna con dolor de *moas* (muelas)
ortigas pol-a cintura.

10. As señoras son bunitas
porque teñen almidón;
quen m'as dera ver n-a eira
tirando po-lo ligón.

11. As neniñas de Laíño (cerca de Padrón)
eu diréi quén elas son:
refaixo sobre refaixo
faldra n-a camisa non.

12. Cando a lebre diga misa
e o conexo sea abade,
deixaréi o meu querer
por coller a tua amistade.

13. —Casáime, meu pai, casáime;
—Miña filla, non tes roupa
—Casáime, meu pai, casáime
qu'unha perna tapa a outra.

14, Catro me queren,
tres son d'a Audencia;
vállach'o deño
con tal comenencia.

15. Debaixo d'a miña casa
téñoch' un niño de *lebre*; (liebre)
e ti debaixo d'a tua
tél-o *deño* que te leve (demonio).

16. Dicen que veu de Betanzos
unha parranda tal cual:
Xacobo, ó coxo d'o Carmen,
Beleriño e Codesal (4 notabilidades de Ares).

17. Ese que vai por ahí
inda me debe un real;
heille de cobrar n-a capa
q'o sombreiro no-n-o val.

18. Este ano hay moito trigo;
¡casamentos que ha d'haber!
hase de casar á fame
co'-a gana de comer.

19. Eu queríame casar
e meu pai no-me deixou;
agora vou de soldado
¡boa muller me buscou!

20. Eu teño un cansiño
e usté ten dés;
o que ten dés càs
pode ser xués.

21. Eu teño un cansiño
que veu d'a Marola
e baila o fandango
c'unha perna sola.

22. *Funme* a casar â montaña, (fuíme)
qu'é terra d'os maragatos;
déronm'unha muller vella
toda roída d'os ratos.

23. Funm'a casar â montaña
porqu' había moito pan:
¡o forno de miña sogra
cría os *fieitos* n-o vran. (helechos)

24. Hei de vir, e hei de ir
fala non ch'a hei de dar
heite de facer moer
com'os barqueiros n-o mar.

25. Ingori, ingori,
enterremos este probe,
e si non ten diñeiro
enterrémolo n-o palleiro.

26. Miña cuñadiña nova,
meu hirmán [1] eche pequeno;
si queres que medre logo
mándall'o almorzo cedo.

(1) Una de las diferencias que separan los sub-dialectos gallegos es la n en lugar de la u. El sub-dialecto septentrional dice hirmán, man, chan, y los plurales uns, cans; mientras que el meridional prefiere decir hirmau, mau, chau ó chao, us, càs.

27. Miña nai botoume fora
por enriba d'un tellado:
vaite, miña filla, vaite
vai tornar un porco bravo.

28. Miña nai deum'unha tunda
co'aro de unha peneira (criba)
{ ela non tiña / miña nai, teña } vergonza
d'a xente que ven d'a feira.

29. Miña nai por me casar
prometeume canto tiña:
así que me véu casada
pagóume c'unha galiña.

30. Miña *roquiña*, espenada (rueca)
meu *fusiño*, por encher; (huso)
a miña sogra, enterrada;
o meu home, por nacer.

31. N-a miña vida tal vin:
fato de bocas abertas
todas mirando pra min.

32. N-a miña vida tal vin
n-a aldea d'o *Pastel* (en Pravio)
un gato n-unha ventana
tocando n-un cascabel.

33. N-a miña vida tal vin
n-aldea de *Sigrás;* (entre la Coruña y Carral)
unha *cadela* con pitos (perra)
unha galiña con *càs.* (perros)

34. N-a miña vida tal vin:
trocál-o *gran* pol-a palla,
olvidar á unha solteira
por querer á unha casada.

35. N-a miña vida tal vin,
un gato n-unha ventana
tocando n'un violín.

36. Nena, que estás n-a ventana
co'as puntas d'o pano fora,
recólleas para dentro,
qu'o pano no-me namora.

37. Non quero un home pequeno
á miña m'ha de valer
que me parece n-a casa
unha *xesta* de barrer (escoba de retama).

38. O amor d'a costureira
era papel e mollouse;
ahora, costureiriña,
o teu amor acabouse.

39. O amor qu'ha de ser meu
ha de ter: as pernas tortas,
a barriguiña redonda
e unha xoroba n-as costas.

40. O cariño que che teño
e máis o que ch'hei de ter
cabe n-a casca d'un ovo
e mais no-na ha de encher.

41. O crego foi ô moíño
e cayéu d'a ponte en baixo;
acodide ô crego, nenas,
que vai po-lo río abaixo.

51. Quen ande de noite â lua
por causa d'o seu amor
que tome as pedras por leito
e a *moca* por cobertor. (bastón gruesísimo).

52. Sále para fora
déixame pasar
tua nai é probe
non me ten que dar.

53. Si ti viras o q'eu vin
alá riba, en Monterroso,
sete frades d'un convento
d'á cabalo d'un raposo.

54. Si ti viras o q'eu vin
fuxiras com'eu fuxín
un gato n'unha ventana
tocando n'un violín.

55. Sále para fora,
cara de macaco,
tíroch'unha pedra
fágoch'un burato.

56. Tanta laranxa d'a China,
tanto limón por pelar,
tanta nena retrachera
como hai n-este lugar.

57. Todos me din que me caso
xa me dan o parabén;
todos me din que me caso,
pero no-me din con quén.

58. Todos os homes pequenos
son feitos de mala masa;
toda-l-as horas d'o día
son *agoiros* (1) n' unha casa (agüeros).

59. Unha vella fixo papas
e o pote *botóullas* fora: (echólas)
hay un ano que foi esto
e *inda* hox'a vella chora (aún).

(1) En *agoiro* hay uno de los cuatro diptongos en *i* (ai, ei, oi, ui), que el gallego tiene á semejanza del griego. En el cantar siguiente hay uno de los tres en *u*, que al igual del griego, tiene también. Los diptongos, en abundancia repartidos, dan al gallego un marcado carácter de blandura.

60. Vamos para cáis
qu'hay moito que ver:
un canciño branco
con un cascabel.

61. Víve, ti, durme e descansa
e por min non teñas pena,
porque, me tés tan segura
com'a auga n-unha cesta.

62. Xaniño, Xaniño, Xan,
perniñas de *carabullo*, (palo muy torcido)
andas engañando as nenas
de noite, po-lo escuro.

63. Xaniño, Xaniño, Xan,
perniñas de gabilán,
andas engañando as nenas
domingo po-la mañán.

64. Xaniño, Xaniño, Xan,
ten-a camisa rabela

que ll'a fixo a costureira
para que non mexe n-ela.

Los números 1, 2, 6, 13, 18, 19, 20, 22, 23, 26, 28, 30, 32, 33, 38, 41, 43, 47, 49, 56, 62, 63 fueron obtenidos en San Juan de Pravio, partido judicial de la Coruña: la mayor parte se cantan en diferentes puntos de la provincia. Los números 4, 5, 7, 8, 9, 15, 17, 35, 36, 44, 45, 54, 57, 59, 64 en varios puntos de los partidos de la Coruña, Santiago, Padrón y Betanzos. Los números 16, 27, 42, 53 en Ares, partido de Puentedeume. El número 21 y 31 y 37 en Santiago de Compostela. El número 24, 41 y 39, 46, 48, 50 y 51 en Vivero, provincia de Lugo. El número 29 y 40 en Monforte, provincia de Lugo, y en varios puntos de la provincia de la Coruña.

La abundancia de cantares burlescos y picarescos, revela bien dos cualidades psicológicas de los hijos del país, los cuales gozan mucho con la burla y rasgos picarescos aunque encubiertos con cierta socarronería.

CANTAR (SOBRE) [1]

1. A gracia de cantadora
perdina, triste de min,
sendo n-o monte pastora.

2. Algún día cantéi ben
agora, vella, non podo,

(1) Al ocuparse el Sr. Milá y Fontanals de los tercetos gallegos, dice: que esta clase de estancias son de versos octosílabos, casi siempre libre el segundo ó aconsonantados el primero y el tercero, y llama la atención acerca de la diferencia que presentan acerca de este punto las demás poesias populares de España y Portugal. Añade el mismo escritor, que existen letrillas castellanas y alguna danza catalana en que el tema es un terceto con las rimas abb, á semejanza del terceto gallego siguiente:

Anque che son d'a montaña,
anque che son montañesa,
anque che son non me pesa.

Los *stornelli* ó *sciure* italianos ofrecen mucha semejanza con los tercetos gallegos, con la notable diferencia de que aquéllos son endecasílabos. El referido Sr. Milá no halla semejanza entre el terceto gallego y el terceto céltico: sería completa si el primer verso no presentase disparidad de rima; pues sabido es, que el céltico era monorrimo en los tres versos.

Los tercetos se prestan muy bien para acompañar el baile, que se llama también *rua* y *ruada*, al compás del pandero: de aquéllos volveremos á ocuparnos al hablar de las ruadas.

a que canta ben de moza
sempre lle vai dando modo.

3. Anque canto, canto rabias
quen m'as ôi ben m'as entende (quien me las oye)
doume Dios habilidade (dióme)
de comprar á quen me vende (1).

4. Anque botes e rebotes
e volvas á rebotar,
detente, miña miniña,
que por baixo has de quedar.

5. Anque botes e rebotes
e volvas á rebotar;
inda teño un saco cheo
outro por encomenzar.

6. Á tua porta, miniña,
vouche (2) â cantar os reis:

(1) Es notable esta copla que el colector oyó cantar más de una vez.

(2) La forma che de *vouche* es enclítica, como lo son: me, lle, les, se, te, o, a, os, as. Así se dice fáime, déillel-os, en donde á la vez debe notarse que el *llel* equivale á *lles*, en virtud de la sustitución de la *s* por la *l*, alteración propiamente eufónica.

o caravel ten dez follas
e a rosa dazaséis.

7. Axeitácheme a polainiña
a-xei-tácheme a polainá
axeitáchema por un lado,
que-d'o-outro-xa che está (música especial).

8. Axudádem' á cantar
e mais á botar por ela;
que non debo carto a home
nin á muller d' esta terra.

9. Cantade, nenas, cantade,
qu'o voso cantar m'alegra;
s'o voso cantar non fora
xa n'-estaba n-esta terra.

10. Cantares e máis cantares
cantares ch' hei de cantar;
teño a hucha nova chea
e un costal por desatar.

11. Cánta ti, cantaréi eu,
iremol-os dous cantando,
cánte quen tuvere amores
qu' os meus vánsem' acabando.

12. Cántos m' están marmulando
porque d' esta hora canto;
inda eles terán fillos
que lles pasará outro tanto.

13. Con esta miña gaitiña
as nenas hei de engañar,
non sean elas *toliñas* (locas)
non veñan ô meu cantar.

14. Encomeza, encomeza,
si queres encomezar;
o primeiro que comeza
primeiro ten qu' acabar.

15. Esta miña gargantiña
no-n-a fixo un carpinteiro:
si queredes que vos cante
habedes de dar diñeiro.

16. Ésta vai por despedida,
hoxe aquí non canto outra,
os señores que m' a oyan
d' hoxe un ano m' oyan outra.

17. Eu cantar ben che cantaba, (1)
algun día ben cantéi;
agora xa che vou vella,
agora xa me malvéi.

18. Eu non canto por cantar
nin por gana que lle teña;
que canto por aliviar
d'o meu corazón a pena.

19. Indo pol-a mar abaixo
oín cantar a *serena* (sirena)

(1) En gallego es muy frecuente ver junto al verbo el dativo del pronombre de segunda ó tercera persona, aunque el interlocutor no desempeñe oficio directo ni indirecto en la oración: por ejemplo, *dóyencheme as moas*, ó sea, duélenteme.

Esta diferencia del castellano y del gallego pudiera parecer á los hijos de Galicia sequedad y despego por parte de los castellanos; siendo así que el rigor del lenguaje es quien verifica la supresión de un dativo pronominal, innecesario, y sólo disculpable en los gallegos, que por carácter, tienden á establecer desde luego relaciones de benevolencia entre los interlocutores.

¡válgame Dios, *case* (1) canta
unha cousa tan pequena!

20. Namoreime d'unha nena
porqu'ela cantaba ben;
ahora morro de fame,
o cantar non me mantén.

21. O cantar d'o galleguiño
é cantar que nunca acaba;
comenza con *tailalila*
e acaba con *tailalala*.

22. ¡O meu cantar, xa non viste!
canto para que non digan
« Alegre, ¿por qu'estás triste? »

23. O que m'axude á cantar
heille de dar chicolate;
e ô que no-me axudare
un veneno que o mate.

(1) Es frecuente el uso de la voz *case* por *como*.

24. O que me oya cantar,
qué dirá, e ten razón:
que alegre anda aquéla:
¡qué trist'o meu corazón!

25. O que queira que lle cante
hame de pagar primeiro
qu' esta miña gargantiña
no-ma fixo o carpinteiro.

26. Para cantar veño eu
para beilar meu hirmán
para tocar o pandeiro
viva quen-o ten n-a man.

27. Perdín o meu refaixo
perdín a cinta d'él;
mira, Pepa,
perdín a cinta d'él:
meu marido dám'outro
que eu daréi conta d'él;
mira, Pepa,
que eu daréi conta d'él (música especial).

28. Si con copras indesentes
pensas de ganar á baza
anda, pícaro, cochino,
qu'has de levar calabazas.

Los números 4, 5, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22 y 23, fueron obtenidos en Pravio, partido judicial de la Coruña; pero son bastante comunes. Los 1, 2, 24 y 25, en Vivero, provincia de Lugo. Los 3, 14 y 27, en Santiago del Burgo, partido judicial de la Coruña. El número 26, en la Coruña.

CASAMIENTO

1. Casadiña de tres días
non se cansa de chorar
pol-a vida de solteira
que non ha de recobrar.

2. Dios { che me dea / me dea á min } (1) pacencia
con esta miña muller:
nin ela fai o que eu digo,
nin eu fago o que ela quer.

3. Eu caseime e suxeitéime
nunca me eu suxeitara:

(1) De ambas maneras se canta el primer verso.

de solteira, roupa nova;
de casada, remendada.

4. Solteiriña, non te cases,
aproveita a boa vida;
qu'eu ben sei (1) d'unha (2) casada
que chora d'arrepentida.

5. O cura que me casóu
tamén me puido velar,
si me peta n-a cabeza
vólvome á descasar.

6. Traes o sombreiro ô lado
á uso de mercader,

(1) El adverbio *ben* se junta: con verbos, como en *ben sei* de este cantar; con adjetivos, como *elle ben alto*, que quiere decir es muy alto ó bastante alto; con sustantivos y pronombres, en igual acepción de *muy* ó *bastante*, como houbo ben xente n'a misa y *¡ trougueche ben d'elas !* en cuyo ejemplo se interpone, antes del pronombre, la preposición *de*, obedeciendo á exigeneias eufónicas.

Por último, donde se nos presente el abverbio *ben* pospuesto á los de cantidad *tan* y *mui*, equivale á los adverbios castellanos *tanto* y *mucho*: por ejemplo, gústame *tan ben* Xuana como Manuela.

(2) La *h* de *unha*, *algunha*, *ningunha*, representa la pequeña aspiración que es preciso hacer para impedir que la *n* forme sílaba con la *a*. Hace el oficio del llamado espíritu suave de los griegos, que impedía que la vocal inicial de una palabra se juntase, en la pronunciación, con la letra final de la palabra precedente.

tés a muller por buscar
ha-la buscar si Dios quer.

El número 5 fué obtenido en Pravio, partido judicial de la Coruña. Los 1, 2 y 3, en varios puntos de los distritos de Coruña, Puentedeume, Betanzos, Santiago y Padrón. El 6, en Vivero, provincia de Lugo.

CELOS

---

1. Déixame subir ô alto
que d'o alto vexo ben:
quero ver os meus amores
si se paran con alguén.

Obtenida en San Juan de Pravio, partido judicial de la Coruña.

CONSEJOS

—

1. Antes qu'á-falar te poñas
pensa no qu'has de decir
que moitos, de non pensalo
chegárons'á-arrepentir.

2. Cantan os galos ô dia
recordádeo namorados,
rapaces qu'andás de noite
non vos collan descoidados.

3. Mariquiña, non te fies
d'os estudiantes d'a vila;
qu'o deño teñen n-o corpo
cando dan palabra fina.

5. Naide se fie d'os homes
nin de todo o seu afán
que teñen o mel n-a boca
e n-o peito solimán.

5. Non digás mal de Marica
qu'é unha muller como nós;
qu'o que hoxe dela dicís
mañán o dirán de vós.

6. (1) O secreto d'o teu peito
non contes ô teu amigo
a amistá logo s'acaba
y él che sirve de testigo.

El número 2 fué obtenido en varios puntos de los partidos judiciales de Coruña y Betanzos. Los números 3, 4, 5 y 6, en Vivero, provincia de Lugo.

(1) Parecido á otro en castellano.

CUALIDADES PERSONALES

—

1. A miña muller é vella
de vella cayéull'o cóiro
hei de facer un pandeiro
para correr o *Antroido* (Carnaval).

2. A miña muller é vella
de vella non pode andar;
héina de *pôr* de cancela (poner)
n'o portelo d'o lugar.

3. A muller que ha de ser miña,
ha de ter o *cu* de pau,
a barriga de *cortizo* (1)
e a nariz de bacalao.

(1) Colmena, generalmente de corcho.

4. Coloradiña d'a cara
eu no-na quixera ser,
unha mazán colorada
todol-a queren comer.

5. Encarnadiña d'a cara,
delgadiña d'a cintura,
mándache moitas mamorias
o capitán d'a falúa.

6. Eres blanca com'o *pote* (1)
negra com'a *parrumeira* (2)
se pol-a noite non *campas* (3)
de día n-hai quen te queira.

7. Este ano hai moito liño,
este ano hai moita aresta;
os rapaciños d' ahora
cheiran á mexo que apestan (huelen).

8. Estóu rouca, estóu *rouca*, (ronca)
estóu rouca e ben o sinto;

(1) Olla de hierro de tres pies.
(2) Chimenea de aldea.
(3) No eres aceptable.

acabéi de rouquear
c'un vaso de viño tinto.

9. Manoeliño é moi bunito
ben ll'o (1) dá o parecer;
dicen que mexa n' cama
co-a *preguiza* de s'-erguer (pereza).

10. Maruxiña, donch'os ollos,
rézall'a Santa Lucía:
que pol-a noite ch'os cerre
e ch'os abra pol-o día.

11. Maruxiña ten boas pernas,
ahí ven pol-o d'arredor;
nunca vin tan boas pernas
n-a filla d'un labrador.

12. Miña nai, o pote ferve,
aquela nena non ven,

(1) En este cantar y en los tres siguientes vemos varios sonidos blandos en *ñ*, *ll*, *ch*, *x*, que comprueban el concepto que tiene el gallego, como la mayor parte de los idiomas de marcada tendencia á la armonía, huyendo al efecto de los sonidos ásperos y desapacibles como el de la *j* y el de las finales envocal aguda. La eufonía es la que motiva no sólo la tendencia á las vocales cerradas, sino también á la abundancia de diptongos y de otros sonidos blandos como los que acabamos de señalar.

ela como é bunitiña
algún galán a detén.

13. Moreniña ha de ser
a terra para dar nabos,
e o home para ser bo
ha de ser molido á palos.

14. Moreniño, moreniño,
moreno como unha mora;
non sei qué ten o moreno
que á todo mundo namora.

15. *Morenita* ha de ser
a terra que dé centeo,
o home qu'ha de ser bo
ha picar de moreno.

16. Moza bonita n-o mundo
non había de nacer;
porque fai com'a *mazá* (manzana)
todo-l-a queren comer.

17. Os rapaciños d'ahora
son pequenos e mal feitos;
teñen *petos* (1) n-as *cirolas* (2)
atacados de *fieitos* (helechos).

18. Os rapaciños pequenos
son feitos de mala masa;
todal-as horas d'o día
son *agoiros* n-unha casa (agüeros).

19. Os rapaciños d'ahora
teñen as pernas peladas
de sobir pol-as paredes
e baixar pol-as ventanas.

20. Para coller unha lebre
corredoiras (3) apretadas;
para engañar unha nena
home de poucas palabras.

(1) Bolsas ó senos.
(2) Calzones de estopa ó lienzo ordinario: van por debajo del calzón de paño y á veces asoman los extremos de aquella especie de zaragüelles, un decímetro más abajo las piernas del calzón.
(3) *Corredoiras* ó *congostras* se llaman los caminos de carro, entre muros ó ribazos.

21. —Preguiziña [1], ¿queres pan?
—Sí, señora, si m'o dan.
—Vai á buscar o *coiteló*. (cuchillo)
—Non señora, no-n-o quero.

22. Quen che dixo, pau de *buxo* (boj)
que sirvías pra *culleres*, (cucharas
as mintiras son d'os homes,
as verdades d'as mulleres.

23. Rosiña, Rosiña, Rosa,
Rosiña, rosa encarnada,
tarde te *deitas* chorosa (acuestas)
érgueste sempre â alborada.

24. Unha pereira sin peras
¡quén ha de subir á ela!
una miniña sin honra
quén ha de casar con ela.

25. Tente dereita, {Bieita / Marica} . (Bieita = Benita)
que teu pai te quer casar;

(1) *Preguiziña*, disminutivo de *pereza*.

—tan dereitiña me teño
qu'o vento me quer levar.

26. Tèste ti por boa moza
boa moza non-a és;
tés un palmo de narices
qu' da de comer á dés.

27. Tèste ti por moi bon mozo,
moita cousa no-n-o és (1);
anqu'es bonito d'a cara
tamén *es* trenco d'os pes.

28. Todol-os mellores mozos
van n-o servicio d'o rei;
o *refugallo* (2) que queda
¡ten un garbo, que non sei!

29. Xaquinciño, Xaquinciño,
Xaquinciño, meu amor:

(1) El sonido nasal de la *n* se evita en gallego uniéndose ésta con la vocal que le sigue, como no-n-a és, quen-o-dixo, be-n-o sei.
(2) Resto despreciable—despojos.

moitas terras andiveches,
¿quén che levou a color?

30. Escoloréite miniña,
volveréite á colorar;
quitéich'a color (1) d'a guinda,
heicha de volver á dar.

Los números 4, 15, 17, 19, 22, 24, 25 y 30, fueron obtenidos en San Juan de Pravio; pero son bastante comunes en los partidos judiciales de Coruña y Betanzos. Los 1, 2, 10, 11, 12, 14 y 16, en Ares y partido de Puentedeume; pero son bastante comunes en los de la Coruña, Betanzos y otros. El 5, en la Coruña. Los 7, 8 y 13, en Elviña y Santiago del Burgo, partido judicial de la Coruña. Los 9, 20, 21, 26 y 27, en Santiago de Compostela.

(1) Obsérvese que el color aparece como del género femenino.

CONJURO

1. Eu ben vin estar a morte
comendo unha piña d'uvas;
vaite d'ahí, morte negra,
desamparo d'as viudas.

DESAIRES

---

1. ¡Ai! adiós, miña miniña,
miniña revolteadora;
botáchesme fora as pallas,
¿dónde hei de dormir ahora?

2. Non ch'as quero, non ch'as quero
nabizas d'o teu nabal;
non ch'as quero, non ch'as quero,
que me poden facer mal.

3. Non sei por qué das paseos
con puntos para chorar,
sabendo que son solteira
e non me quero casar.

4. Olvidácheme por probe,
eu á tí pol-a riqueza;
non veñas â miña porta
á molestarme a cabeza.

5. Por unha vez que ch'o diga,
outra que ch'o diga basta;
non quero ser pretendida
por fillo de mala casta.

Los números 1 y 5, fueron obtenidos en la Coruña. El 4, en Pravio, partido judicial de la Coruña.

DESDENES

1. Olvidácheme, olvideite,
metinch'a figa (1) n-os ollos;
que cando ti me olvidache
xa ch'eu tiña amores novos.

2. Algun día por te ver
abrín portas e ventanas;
agora por non te ver
todal-as teño cerradas.

3. Non poñas o pe n-o meu
nin a man n-a miña saya,
qu'anque son moza solteira
espero de ser casada.

(1) *Higas;* amuletos de azabache figurando una mano cerrada asomando el dedo pulgar por entre el índice y el mayor. También se pone la mano en esa forma delante del que se teme nos hechice ó *enmeigue.*

DESENGAÑOS

1. Indo eu para Santiago
n-o camiño achéi espiñas;
volta, par' a miña casa
qu' é a gala d ' as miniñas.

2. Paséi por Madrí cantando
sin saber o que dicía
â costa d ' o meu diñeiro
deprendín a cortesía.

El número 1 fué obtenido en Abegondo, partido judicial de Betanzos.

DESPEDIDAS

—

1. Adiós, adiós, quiridiña,
adiós, meu *sí* e meu *non*:
eres regalo d ' a vida
e prenda d ' o corazon.

2. Adiós ríos, adiós fontes
adiós *regatos* pequenos; (arroyuelos)
adiós vista d ' os meus ollos,
non sei cando nos veremos.

3. Adiós, que che m ' embarco
d ' esta terra par ' outra
co ' a auga d ' os meus ollos
lavarás a miña roupa.

4. Adiós ti, meu garanduxo,
anque me vou d ' esta terra
anque me vou, non me fuxo.

5. A luna vai indo alta
os pinares xa fan sombra,
eu vóucheme retirando
quédate con Dios, paloma.

6. Amoriño, si te vas
déixame ' unha prenda tua,
déixam ' a tua navalla
para picar a verdura.

7. Anque me vou, non me vou,
anque me vou non t'olvido,
qu'anque me marcho c'o corpo
quédam'aquí o sentido.

8. Despídete limoeiro
d'o *derradeiro* limón, (último)
non me despido, rapaza,
d'a tua conversación.

9. Ésta vai por despedida
n-a pela d'unha mazán,
non cantemos hoxe todo
deixemos para mañán.

10. Ésta vai por despedida
n-o medio d'un *repinaldo*, (manzana pero)
quédate con Dios, miniña,
que me vou comer o caldo.

11. Ésta vai por despedida
pra que nós nos despidamos,
que si no-nos vemos máis
que n-o ceo nos vexamos.

12. Farruquiño, si te vas
déixam'unha prenda tua,
déixam'a tua navalla
para segar a verdura (1).

13. Nunca me digas adiós,
que adiós é palabra triste (2);

(1) Parecida á la núm. 6.
(2) Parece castellana.

¡qu'entre dous que ben se queren
custa caro despedirse!

14. Vóucheme d'aquí, miniña,
que xa-as estrelas van altas;
qu'ahí ven a lus d'o día
descubrindo as nosas faltas.

15. Voume por aquí abaixo
non sei si me verán ir,
levo o meu corpo rendido
voum'á votar á durmir.

Los números 3, 5, 8, 9, 10, 11, 14 y 15, fueron obtenidos en Pravio y Cambre; partido judicial de la Coruña. El 4, en Vivero, provincia de Lugo. El 6, en Ares, partido judicial de Puentedeume, y en varios puntos de la Coruña y Betanzos.

DESPRECIOS

---

1. Arriba, pandeiro roto,
abaixo manta mollada;
que dond'están { as mulleres / os homes }
{ os homes non valen nada. / as mulleres non val nada. }

2. Botéi as redes ô mar
para coller unha boga;
collín a cabeza d'unha
para dar á miña sogra.

3. Mala *xesta* barredeira (escoba)
—como veu pol-o limón—
veña pol-os homes todos
xa que tan bòs eles son.

4. Olvidácheme, olvideite;
nada che quedéi debendo;
déchem'a carta de pago
douch'o recibo correndo.

5. Tanto se me da por ti,
cara de fregal-as olas,
tanto se me da por ti
como ô gato por cebolas.

Los números 2, 4 y 5, fueron obtenidos en Ares, partido de Puentedeume, y en otros puntos del partido de la Coruña..

DIÁLOGOS [1] Y «ENCHOYADAS» [2]

1. *Con licencia de la sala* [3]
y de la señora tía
estimaba de saber
este mozo qué quería.

(1) *Enchoyadas*, se llaman las luchas que por medio del canto de coplas improvisadas sostienen dos mozos. Generalmente las eslabonan, poniendo el uno de los contrincantes por primer verso de su copla el último de la de su competidor.

No es raro ver que se continúe la *enchoyada* en otra sesión, cuando no se da por vencido ninguno de los improvisadores.

También se hacen en prosa, y sin canto, poniendo recíprocamente á prueba su discreción y travesura ante la muchacha de la cual solicitan ser los preferidos.

(2) El Sr. Milá y Fontanals ha observado que los romances fueron menos comunes en Galicia que en Portugal y Asturias, y lo atribuye á la decadencia del espíritu tradicional y á la gran afición á otros géneros íntimamente relacionados con la música y el baile. Castilla y Andalucía, que tan fecundas fueron en romances, tienen escaso número hoy, y otro tanto sucede en Aragón y Valencia.

(3) El colector procuró presentar en letra bastardilla algunas frases y versos que en los cantares gallegos aparecen en castellano.

—Este mociño o que quer
señora, ben ll'o diría
ven por divertirse [1] un pouco
que'é cousa de mozarría.

2. *Con licencia de tus padres*
e mais d'a xente de ben
estimaba de saber
este galán d'onde ven.
—Este galán d'onde ven
él ch'o dirá:
ven de vel-a romaría
y a mocidá.
—Á romaría xa a *viches*, (viste)
a *foliada* [2] xa a *fixeches*, (hiciste)
se non sabes o camiño
volve por onde *viñeches*. (viniste).
—O camiño ben-o'sei
e mais ben ch'o aprendín,
estimaba de levar
Marica de par de min.

(1) *Divertirse*, generalmente lleva antepuesta la preposición *a*, sin que se altere su significación, y lo mismo sucede con otros verbos, como bafar, lembrarse, regañar, semellar; de aquí el que se diga *abafar*, *arregañar*, *asemellar*, etc.
(2) *Foliadas*: reunión de campesinos para bailar con motivo de alguna festividad.

—Á Mariquiña levar
parecerá pouco xusto;
dormir contigo n-a cama [1]
fari-o de mellor gusto. (harialo).

3. Eu amar heite de amar
e terte n-o corazón
pero o que ch'hei de encargar
poñerm'a man eso non.
—Eu a man non ch'a *poréi* [2]
por causa d'o ruín uso,
nin n-o leito che verei
rosiñas de lindo gusto.
—¡Rosiñas de los rosales!
¡non son tuas que son miñas!
—Se non son, poderán ser;
mándalle carta *á tu padre*
que las venga á recoger.

4. —Señora dama de froles
d'o xardín ben froleado;
sírvas'usté de me dar
candéa para un cigarro.

(1) Alude al casamiento legitimo.
(2) *Poréi* ó *pondrei*.

—Eu non son dama de froles
d'o xardín ben froleado
pero esta casa non nega
candela para un cigarro..

5. —Memorias sonch'escusadas
unha nena de quince anos
non pode resistir cargas.
—Outras mais novas que ti
teñen cargas e marido
tamén-as ti resistías
se te casaras conmigo.
—Eu contigo non me caso,
e, porque, non quereréi:
volve por aquí mañán
que resposta che daréi.
—Por aquí mañán non volven
zapatos meus en de balde:
non quero casar sin gusto
non sendo de voluntade.
—Guapo, que tanto *soubeches*, (supiste)
si non sabes o camiño
vólve por donde viñeche.
—O camiño ben o sei,
que o vexo desd'aquí;

o que sinto, non levar
unha rosa qu'hai aquí.
—Guapo, váite noramala;
moito non che m'agradóu.
—Vaille dar moĩ noramala
ô curral que te crióu.
—O curral que me crióu
a tí non che debe nada;
que si algo che debera
que muy pronto ch'o pagara.
—Anque cartos no-nos teño
e diñeiro non me sobra
para che pagar á tí
no-ha faltar quen me socorra.

6. —Marmúla, marmuladora,
marmúla de min e d'outro;
tes unha silla n-o inferno
para descansar un pouco.
—Esa lengua que me insulta
apega com'o almidón;
quen non queira qu'o marmulen
que non dea a ocasión.

7. —Vintecinco servilletas,
seis reás (1) en cada volta,
nena, que estás n-a ventana,
báixa e bótalle a conta.
—Anda tí valente burro
o que fuche preguntar
seiscentos son trinta pesos
non tés volta que lle dar.

8. —Cantador que estás cantando
e te tés por moi cantista
dime: cántas cruces fai
o sacerdote n-a misa.
—O sacerdote n-a misa
primeira e segunda ves;
o sacerdote n'a misa
cruces faiche trinta e tres.

9. —Dígame, miña señora,
xa que (2) ten tanto saber

(1) Al formar el plural de los nombres terminados en *l* y en *n*, como dichas letras son de las que fácilmente desaparecen en la pronunciación á causa de su gran fluidez, es común la supresión de la consonante final del singular; por esto en lugar de decir *reals*, *papels*, se dice reás, papés-, cuya circunstancia debe tenerse en cuenta al escribir el dialecto.

(2) Así como hay modos adverbiales y otros que pudiéramos llamar prepositivos, y los unos y los otros son adiciones respectivamente á la lista de adverbios y preposiciones;

¿cántos pelos ten un can
cando acaba de nacer?
—¡Cando acaba de nacer!
logo ch' o digo, amiguiño:
que, todo está cheo d' eles
desde o rabo hastr'o fociño.

10. —Dígame, miña señora,
dígam' usté, *señorita*:
un cabalo ben ferrado
cántos cravos necesita.
—Eso pronto ch' o direi,
anda tí, valente burro:
qu' un cabalo ben ferrado
non necesita nenguno.

11. —Dígame, ustede, señora;
o que pregunta non erra:
¿Cánto levan por *ferrar* (1)
á un carro nesta terra?

existen también modismos conjuntivos, que en el dialecto obedecen al propósito de señalar la relación entre los pensamientos. Por ejemplo:
Xa que.
Pra que.
Pra canto máis.
Despois que.
Se non que.
(1) Echar los herrajes.

—Eu non ll ' o podo dicir
que non trato de ferrar;
o que o estime de saber
que se propoña axustar.

12. —Pasei pol-a tua porta
erguín os ollos e vin
un letreiro que decía
ti non eres para min.

—Eu como sabía leer
quitéi ûn e puxen outro:
ti si non és para min;
non son para ti tampouco.

13. —Con licencia d ' os meus páis
d ' a miña señora tía
estimaba de saber
este galán á qué viña

—Este galán a qué viña
moi pronto o saberás
vènse [1] por s ' *adivirtir* (divertirse)
que é cousa de mocidá.

(1) *Vènse*: viénese.

—Si ves por adivirtirte,
galañciño, ben fixeste;
si non sabes o camiño
vólve por donde viñeste.
—O camiño ben-o sei
ben-o vexo dend'aquí
pero quixera levar
unha rosa coma tí.
—Unha rosa com'a eu
de levar non deixarás
ha de ser co'a condición
que non ll'as poñer as mas.
—As mas non ll'as poñeréi,
eso ñon teñas cuidado;
pero, de estarche con ela,
¡eso, de lindo regalo!
—Eso de estarche con ela
eso, sí, no-no faréi
e virás aquí mañán
que resposta che daréi.

14. —Váite d'ahí, galopín,
fáille un vistido á teu pai;
qu'anda pol-o mundo adiante
como o votóu sua nai.

—S'anda pol-o mundo adiante
rapaza que tés con eso:
de sete damas que teño
ti é-la de menos precio.
—Si eu son a de menos precio
vai correr á garabana;
qu'outros mellores que ti
esperan por esta dama.

Los números 1 y 2, fueron obtenidos en Santiago de Compostela. El 3, en Oleiro, partido judicial de la Coruña. El 7, en Santiago del Burgo, partido judicial de la Coruña. El 8, en Vivero, provincia de Lugo.

DIÁLOGO ENTRE DOS VARONES [1]

---

15. —Eso, sí, meu compañeiro,
prenda d'o meu corazón
entraremos n-a taberna
á votar un cuarterón.

(1) La pesadez que se nota en este diálogo depende del afán con que luchan los justadores ante sus convecinos, que desean felicitar al vencedor en el canto, el cual se continúa alguná vez en diferente sesión, sobre todo cuando la primera se alargó con los cantos coreados del *alalála* después de cada cuarteta. Estos cantos, por su lentitud, son fáciles de copiar sin auxilio de la taquigrafia.

En materia de diálogos, no deben confundirse los de *cantadeiras* ó *enchoyadas* con las *regueifas* ó coplas cantadas en las bodas, nombre procedente de la torta que con un huevo en medio se disputa por un mozo y una moza. Escóndense los cantadores y se dirigen recíprocamente cuartetas, llevándose el último la *regueifa* como premio, que después reparte á sus amigos. La *regueifa* la llevan también á veces los padrinos desde la casa de la novia y la van repartiendo por el camino á los que salen á felicitarles al paso.

Los de cantadeiras ó enchoyadas se cantan, como se dijo ya, en esa especie de *justas* ó lides de improvisadores; por

—Eso, sí, meu compañeiro,
prenda d'o meu paladar,
axudaréich'o á beber
si tràs cartos pra pagar.
—Trayo cartos pra pagar,
eso sí, meu quiridiño,
déixate de cuarteróns
e votemos un cuartillo.
—Eso sí, meu compañeiro,
ti quérest'emborrachar
e despóis pol-o camiño
que te teña que levar.
—Eso de ter que levarme
non che dé ningún cuidado,
hei chegar â miña casa
anque me coste traballo.
—Eso sí, meu compañeiro,
tiremos á andar andar;

más que, generalmente, pasan por improvisaciones versos muy vulgarizados entre los campesinos.

Las tortas de Pascua con varios huevos y terrones de azúcar, difieren de las verdaderas *regueifas*, en que no llevan un sólo huevo como las que hemos citado.

Lopez Tamarid en su Compendio de algunos vocablos arábigos, etc., dice: «que *regaifa* es voz árabe que significa torta. (Murguía)».

Engelmann Glos. de mots esp. et port. dérivés de l'arabe pone «Reguifa árabe Raguifa, que P. de Alcalá traduce por *boronazo de güevos, oblada y torta*.

xa que bebemos o viño
ordenemos de pagar.

—Eu os cartos no-os traguía
eso sí, meu compañeiro,
pero, espero n-a fianza
que me dé o taberneiro.

—Nunca eu aquí viñera
¡que tróuxen bon compañeiro!
que non teño máis remedio
se non deixar o sombreiro.

—Vámonos tirando â casa,
prenda d'o meu corazón;
veñen as barras d'o día,
deixemos conversación.

—Compañeiriño d'a alma,
estouche n'unha opinión:
antes de nos retirar
paguemos o cuarterón.

—Ti vasme enfadando moito,
eso sí, meu quiridiño,
sabes que no-é cuarteron,
que bebemos un cuartillo.

—Para pagar un cuartillo
pregúntall'ô taberneiro;

que eu non che pidín tanto,
porque non tiña diñeiro.

—Non te poñas tan ufano
eso sí, meu quiridiño,
recorda que ll'o pidiches
que él che votóu un cuartillo.

—Levantémonos d'aquí
cara ô camiño d'a Fame (1).
qu'alí meu compañeiro
heiche de rompel'a alma.

—Non sei como me dis eso
nin como *falas* d'alma; (hablas)
hoxe non che teño medo
que trayo boa *bisarma* (2).

—Acaba meu compañeiro
e rematémo-la toda
qu'antes de chegar á casa
has caer n-a *corredoira* (3).

—Ti teste por moi valente
eso sí, meu quiridiño,

(1) La cuesta *D'a Fame* ó hambre: en el camino real de la Coruña á Betanzos.
(2) Chuzo con hoz pequeña, arma muy común en la Mariña.
(3) Camino de carro, entre ribazos ó muro.

sí cayo n-a corredoira
tí has de caer n-o camiño.

—¡Eso caer n-o camiño!
parécem'unha simpreza;
tí, ordena de pagar,
ou de deixar a chaqueta.

—Axudáchem'o á beber
eso sí, meu compañeiro,
si quedar deixo a chaqueta
ti-has deixar o sombreiro.

—Vámonos tirando á casa
eso sí, meu amiguiño;
hasta mañán si Dios quer
que pagaremos o viño.

—Vámonos, meu amiguiño,
qu'o taberneiro s'enfada;
que para pagar o viño
fáinos falta unha fianza.

—Si eu o viño ll'o pidira,
eso sí, meu compañeiro,
anque che fora unha cántara
m'a fiara o tabarneiro.

—Ti teste por moi valente
e por moi bo compañeiro

sucédeche com'á min
traer bolsillos baldeiros.

—Levanta, meu compañeiro,
poñamos pès ô camiño
que xa mañán si Dios quer
hei de vir pagar o viño:

—Ti teste por moi sabido
e coidas que non te engañas,
recorda, non era viño,
que era un *pucheiro* (1) de caña.

—Tróuxen eu bon compañeiro
e y-é un valente tramposo;
quedo pagador d'o viño;
él, tiraréino n-o *foxo* (2).

—Respóndeme tabarneiro
estas palabras dicindo:
«dempois de tiralo ô foxo
podes tiral-o n-o rio».

—Tí'e mail'o tabarneiro
me queredes engañar,
marcharémonos d'aquí
e virásm'á compañar.

(1) Copa; equivalencia modernísima.
(2) Foso; cuneta.

—Váite con Dios, e non fales,
pasiño *diante*, pasiño, (delante)
que tuveche boa suerte
cando non votéite ô río.
—Eso de tirarm'ô río
non te atrevas á falar;
que, entr'os dous, compañeiro,
non podiámos nadar.
—Pensas que che quero moito
porque miro para ti;
así Dios me garde a alma
como me río de ti.
—*Seique* (1) vas moi enfadado,
meu antiguo compañeiro,
si non queres vir conmigo
voume tirando ô Rueiro (2).
—Eso de ir á acompañarte
no-n-o vayas á pensar
adiós, meu amigo, adiós,
xa me podes olvidar.

16. (3) —Mariquiña, hermosa,
ti que fás ahí.

(1) *Seique* ó *seica;* creo que.
(2) *Ó Rueiro:* lugar de este nombre en la parroquia de San Juan de Pravio, en el partido judicial de la Coruña.
(3) Érase una muchacha que estaba sirviendo y con la cual su amo pensaba casarse; pero como volviese de la gue-

—Estóu gardando *o gando* (el ganado)
ben me ves aquí.
—Mariquiña hermosa,
¿ti, gardál-o gando?
—Xa nacín, Amaro,
para este traballo.
—Mariquiña hermosa:
¿queres vir conmigo?
n-este monte sola
corres ti peligro.
—Eu xa non che vou,
eu xa non che iréi,
que dirá meu amo,
en qué m'ocupei.
—Si che di teu amo
en qué t'ocupache,
que *veu* nube d'auga (vino)
e que t'abrigache.
—Eu contar verdá
que mintir non sei,

rra el antiguo amante de aquélla, apostó el amo afirmando que la muchacha no le corresponderia ya. En el diálogo se finge que la muchacha está cuidando del ganado al aparecer el amante cantando los dos primeros versos, etc. Son varios los sujetos que saben trozos de este romance; pero es una casualidad tropezar con quien lo sepa todo, y es de notar que algunos sustituyen el nombre de Amaro por el de Amado y el de Mariquiña por el de Rufina. La música de este diálogo es muy dulce y pausada.

vou buscal-o gando
que o perderéi.
—O gando, Marica,
eu ch'o buscarei;
o gando, Marica,
eu ch'o tragueréi (1).
—Váite d'ahí, Amaro,
non me des máis pena,
qu' ha de *vir* meu amo (venir)
traerm'a merenda.
—¡Ai! si él viñera!!
¡Ai! si él chegara!!
¡Ai! si él soupera
que contigo estaba!!
—Váite d'ahí, Amaro,
non me des tormento;
non te quero ver,
nin n'o pensamento.
—Si me ve, Marica,
ha de ser contigo,
sinón n-este monte
quédome soliño.
—O gando, Marica,
eu ch'o botaréi (2).

(1) Se dice *traguerêi* y *traerêi*.
(2) Yo te lo echaré.

—¡Ai! que ufano ves,
¡ai! Jesús amado,
cómo ves tan majo (1)
á votal-o gando.
—Mangas e vestidos
teño de poñer,
Mariquiña hermosa,
por darche pracer.
—¡Ai! Jesús amado,
voume d'aquí logo,
vou botal-o gando
d'aquel agro fora.
—O gando, Marica,
eu ch'o traerei;
o gando, Marica,
eu ch'o tornaréi.
—E, pois, váite *axiña* (pronto)
e vénte correndo,
que d'amores *debles* (débiles)
xa me vou *rendendo* (rindiendo).
—Mariquiña hermosa,
aquí tel-o gando:
y o aventurado (y lo apostado)
x'o teño ganado (ya lo tengo).

(1) *Majo* se pronuncia como en castellano. El colector emplea siempre la *j* con este sonido.

DIÁLOGO DE LOS «DOCE SENTIDOS» *(despedidas)* (1).

---

17. Él.—A despedida che dou
e con ésta xa vai unha,
o despedirme de ti
é despedirme d'a luna.
Ella.—A despedida che dou
e con ésta xa van duas,
conta qu'as miñas palabras
sonche com'as escrituras.
Él.—A despedida che dou
e con ésta xa van tres,
unha rosa colorada
e un clavel aragonés.
Ella.—A despedida che dou
e con ésta xa van catro,

(1) Obtenido en Betanzos.

as pedras se volvan *graus* (1) (granos)
e as aréas tabaco.

Él.—A despedida che dou
e con ésta xa van cinco,
unha rosa colorada
e un clavel moi destinto.

Ella.—A despedida che dou
e con ésta xa van seis,
eu espero de saber
os amores que *tuveche* (2) (tuviste).

Él.—A despedida che dou
e con ésta xa van sete,
o despedirme de ti
é como sintir a *frebe* (fiebre).

Ella.—A despedida che dou
e con ésta xa van oito,
estimaba de saber
si ti me querías moito.

Él.—A despedida che dou
e con ésta ya van nove,
estimaba de saber
si ti eras rica ou probe.

(1) Se dice *grans*, *graos* y *graus*.
(2) Unos dicen *tuveche;* otros *tiveche*.

Ella.—A despedida che dou
e con ésta xa van dés.
eu para ti non che son
si ti para min no-és.

Él.—A despedida che dou
e con ésta xa van once,
vóucheme d'aquí, rapaza,
antes que me colla *a noite* (la noche).

Ella.—A despedida che dou
e con ésta doce van (once);
váite ti con Dios, rapaz,
hasta o día de San Xoan.

Él.—Ahí van os *doce sentidos*,
entendimiento y memoria, (1)
adorada de mis bienes,
nos veamos en la gloria.

18. Él.—Á tua porta hay *lamas* (lodos)
¡que-n-as, que-n-as faría!
foi xente qu'anda de noite
non son eu, qu'ando de día.

Ella.—Ou, estreliñas d'o Norte,
vinde á xurar o que sinto (venid)

(1) Es notable que la conclusión sea castellana, debido á una especie de vanidad de quien se cree algo culto.

vinde xurar a verdade
que ¡dícem'amor que minto!

19. Él.—¿Por botar o eixo á un carro
cánto levan n-a tua terra?
contéstame logo, Antona,
e bota a conta sin erro.
Ella.—Anda ti, fillo d'un burro
nativo de Roque Pas,
por botar o eixo á un carro
lévanche nove reás.

20. —Diol-os faga ben casados.
—Cala ti, barbas de can.
—Diol'os faga ben amados
¡que ben casados xa están!

El número 18, fué obtenido en Vivero, partido judicial en la provincia de Lugo. El 19, en Oleiros, Ayuntamiento del partido judicial de la Coruña.

DÍAS DE LA SEMANA

1. Hoxe é luns, mañán é martes,
cuarta feira logo ven,
de mañán en oito días
éche a semana que ven.

2. Cándo ha de ser domingo,
domingo cándo ha de ser,
cándo ha de ser domingo,
miniña, para te ver.

3. Hoxe é sábado alegre
mañán domingo trunfante

pasado é lunes [1] triste
para el probe *trabajante* [2].

Los números 1 y 2, fueron obtenidos en varios puntos de la provincia de la Coruña. El 3, en Pravio de la misma provincia.

(1) Generalmente se dice *luns*.
(2) La *j* de esta palabra la ha oído pronunciar el colector como *g* y también como en castellano.

DOTE

—

1. Héiche de dar o bói branco
e mais a vaca *marela* (amarillenta)
e mais a filla máis nova [1]
pra que te cases con ela.

2. *Miña nai* ten tres ovellas, (mi madre)
todas tres m'as ha de dar:
unha cega, outra coxa,
outra xa non pode andar.

3. Vínd'á ver o dote
que me dou meu *sogro* (suegro):

(1) El acento de *mâis*, adverbio de cantidad, sirve para distinguirle de la conjunción *mais*, que se traduce por *también*.

unha cabra *vella* (vieja)
e un carneiro *tolo* (loco).

4. *Vinde* ver rapazas
rapaces e todo
vínde ver o dote
que me dou meu sogro:
unha besta vella
que non come toxo, (1)
e unha cabra cega,
e un cabirto coxo:
este é o dote
que me dou meu sogro.

El número 1, fué obtenido en Pravio, parroquia del partido judicial de la Coruña. El 4, en Monforte, provincia de Lugo. El 2, en varios puntos de la provincia de la Coruña.

(1) *Tojo:* arbusto sin hoja y espinoso. Especie de aliaga muy común en los montes de Galicia: las ramas más tiernas sirven, aun sin machacar, para alimento del ganado y para abonos; así como sus troncos, de compacta fibra, para leña.

EDADES

A marrán, de tres semanas; (1)
o *cabirtiño*, d'un mes; (2)
a miniña, de quince anos
e o galán, de vintetrés.

(1) El marranillo.
(2) *Cabirtiño:* diminutivo de *cabrito*.

EDUCACIÓN

1. Comimos nós,
comíchedes vós;
levantemos a mesa
e demos gracias á Dios.

2. Por aquí pasóu un home
non dixo: « Diol-os axude »
por aquí ha de volver
derreado e sin saúde (1).

Obtenidos en Elviña partido judicial de la Coruña.

(1) Derrengado y sin salud.

ENFERMEDADES

1. O ferreiro ten a sarna
a muller o xarampón
os fillos teñen a tiña:
¡mirade que perdición!

2. Queridiña, *donch' os ollos* (1)
tamén che me don os meus;
váinos á lavar ô río
donde a *tróita* lava os seus (trucha).

Obtenidos en varios puntos del partido judicial de la Coruña.

(1) Te duelen los ojos. Unas veces se dice *donch'* y otras veces *dóenche*.

ENSEÑANZA

—

1. A miña Mariquitiña
heina d'*enseñar* a todo (1)
á amasar, á *peneirar* (cerner)
e á botar o pan n-o forno.

Obtenido en Pravio, partido judicial de la Coruña,

(1) También se dice: *insiñar*, y en otras comarcas *insinar*.

EXPERIENCIA

1. Paséi por *Carral* (1) cantando
sin saber o que decía;
â conta d'o meu diñeiro
deprendín a cortesía.

Obtenido en varios puntos del partido judicial de la Coruña.

(1) Ayuntamiento del partido judicial de la Coruña.



FANFARRONADAS

1. Eu son home para catro,
o compañeiro n-é menos;
sállan esos para fora
e n-o campo nos veremos.

2. Nós d'acá e vós d'alá
somos tantos coma vós
témol-a ponte por medio
a morriña sodes vós.

3. O salir eu d'esta aldea
ô entrar n-este lugar
prometérom'unha tunda
sálla quen m'a ha de dar.

4. S'oubere algún valentón.
que queira vir a *rifar* (luchar o reñir)
conte que me ten aquí
e que o hei de esperar.

5. Ladran os cans, xente ven
¡son os d'a noite pasada,
quedáño de vir e vên! (1)

El número 1, fué obtenido en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 2, en varios puntos del mismo partido. El 3, en Abegondo, partido judicial de Betanzos. El 4, en Cambre, partido judicial de la Coruña.

(1) En *quedano* hay una *n* ocupando el lugar de la *r:* de ambos modos se dice dicha palabra. La última del verso por exigencias de éste está en lugar de *veñen*.

GEOGRÁFICAS

—

1. Adiós as ostras d'o *Burgo* (1)
e as ostras d'o *Pasaxe*, (2)
a Virxe de *Pastoriza* (3)
nos dé á todos bo viaxe.

2. Adiós, *Betanzos* e *Sada*,
adiós, *Lourido* e *Fontán*,
adiós, meniñas de *Ares*, (4)
logo teño d'ir alá.

3. Adiós, *Sigrás* d'abaixo, (5)
adiós, *Sigrás* d'arriba,

(1) A 9 kilómetros de la Coruña carretera de Madrid.
(2) Puertecillo en la entrada de la ría del Burgo.
(3) A 6 kilómetros de la Coruña.
(4) Todos estos pueblos son de la provincia de la Coruña, partidos judiciales de Betanzos y Puentedeume.
(5) En la carretera de la Coruña á Santiago.

adiós, *Sóbrecarreira*,
pra toda a miña vida.

4. A *Mariña* ten de todo, (1)
a *Mariña* todo ten;
tén boa froita, bo viño
e boas nenas tamén.

5. Anque che son d'as Mariñas,
d'as Mariñas de Betanzos;
anque che son d'as Mariñas
non che vendo garabanzos.

6. A { regueifa / regueixa } está n-a mesa (2)

(1) *Mariña*: tierras próximas al mar, en los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos.

(2) *Regueifa:* En las bodas gran torta de pan con un huevo en medio.

Tradición probablemente *céltica* y que tiene precedentes en la India, según recuerda haber leído el colector en los *Estudios sobre el Oriente* que publicó el Sr. de García Ayuso en la *Revista de España*.

En Galicia se conoce la Regueifa ó torta que se prepara en las bodas, y de la cual se va cortando un pedazo, que se entrega á los amigos que salen al paso á felicitar á los novios cuando se dirigen el día ó noche de boda á la casa destinada á los mismos. Dicha torta lleva parte de manteca, y, en el centro, un huevo con su cáscara.

No debe confundirse esta torta propia del ceremonial de la

e n-o medio ten un ovo; (1)
para cantar a *regueixa* (2)
véñan os de *San Cristobo.* (3)

7. As neniñas de *Laiño* (4)
eu direi quen elas son:
collen o xunco n-a braña
va-n-o a vender á { Padrón / Cayón } (5)

boda, con las tortas de la *Pascua*, que suelen llevar varios huevos clavados; pues que aquélla lleva uno tan sólo.

El Sr. de García Ayuso, dice al hablar de la institución de los *Parsis*, llamada *Darun* ó *Drun*. «Esta ceremonia extraña, tiene alguna semejanza con el sacramento de la Eucaristía de la comunión católica. *Drun Z. draonô*, es una torta de pan sin levadura. Las hacen de cuatro clases. En la torta inferior colocada en la mesa de las ofrendas, se pone una pequeña cantidad de manteca de vaca; en la superior *frasasti*, un ramo de granado. Entre el *drôn* extremo y su correspondiente *frasasti* se coloca un huevo. Hecha la ofrenda se reparte á los presentes incluso á los seglares.

Es notable que los *Parsis* consideran impuro el camino por donde se conduce á los muertos, circunstancia que coincide en Galicia con el afán de recoger la ropa que está tendida al tiempo de salir un difunto para el cementerio á fin de evitar el aire del cadáver.

(1) Algunos escritores gallegos escriben *hobo*, y *hoso*, creyendo que dichas voces necesitan h, como las castellanas *huevo* y *hueso*.

(2) Así oyó pronunciar alguna vez el colector la palabra *regueifa*.

(3) Anejo de San Jorge de la Coruña.

(4) Partido judicial de Padrón.

(5) Cayón en la costa occidental de la provincia de la Coruña; en cuyo punto es costumbre enristrar cebollas con juncos.

8. As rapaciñas d'o *Burgo* (1)
xa non se poden casar
que lles *cheira* moito o alento (huele)
á la salitre del mar.

9. Á subila, á baixala,
a costa de *Culleredo* (2);
á subila, á baixala,
perdín a cinta d'o pelo.

10. Barrio de Santa Lucía (3):
¡quén te pudera traer
gardadiño n-o bolsillo
como prego de papel!

11. Campanas de Bogallido (4)
¡cándo vos oyó tocar
revírasem'o sentido! (vuélveseme).

(1) Partido judicial de la Coruña.
(2) Ayuntamiento del partido judicial de la Coruña. Sustitúyese esta palabra en varias localidades por otra de igual asonante.
(3) En la ciudad de la Coruña.
(4) Cerca de Santiago de Compostela.

12. Dend'aquí ven vexo Vigo,
—no-é Vigo de Redondela— (1)
¡donde teño a miña dama
que m'estou *revendo* n-ela! (remirando).

13. Esta aldeíña de *Pravio* (2)
non hai ninguén que a entre
con tanta nena bonita
con tanto galán valente.

14. Esta aldea de *Pravio* (3)
de lonxe parece vila,
ten unha rosa n-a entrada
e un caravel n-a salida.

15. Esta aldea de *Pravio*
está n-o alto e dall'o vento,
e por ela se pasean
catro { homes de talento. / cabezas de vento. (4)

(1) San Vicente de Vigo, en la *Mariña* de Betanzos.
(2) Ayuntamiento de Cambre cerca de la Coruña.
(3) Se sustituye esta palabra en varias localidades.
(4) De ambas maneras oyó cantar el colector el último verso.

16. Esta aldea de *Pravio*
moito viva que-n-a honra:
vivan as nenas solteiras
co'-a sua cara redonda.

17. Eu caseime c' unha nena
qu'era filla de *Cayón* (1);
ela bonita non era
probe sí, honrada non.

18. Eu paséi por *Vilaboa* (2
por Vilaboa cantando
as nenas de Vilaboa
quedan n-o río lavando.

19. Hai de todo n-a *Mariña* (de Betanzos
a mazá e máil-a pera;
hai de todo n-a *Mariña*
tamén hai a boa nena.

(1) En la costa occidental de la provincia de la Coruña partido judicial de Carballo.
(2) Cerca de la Coruña en la carretera que va á Santiago.

20. Indo para *Santiago* (1)
dei a volta ô meu capote;
acordáronsem'as nenas
e mais as papas d'o pote.

21. Indo para *Santiago*
en Castiñeiro redondo,
acordáronsem'as nenas
¡*abofé*, seique me volvo! (en verdad)

22. Indo para *San Andrés* (2)
n-a Costa d'o Espelón,
deron *ñunha* (3) puñalada
á Manoel d'o Trancón.

23. *Monelos* e *Palavéa*,
Vilaboa e mais *Carral;* (4)
que son os catro partidos
d'a pedra *fundamental.* (5)

(1) De Compostela.
(2) De Teijido, santuario muy concurrido en la costa Norte de la provincia de la Coruña.
(3) La *ñ* usada en sustitución de la *ll*.
(4) Todos del partido judicial de la Coruña, en la carretera de la Coruña á Santiago.
(5) *Ferbemental* ha oído también el colector.

24. *Palavéa* y o *Portazgo*,
Pedralonga y o *Areal*,
vivan con *Río de Quintas* (1)
o pé d'o camiño real.

25. Para boas mozas *Sada*, (2)
para repolos *Osedo*, (3)
para coles castellanas
o campo de *Samoedo* (4).

26. Para cantar e beilar
vivan os de *Piadela;* (5)
para rezar o rosario
vivan os d'a nosa terra.

27. Para *Sada* vai o mar,
para *Betanzos* o río,
para pasar á *Fontán*
hai qu'atracar un navío (6).

(1) Todos á una legua de la Coruña, en la carretera que desde este punto va para Santiago.
(2) Puertecillo en la provincia de la Coruña.
(3) Parroquia próxima á Sada.
(4) Cercanías de Sada.
(5) San Esteban de Piadela, cerca de Betanzos.
(6) Cantadas por las de Sada contra las de Fontán, tenidas

28. Para o *Burgo*, para o Burgo, (1)
para o Burgo, corazón,
para o Burgo, para o Burgo,
que para outro sitio non.

29. Paséi o mar de *Ferrol*,
ferrolana, por te ver;
paséi o mar de Ferrol
á pique de me perder.

30. Pol-a *pena* d'a *Marola* (2) (peña)
¡adiós, miña queridiña!
pol-as islas de *Sisarga*... (3)
¡como si nunca te vira!

31. Pol-as calles de *Sada*
non se pode pasear;
porque hay moitos ladrós
e pódenme roubar.

por buenas mozas, á fin de herirlas, manifestando que el camino por tierra es muy malo desde Sada.

(1) Santiago del Burgo, cerca de la Coruña.

(2) Entre las rias de la Coruña y el Ferrol.

(3) *Islas Sisargas*, muy próximas á la costa de Malpica al N. O. de la provincia de la Coruña.

32. *Pontevedra* é boa vila
dá de beber á quen pasa;
a fonte d'a Ferrería
San Bartolomé e a Praza.

33. (1) Rapaciños de *Castilla*
tratade ben ôs gallegos
cando van, van como rosas,
cando vèn, *vèn* como negros. (vienen)

34. *Rebuldéi*, e rebuldéi, (retocé)
vou chea de rebuldar:
aldea com'a de *Pravio* (2)
non-a puden encontrar.

35. *Salvaterra* non ten augua; (3)
se non ten eu ll'a daréi:
co'a augua d'os meus ollos
Salvaterra regaréi.

(1) En los cantares gallegos de Rosalía Castro de Murguía, se dice *castellanos* en lugar de rapaciños.
(2) Partido judicial de la Coruña.
(3) Provincia de Pontevedra, cerca de Tuy.

36. Santo San Pedro de *Perbes* (1)
San Xulián de *Mondego* (Sada)
Nosa señora de Gracia
San Andrés de *Carnoedo* (Sada).

37. (2) Vexo Vigo, vexo *Vigo*
tamén vexo a *Redondela*,
miña *Ponte de San Payo*
¡quen chegára logo á ela!

38 (3) Vexo *Vigo*, vexo {*Cangas* / Vigo}
vexo tamén *Redondela*,
vexo a *Ponte de San Payo*
camiño d'a miña terra.

39. Vexo o *Faro*, vexo o Faro
e tamén vexo o *Farelo*,
tamén vexo *Pico-sagro*
e ademáis o *Bodelo*. (3)

(1) Perbes, partido judicial de Puentedeume.
(2) Todos estos pueblos son de la provincia de Pontevedra.
(3) Cuatro montes que deben divisarse desde Arzúa ó Mellid.

40. Vivan os canteiros, madre,
vivan os de *Pontevedra*,
que fixeron vir a augua
desde *Vigo* a *Redondela*.

Los números 12 á 16, 19, 26 y 34, fueron obtenidos en Pravio, partido judicial de la Coruña. Los 1 y 8, en Sada, partido judicial de Betanzos. Los 2, 4, 5, 6, 7, 9, 17, 20 y 21, en Elviña, partido judicial de la Coruña. Los 10, 22, 27, 29, 30 y 36, en Ares, partido judicial de Puentedeume. Los 18, 23, 24, 25, 28 y 31, en el Burgo, partido judicial de la Coruña.

GRACIOSAS

1. Moito me doi a cabeza,
moito me doi o pescozo,
de mirar para o portelo
á ver si ven o almorzo.

2. Teño tres cartos e medio
metidos n'un tabaqueiro;
cása conmigo, miniña,
que teño moito diñeiro.

El número 1, fué obtenido en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 2, en diferentes puntos de los partidos de la Coruña y Puentedeume.

HONRADEZ

1. O *carballo* [1] dá a *alandra* [2]
a raís dá á verdura;
ánda, nena, ben honrada
ríte [3] de quen te marmura.

Obtenido en el distrito de Betanzos.

(1) *Carballo:* roble.
(2) *Alandra* ó *landra:* bellota.
(3) *Ríte:* ríete.

INDEFINIDA

—

1. Cómprem'unha saboyana
señora, válgame Dios
cómprem'unha saboyana
que, as outras téñen á *dous*.

Obtenido en Santiago de Compostela.

INTERESES

—

1. O meu *curmán* (1) para *Cáis* (2)
se foi n-o mes *derradeiro* (postrero)
se Diol-o axuda e non morre
inda terèi (3) máis diñeiro.

2. Tamén teño un tío indiano
que si non morro *primeiro*
d'os pesos que aló gane
penso de ser o *hardeiro* (4).

(1) *Curmán:* primo.
(2) *Cáis:* Cádiz.
(3) *Inda teréi:* aún tendré.
(4) *Hardeiro:* heredero.

JUEGO DE TERMINACIONES

---

1. —Paséi po-la tua porta,
¡non me *faluches*!
—Topáchel-a porta aberta
¿porque no *entruches*?

Obtenido en Ares, partido judicial de Puentedeume.

MALDICIONES

—

1. Inda vayas que non volvas
e desaparecido seas;
de noite, pártanch'as pernas;
pol-a mañán cego veñas.

2. Mala morte máte os homes
ôs que vexo por de diante;
que, para un que me toque
¡mala polva ch'o levante!

3. O anillo que me deches
era de vidro e *crebóu* (quebró)
tan mala guía ti leves
como o anillo levóu.

4. Tres mil demoros te leven,
cinco mil carguen contigo;
¡si tiñas amor con outra!
¿pra qué falache conmigo?

5. Ventana de pau de pino,
mala polilla te coma;
por causa *de ti* (1), ventana,
perdín a miña (2) señora.

El número 2, fué obtenido en Pravio. El 3, en Elviña. El 4, en Elviña, Pravio y Cambre, todos del partido judicial de la Coruña.

(1) *De ti:* forma propia del dialecto. En algunas partes se dice *tua*, aproximándose más á la forma castellana.
(2) Perdí la mía.

MENTIR

—

1. Miña nai, *miña naíña* (1),
miña nai d'o corazón,
nunca llé contéi mentira
nunca ll'a (2) contaréi non.

Obtenido en Pravio, partido judicial de la Coruña.

(1) *Miña naíña:* madrecita mía.
(2) *Nunca ll'a:* nunca se la.

MUÑEIRAS (1)

---

1. Cabaleiro—que vas d'á cabalo (2)
malo-fogo—che salte n-o rabo:

(1) *Muiñeiras*, derivadas de muíño (molino) se llaman las melodías especiales muy conocidas en toda España con el nombre de *gallegada*; pero como esa clase de música se aviene perfectamente con una clase especial de metros gallegos también á éstos se les aplica aquel nombre. A veces son de doble hemistiquio; otras endecasílabos con acento en la 1.ª, 4.ª y 7.ª sílabas y llevan con más propiedad el nombre de *endecasílabo* de *gaita gallega*.

En tiempo de Zernadas, conocido desde el siglo pasado con el nombre de cura de Fuíme, era considerado el metro de *muiñeira* como aire antiguo. En efecto, en la Carta-cuenta ó razón, en suma, de las festivas gozosas demostraciones con que la M. N. y M. L. ciudad de Santiago celebró la solemne aclamación de N. R. y S. D. Carlos III (1759) aparece la letra de un *Minuet* al aire *antiguo*, que no es otro que el de la muiñeira.

La repetición de palabras y frases enteras, tan común en la poesía popular, se acentúa más en las muiñeiras, que en parte se parecen á varias portuguesas de las incluídas en el cancioneirinho de Varnhagen por ejemplo: la *cantiga do amigo* del rey Diniz.

«Ai frores ¡ai frores d'o verde pino
se sabedes novas d'o meu amigo
ai frores, ai frores, d'o verde ramo!
se sabedes novas d'o meu amado».

Un villancico muiñeira catalán que comienza: «Qui le darem an-al noy de la mare» ha de provenir de un original gallego; pues su música, según el Sr. Milá y Fontanals, es muy semejante á la de «Tanto bailei co-a ama d'o cura».

(2) Vai *d'á* cabalo es uno de los muchos casos en que se

tres en riba,—tres en baixo
inda cayades—d'o cabalo en baixo (aun).

2. Cando te vexo—n-a veira d'o río
quédam'o corpo—tembrando de frío;
cando te vexo—d'o monte n-a altura
á todo o corpo—lle dá calentura.

3. Enemoreime—d'a tua crenchiña
como d'o teu—polidiño andar
enguedelleime—e enguelledeime
non me puden—desenguelledar.

4. Fun ô muíño e roéronm'os foles
fuego de Cristo con tantos ladrones.
A muiñeira ¡unha fina meiga!
a criada, ¡unha fina ladra!
que d'a fariña no-me deixóu nada.

5. Has de cantar—que ch'hei de dar *zonchos* (1)
has de cantar—que ch'hei de dar moitos;

usan dos preposiciones seguidas, como *de* y *á* en la presente referencia.

(1) Castañas cocidas con la cáscara.

has de cantar—e has de cantar
has de cantar—que *ch'os hei* (1) de dar.

6. Indo eu—por un nabal alleo
collín un nabo—metinno n-o seo;
anque me boten—os *cás* ô rabo (perros)
xuro á Dios—non largarlles o nabo.

7. *Isca* (2) d'ahí—galiña maldita;
isca d'ahí—non me máte-l-a pita;
isca d'ahí—galiña ladrona,
isca d'ahí—*pra cas* d'a tua dona (para casa).

8. Lagartiño—vái ô furadiño,
que ven tua nai—c'unha *cunca* de viño (taza).
Lagartiño—vái ô portelo
que ven tua nai—c'unha cunca de grelos.

9. Maria Antona—a *biscoiteira* (bizcochera)
querse casar—e non ten quen-a queira.

(1) *Ch'os hei:* te los he.
(2) *Isca* ó *ix* es una interjección para espantar las gallinas y *churra* para llamarlas.

10. Mariquiña-d'o terbelladoiro,
á teu pai-morreull'un boi mouro:
ahora ti-tirarás pol-o carro
filla de cág...ll'os bois n-o arado.

11. N'a miña vida-vin uso de terra
de *peneirar*-pol-a noite sin vela (cerner).

12. O gaiteiro—de San Xulián
fixo unha casa—de m....de can:
saleu para fora—miróu para ela
¡probe de min,—que non ten chaminéa!

13. San Benitiño de Cova de Lobo (1)
hei d'ir alá—miña nai si non morro.

14. Señora María—reprenda o seu galo,
que as miñas polas—lle andan o rabo:
Señora María—reprenda o seu pito,
que anda pol-a calle—feito un siñorito.

(1) Debe ser cerca de la Tiéira, entre la Coruña y Lugo.

15. Si queredes—armar foliada
tornar *Merexildo* (1)—que non se vos vaya:
ahora sí,—ahora non,
qu' ô meu queridiño—lle chaman Antón.

16. Teño eu un can—que se chama José
que baila o fandango—co' a punta d'o pe,
teño eu un can—que *veu d' a Marola* (2)
que baila o fandango—c' unha perna sola.

17. Teño eu un can—que se chama Canedo
que baila o fandango—co' a punta d'un dedo:
tanto á Canedo—as pernas lle *roxen* (3)
tanto, que'as nenas—de Canedo foxen.

18. Touporroutóu—para dónde vas vella
—touporroutóu—para Pontevedra
—touporroutóu—¿que vas a buscar?
—touporroutóu—unha carga de sal.

(1) Hermenegildo.
(2) *Veu d' a Marola:* viño de la *Marola*. Se da este nombre á un peñaseo situado entre las bahías de Ferrol y la Coruña.
(3) *Roxen:* hacen á manera de murmullo.

19. Sále para fora — cara de macaco
tíroch' unha pedra — fágoch' un burato.

20. Véndem'os *bois* (1) — e véndem'as vacas
e non me vendas — o pote d'as papas
Véndem'as *cuncas* (2) — e mais o cunqueiro
e non me vendas — o meu tabaqueiro.

El número 4, fué obtenido en Rivadeo provincia de Lugo. El 5, 7, 9, 13, 14 y 15, en varios puntos de la provincia de la Coruña. El 6, 16 y 18, en Santiago de Compostela. El 19 y 20, en Ares partido judicial de Puentedeume.

(1) *Bois:* bueyes.
(2) *Cuncas:* tazas.

MURMURACIÓN

1. Fuche contar mal de min
á quen tanto me quería;
sabendo qu'esa persona
á min todo m'o dicía.

2. Máis quero n-a miña porta
unha silva que me pique,
que ter unha mala lengua
qu'a miña conduta quite.

3. Non penséi qu'o toxo verde
posto n-o mar que prendía,
non penséi qu'a tua lengua
tanto mal de min dicía.

Los números 1 y 3, fueron obtenidos en Ares, partido judicial de Puentedeume.

NOMBRES DE PERSONAS

—

1. *Miña nai* (1) ten tres Xuanas,
eu tamén son Xuaniña;
¡váll'a Dios! (2) tanta Xuana
como a miña madre tiña.

Obtenido en Santiago del Burgo, partido judicial d la Coruña.

(1) *Miña nai:* mi madre.
(2) *¡Váll'a Dios!* ¡Válgala Dios!

OFICIOS

—

1. Aprendín de *carpinteiro*
n-a aldea de *Sigrás* (1);
a facer *cangas* ôs cochos (2)
e *caravillas* ôs cas (3).

2. *Carpinteiro, fáim'un tallo* (4)
que me quero sentar n-él,
si non me dá bo sentar,
márchate ti e mais él.

(1) Partido judicial de la Coruña.
(2) Golilla ó cepo de madera, que se pone á los cerdos para que no se suban á los terrenos cultivados.
(3) *Caravillas*, obstáculos de madera, puestos á los perros ara que no entren en los terrenos.
(4) *Fáim'un tallo:* hazme un banquillo.

3. Si queres qu'o *carro* cante,
compañeiro, meu viciño,
bótall'o eixo de *freixo* (fresno)
y-as *treitoiras* de *sangriño* (1).

4. A vida d'o *carreteiro*
non hai vida como ela;
a semana n-o carreto
e o domingo n-a taberna.

5. Lévame n-o *carro*, léva,
carreteiriño d'as uvas
lévame n-o carro, léva,
comeréi d'as máis maduras.

6. Aprendín á *cazador*
n-os montes de Salamanca;
ahora xa vou cazando
lebres de cabeza branca.

7. —A agulliña vai cosendo,
bóta por ela, dedal;

(1) *Treitoiras*: cuñas que sujetan el eje del carro; *sangriño*, madera que lleva este nombre por el color encarnado de su corteza, aunque en el interior es amarillo.

rematarèi a *costura*
para ganar un real.

8. As *costureiras* d'ahora
foron feitas ô *sisel* (cincel),
son amiguiñas d'os homes
com'as ovellas d'o mel.

9. *Costureira* non-a quero
si m'a dan *crèllome* d'ela; (me querello)
canto *barredoiro* hai (estropajo)
anda falando con ela.

10. *Costureiriña* bonita,
á palacio vas coser,
e n-a primeira escaleira
xa che deron que facer.

11. *Costureiriña* boníta,
arrechégate á este valo (aproxímate);
quéroche contar un conto:
o conto d'o meu cabalo.

12. *Costureiriña* bonita,
dame d'as tuas agullas,
qu'eu che daréi alfileres
para prender as costuras.

13. *Costureiriña* bonita,
delicada n-o comer,
váite pra cas de teu amo
qu'eu non te podo manter.

14. *Costureiriña* bonita,
¡dónde tès a tua cama,
n-o poleiro d'as galiñas
n-unha presiña de palla!

15. *Costureiriña* bonita,
vólve pol-o devantal
que che queda de bandeira
n-a raya de Portugal.

16. *Costureira*, pan n-a criba;
tecelana, *n-o tear* (1) (tejedora);

(1) *N-o tear:* en el telar.

zapateiro, *pote* [1] cheo;
xastre, co-a sartén n-o lar.

17. *Costureira*, no-na quero;
tecelana, xa m'a dan;
teñen as pernas tullidas
d'estar *á carón d'o chan* [2].

18. Dios ll'o pague â miña nai
que me puxo á *costureira*:
ven a auga non me molla
ven o sol e non me queima.

19. Tod'a miña vida anduven
tras d'unha *costureiriña;*
ahora quedéi sin ela
como unha agulla sin *liña* (hilo).

20. Tráime lume, tráime lume
cariña de *costureira*,

(1) *Pote:* olla de hierro de tres pies.
(2) *A carón d'o chan:* pegado al suelo.

tráime lume, tráime lume
n-a puntiña d'a tixeira.

21. (1) Miña nai ten unha filla
que *ñe* chaman Maricota
non é para ti, *ferreiro*,
barbas de galiña *choca* (2).

22. O *ferreiro* foi á misa
non soupo dicir o credo;
cando tocaron á santos
acordóuseñe o martelo (la ñ por la ll).

23. O *ferreiro* vai n-a misa,
a muller vai n-o carbón,
os fillos quedan chorando
debaixo d'un camastrón.

24. O *gaiteiro* de *Bioño* (3)
malo costado ch'o mate

(1) Obtenido en Ares lo mismo que los dos siguientes. Obsérvese que en dicho territorio pronuncian con la *ñ*, las palabras que en otros puntos se pronuncian con la *ll*. Tienen casi todos sus habitadores voz agradable y bastante musical.
(2) *Choca:* clueca.
(3) *Bioño*, lugar inmediato á la ciudad de la Coruña.

que non quer tocar a gaita
sin tomar o chicolate.

25. Indo por aquí abaixo
fiando n-a miña roca (hilando)
veu un páxaro trigal
cagóume n-a *mazaroca* (1).

26. Vénte vindo, vénte vindo,
vénte vindo, vénte andando
por non perdérel-o tempo
cólle a roca e ven *fiando*.

27. Mariquiña d'a *forneira*
se coceres fáime bolo
se m'o fas fáim'o de trigo
que centeo non ch'o como.

28. Mariquiña d'a *forneira*
tua nai hoxe cocéu:
dáme un bocado de bola
pol-a nai que te paréu.

(1) *Mazaroca:* husada.

29. Neniñas d'aló d'abaixo
víde *lavar* ô meu río
qu'anque o río non é méu
está n-o meu labradío.

30. Fun esta noite ô *muíño*
c'un fato de nenas novas
elas todas iban *majas* (1)
e-yeu locindo as *cirolas* (calzón de lienzo).

31. Non quero ser *muiñeiro*
nin barrer o muiñado;
que dempois n-o outro mundo
piden conta d'o roubado.

32. Tocadora d'a *pandeira*,
dálle máis unha pancada;
dálle co'-a man direita
que co'a outra non val nada,

33. Señor centinela
déixenos pasar

(1) En lugar de este verso algunos dicen: «todas iban en camisa».

que somos os *lulos* (pescadores)
qu'*imos* para o mar (vamos),
si collemos peixe
hémoslle de dar.

34. Somos os *lulos* de Sada
no-no podemos negar;
este ano n'-hai *parrocha* (sardina pequeña),
cagóu·o demo n-o mar.

35. *Tascadoras* d'o meu liño,
dádelle máis unha volta
anque me quede n-o forno
anque me quede, no-importa.

36. *Tascadoras* d'o meu liño,
dádelle máis unha volta;
anque acabedes de noite
anque acabedes no-importa.

37. A que non vich'o qu'eu vin:
n'a feira d'o *Rapadoiro* (1)

(1) Partido judicial de Carballo provincia de la Coruña.

vintecinco *xastres* xuntos
cosendo n-un *barredoiro.*

38. Mellor quero ser pereira
e dar peras e reperas,
que ser a dama d'un *xastre*
que non ten sinón guedellas.

39. O tío Amaro era *xastre*
pero despóis foi ladrón:
non houbo xastre n-o mundo
que non roubase un calzón.

40. Paséi a ponte d'o *Burgo* (1)
paséina n'unha carreira:
quedan vintecinco *xastres*
cosendo n'unha monteira.

41. Pol-a ponte de *Monelos* (2)
vintecinco *xastres* van
cada un con unha fouce
para matar unha ran.

(1) Santiago del Burgo, partido judicial de la Coruña.
(2) Inmediato á la ciudad de la Coruña.

42. Sete *xastres* fan un home
o ano de pan barato;
o ano qu'o pan é caro
xa fan falta vintecatro.

43. Todol-os *xastres* son burros
héinos de cargar de sal
¡arre! burro, ¡arre! xastre,
¡arre! para Portugal.

44. Vale máis un probe *xastre*
c'unhas *cirolas* (1) d'estopa,
que non rico *carpinteiro*
qu'o que gana todo emboca

45. Vale máis un probe *xastre*
c'unhas cirolas de liño;
que non rico *carpinteiro*
vestido de pano fino.

46. Pol-a ponte de Sigüeiro
vintecinco *xastres* van

(1) Calzoncillos.

co-as tixeiras abertas
para matar unha ran.

47. Sete *xastres* fan un home,
catorce fan un testigo,
para botar unha firma
fanche falla vintecinco.

48. —*Xastre* quéroch'un recado
e mais non é de costura;
que che quero perguntar
s'o mal d'amores tén cura.

49. —O mal d'amores ten cura,
mal d'amores cura tén;
qu'eu xa tiven mal d'amores
e... non m'o curóu ninguén!

50. —*Xastre* quéroch'un recado
pero non é de coser:
a cinta de namorar
¿de qué color ha de ser?

51. Quén *m-o compra* (1), que *ll' as* vendo,
catro cousas n-un rayal:
un *xastre*, unha *costureira*
unha agulla e un dedal.

52. Non hai amores máis firmes
que d'o *gaiteiro* e a gaita:
eu sopro, e y-ela toca
ni-n-a engaño nin m'engaña.

53. Quixen unha nena roxa
saléum'unha boa galga,
e, desd'entonces non quero
máis amor qu'a miña *gaita*.

54. Pol-a calle van dicindo
quén quer o leite que é bó:
si é leite que se prenda,
rapaza, tráim'o acó.

55. Este cantariño novo
quen-o *trouxo* (2) a esta terra

(1) *M-o compra:* me lo compra. En rigor debiera decir *M-as compra:* me las compra; el colector no quiso corregirlo.
(2) *Trouxo:* trajo.

os *zapateiros* de Noya
n-a punta d'unha *subela* (1).

56. O mariñeiro n-o mar
ten sempre *d'abondo* (2) pena:
unha ves, perd'o timón;
outra ves *rifall'a vela* (3).

Los números 1, 8 á 19, 35, 43, 45, 48, 49 y 50, fueron obtenidos en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 2, en Ares y Santiago del Burgo. El 3, 21, 22, 23, 36 y 55, en Ares, partido judicial de Puentedeume. El 4, en Pravio y Santiago del Burgo, parroquias del partido judicial de la Coruña. El 6, en Santiago del Burgo. El 7, en Pravio y Cambre, del partido judicial de la Coruña. El 25, en varios puntos de los distritos de la Coruña y Betanzos. El 28, en Santiago de Compostela y Padrón; ambos de la provincia de la Coruña. El 29, en Santiago del Burgo y Culleredo, en el partido judicial de la Coruña. El 30, 40, 44, 53 y 54, en Elviña, partido judicial de la Coruña. El 33, en la Coruña. El 34 en Sada, puerto del partido judicial de Betanzos, y, en la ciudad de la Coruña. El 37, en Carballo, partido judicial de la misma provincia.

(1) *Subela:* lesna.
(2) *D'abondo:* en abundancia.
(3) *Rifall'a vela:* se le enreda la vela con los temporales.

PÉRDIDAS

1. Aquela miniña chora,
chora, e ten que chorar;
que perdéu as almendrillas
n-o campo, á trevellar.

2. Perdín as miñas polainas
vindo o domingo d'a misa (viniendo),
quen m'as topóu que m'as volva
non sean contos de risa.

El número 2, fué obtenido en Elviña y otras parroquias del partido judicial de la Coruña.

PICARESCAS

—

1. A agulliña vai cosendo
o fío vaina siguindo (el hilo)
así fan as boas nenas
que d'o amor se van rindo.

2. Achégate, dalle un bico
en señal de casamento;
achégate, qu'é ben rico
no-no deixes descontento.

3. Adiós, miña miniña,
lévote n-o corazón:
pra rir e pasar o tempo (para reir),
para outra cousa non.

4. A doutrina cristiana,
señor cura, no-n-a sei;
pergúnteme cantigüelas
que eu lle responderéi.

5. Ahora que foi e foi,
nena, non teñas pesar;
ahora que foi e foi
Diol-o ha de remediar.

6. Algún día quixen Pepa
agora quero Marica;
agora vou eu sabendo
donde m'o zapato pica.

7. Aló arriba non sei donde
estavos non sei qué santo
e por rezar non sei qué
gánase non sei qué tanto.

8. Aloméame, candil,
que me quero ir â cama;
cómo ch'hei d'alomear
si non ês a miña dama.

9. A' miña muller morréu
enterréina tras d'o forno
paséi *onte* por alí, (ayer)
inda me *choscóu* un ollo (guiñó).

10. *Ó pasar o regueiriño* (1)
puxen o pe de chanqueta:
arriméime, que caía,
á-o cañón d'unha escopeta.

11. ¡Arriba! pol-o *portelo* (2),
miña prenda resalada,
¡arriba! pol-o portelo,
que n-a corredoira hai lama.

12. A vella perdeu o vello
por entre a *palla d'o millo* (3);
a vella queda chorando
pol-o *seu agarimiño* (su amparito).

(1) *Ó pasar o regueiriño:* al pasar el arroyuelo.
(2) *Portelo:* portillo, pasadizo con escalones clavados en un muro y aislados, generalmente.
(3) *Palla d'o millo:* paja del maíz.

13. Cando me pregunta o cura
por donde s'entra n-a *igresia* (1),
dígolle: vindo de presa
éntrolle pol-a travesa,
cando veño de vagar
entro pol-a principal.

14. Cásome contigo, *vello*, (viejo)
vello, cásome contigo:
ou habés de morrer logo
ou m'habés d'enterrar viva.

15. *Chamácheme* (2) moreniña;
¡branquiña, váite á lavar!
disme que non teño amores
¡*inda ch'os hei* (3) de prestar!

16. Chamácheme moreniña
eche d'o polvo d'a eira
xa me verás pra domingo
com'a guinda n-a guindeira.

(1) En algunas partes de Galicia dicen *igrexia* ó *ilesia*.
(2) *Chamácheme:* me llamaste.
(3) *Inda ch'os hei:* aún te los he.

17. Chamácheme pera parda
e pera parda hei de ser
anque caya de madura
ti non me has de comer.

18. Dáme viño, dáme viño
auga non podo beber,
sonche d'esta condición
con ela ch'hei de morrer.

19. Déixam'ir, déixam'entrar,
déixam'apartar a rama,
déixame dormir un sono,
miniña, n-a tua cama.

20. Esta noite hei d'ir *alá* (1),
eu e máis o camarada
á *abalar* unha pereira (sacudir)
que nunca foi abalada.

21. Esta noite hei d'ir aló,
rapaza, non teñas medo,

(1) Se dice *alá* y también *aló*.

como son home de paz
non póñal-o *tarabelo* (1).

22. Esta noite me levaron
á parolar c'unha nena,
meu corazón vai chorando
por ser a noite pequena.

23. Esta noite n-o muíño
ha d'haber o qu'ha de haber,
ha d'haber cabezas rotas
sobre quen ha de moer.

24. *Státe* (2) quedo, meliciano,
non me rompal-o mantelo:
si queres que rompa logo
bótall' a man pol-o medio (échale).

25. Estáte quieto, meliciano,
non me rómpal-o refaixo:

(1) Clavija giratoria de madera.
(2) Se pone en esta forma *státe* porque es la que mejor responde á veces al modo de hablar de los hijos del país.

si queres que rompa logo
bótall'a man por debaixo.

26. Este ano hai moito liño
este ano hai moita *aresta*, (arista del lino)
non empezóu inda a *tasca* (1)
xa me romperon a *testa* (cabeza).

27. Estreliña d'o luceiro
ti ben o has de saber:
¿cántas horas ten a noite
antes d'o amañecer?

28. Eu ben vin estar á *Pedro* (2)
n-o poleiro c'as galiñas;
entendín ¡por vida miña!
qu'era un *paxe* (3) de sardiñas.

29. Eu entrar entrei n-o prado,
eu coller collín n-a herba;
eu que fixen o derramo,
tamén cargaréi co-a perda.

(1) *Tascar:* espadar el lino. *Tasca:* reunión de tascadoras.
(2) *Pedro:* nombre que dan en algunas aldeas al zorro.
(3) *Paxe:* cesto de varas de mucha base y poca altura.

30. Eu queríame casar
miña nai non me deixóu; (mi madre)
ahora vou de soldado
¡boa muller me buscóu!

31. *Fun ô muiño* (1) con Paula,
fun ô muíño con ela,
fun ô muíño con Paula,
fun en paz e vin en guerra.

32. (2) Fun ô templo de Cupido
moitas cousiñas fun ver,
fun á ver como se morre
sin acabar de nacer.

33. (3) Hai que vivir alegre
que dí o refrán:
que ô que vive triste
o mesmo lle dan.

(1) *Fun ô muíño:* fuí al molino.
(2) Parece castellana.
(3) La forma no es propia de los cantares gallegos.

34. Háino, quiridiña, *háino*, (lo hay)
háino, *que no-no houbera* (1);
por causa de háino háino
vou para fora d'a terra.

35. Héiche de dar quiridiña,
héiche de dar { un bo dengue / perendengues }
héiche de dar, quiridiña,
héiche de dar, xa me entendes.

36. Héiche de dar un cariño,
un cariño cariñado,
héiche de dar un cariño
que ch'ha de durar un ano.

37. Heicho deixar, quiridiña,
heicho deixar que n' hai duda
heicho deixar, quiridiña,
o cuchillo d'a cintura.

38. Heime de casar n-a aldea
pol-a boa vida que fan:

(1) Equivale á *¡ojalá que no lo hubiera!*

pol-a mañán pan con peras,
de noite peras con pan.

39. Hoxe aquí, mañán alí,
esoutro día n-a feira,
así {penso / me hei} d'ir pasando
unha vida pasaxeira.

40. Indo para *San Andrés* [1]
escorrín, caín n'un toxo,
¡adiós toxo regalado,
adiós, regalado *toxo!* [2]

41. Indo pol-a mar abaixo
embarcado n-o méu bote
acordáronsem'as papas
que me quedaron n-o pote.

42. Marica, teu pai querendo
e tua nai non ch'o privando

(1) De Teijido, situado cerca del cabo Ortegal.
(2) *Toxo:* arbusto espinoso sin hojas, bastante común en los montes de Galicia.

eu serói teu ceruxano
d'ese mal qu'estás pasando.

43. Marica, ti erel-o demo
que me andas atentando;
vou ô río, vou â fonte
sempre t'atopo lavando.

44. Mariana trai un mandil
que lle vai chegando â *lama* [1] (lodo)
xa me canso de dicirlle:
«ergue o mandil, Mariana».

45. Maruxiña, Maruxiña,
a d'o refaixo amarelo;
si t'atopo n-o camiño
non ch'ha de valer non quero.

46. Miniña, dill'á *teu pai* (tu padre)
que se veña ver co-migo

(1) Los hijos del país al hablar el castellano rehuyen sin razón el uso de algunas palabras, temerosos de que correspondan sólo al dialecto, por ejemplo: *poza*, *lama*, *sacho*, etc. Alguna vez aparecen explicadas en esta colección con el único objeto de evitar se les atribuya otro significado.

¡tanto é o que me debe
que no me paga contigo.

47. —Miniña: pónte direita,
que teu pai te quer casar.
—Tan direitiña me poño
que non me podo baixar.

48. Miña *curmán* a máis nova (prima
cheguéi á querela tanto,
que por casarme con ela
pidiréilla ô Padre Santo.

49. Miña sogra morréu *onte* (ayer)
deixóu o pote á ferver;
déixame comer o caldo
que tamén hei de morrer.

50. Miña nai, *tírem'* o caldo (sáqueme)
que me quero ir á *deitar*, (acostar)
—Non ch'é esa a nai d'o año
que queres ir pasear.

51. O amor d'a costureira
é amor moi delicado,

que si ll'apertan o dedo
logo entend'aquel recado.

52. O amor qu'ha de ser meu
ten que ter o cu de pau
a barriga de manteca
e as tripas de bacalau.

53. *O crego* (1) cando vai fora
déixalle dito â criada:
nena, si non veño logo
déitate n-a miña cama (acuéstate).

54. O crego d'a miña aldea
trai a levita rachada
que ll'a racharon as nenas
un día n-a *foliada* (2).

55. O crego e mail-a criada
botaron o pan n-o forno;
y os pequechos lles dician:
nanái, teta; papái, bolo.

(1) *O crego:* el clérigo ó el cura.
(2) *Foliada:* reunión de campesinos para bailar ó ver bailar. En sentido irónico, gresca, riña.

56. O crego foi ô *moíño* (1)
co'o cenico n-a cabeza,
escorréronll'as chinelas
alá vai de cu n-a presa.

57. O creguiño de *Sueiro* (2)
muy pequeno se quedóu,
que naceu n-o mes d'Agosto
e co-a seca non medróu.

58. O cura chamóume rosa
eu tamén lle respondíu:
d'estas rosas, señor cura,
no-n-as hai n-o seu xardín.

59. (3) Olvidarte á tí por outro
non che cabe n-o meu peito
olvidar outro por tí
eso *xa ch'o teño feito* (4).

(1) Se dice *moíño* y *muíño*.
(2) Cerca de Sigrás.
(3) Parece castellana.
(4) *Xa ch'o teño feito:* ya lo tengo hecho. La sílaba apostrofada *che* es enclítica muy usada en gallego.

60. Ó muíño de meu pai
eu ben lle sei o *tempero:* (arreglo)
cando está alto baixalo
e cando está baixo erguelo.

61. Os amores que ti tes
son os qu'eu olvidéi:
¡andas apañando os *vagos* (uvas sueltas)
d'a viña qu'eu vendimiéi.

62. Os estudiantes d'a vila
apertáill'os *quivis covis*;
porque, cando *lles ven ben* (1)
dicen *miserere nobis*.

63. O zapato quer a media
a media quer o zapato
tamén a guapa meniña
quer un rapaciño guapo.

64. Para domingo que ven
lênse as miñas monicións (2)

(1) *Lles ven ben:* les viene bien.
(2) *Lênse as miñas monicións:* se leen mis amonestaciones ó proclamas.

ahora vans'acabando
as miñas murmulaciós.

65. Paséi pol-a tua porta
e mirei pol-o *ferrollo* (1);
a { *meiga* / pilla } d'a tua nai (bruja)
metéum'un pau por un ollo.

66. Perdín o meu refaixo
perdín as cintas d'él;
meu marido, dám'outro
qu'eu daréi conta d'él (música especial).

67. Santo, que estás n-o *cainzo* (2),
bóta castañas abaixo,
bótame d'as máis grandiñas (échame)
qu'âs pequenas non me baixo.

68. Sei tocar e sei bailar
sei tocar o violín,

(1) *Ferrollo:* pasador de madera ó hierro para asegurar la puerta en lugar de la cerradura.
(2) *Cainzo:* tejido de varas para poner á secar las castañas encima del hogar.

tamén sei virar as nenas
co-a cara para min.

69. Señor Xu-és non me prenda
qu'eu lle direi a verdá,
que ll'estuven c'unha nena
a noite de Navidá.

70. *Silva* verde, non me prendas (zarza)
que non son d'a tua terra,
nunca silva me prendeu
que non m'apartase d'ela.

71. Si me das un mirlo chirlo,
rapaza, de boa gana,
si me das un chirlo mirlo
non durmo n-a miña cama.

72. Si queres qu'o carro cante
bótall'*o eixo de freixo* (1),
e si queres qu'o amor veña
dalle talladas de *queixo* (queso).

(1) *O eixo de freixo :* el eje de fresno.

73. Si queres qu'eu ch'escriba
mándam' papel d'a Cruña,
mándam' a tinta, o tinteiro,
e tamén mándam'a pruma.

74. Si ti queres, e eu quero
nena, d'a cara redonda,
si ti queres, e eu quero,
un banco ben nos abonda.

75. Teño de prantar un pino
enriba d'o teu tellado,
cando o pino dea uvas
estaréi ô teu mandado.

76. Teño un amor n-a montaña,
teño un amor montañés,
teño un amor n-a montaña,
n-a Mariña teño tres.

77. Teño unha nena engañada
miña nai que lle faréi,
meu filliño engañ'á outra
qu'á esa eu lle pagaréi.

78. Teño unha nena n-o *Porto* (1)
outra n-o *chan d'a Mariña* (2),
a d'o Porto me regala
por ser a máis bonitiña.

79. Teño xuramento *feito* (hecho)
e o teño de cumprir
o día d'o meu enterro
non hei de cantar nin rir.

80. —Ti que fas ahí, Xan Núñes,
ti que estas ahí facendo;
—Estóu *termando d'este valo* (3)
que me din que está caendo.

81. Ti tel-o sombreiro ô lado
porque che vexan o pelo
nin por eso millor mozo
non t' has de casar máis cedo.

(1) Partido judicial de Puentedeume.
(2) *Chan d'a Mariña:* suelo ó país de la *Mariña* de Betanzos.
(3) *Termando d'este valo:* amparando este vallado.

82. Todal-as *vellas* se casan, (viejas)
ningunha moza s'espante:
¡quen me dera á min ser vella
para ir n-esta vacante!

83. Tómam'o *soniño*, toma, (sueñecito)
¡que lle teño de facer!
déitome n-a miña (1) cama
e, déixom'adormecer.

84. —¡Tóma nena, tóma nena!
—Non quero dar nin tomar,
qu'eu por entendido teño
qu'o que toma ten que dar.

85. Tráime lume, tráime lume,
tráime lume n-unhas pallas
de camiño (2) que m'o traes
heiche de facer monadas.

(1) *Déitome n-a miña:* acuéstome en la mia.
(2) *De camiño* que m'o traes. El gallego es muy rico en modos adverbiales, ó sea idiotismos, que generalmente se forman de alguna preposición con sustantivos ó adjetivos usados adverbialmente, pueden servir de ejemplo los siguientes: *á furtadelas, á palpadela, ás veces, de mañá, en ningures, ô fin e ô fallo,*

86. Unha noite fun ô muíño
sin ter millo que moer;
enredéime co'as rapazas
por non saber que facer.

87. Vamos indo á cáis
qu'hai moito que ver,
un home casado
con unha muller.

88. *Voume indo* (1), voume indo
non mires máis para min;
co'a ayuda (2) d'os teus enredos
¡o meu tempiño perdín!

(1) *Voume indo:* vóime yendo.
(2) *Co'a ayuda*: con motivo. Generalmente equivale á las frases siguientes: *con la esperanza*, *á pretexto*.

Los números 1, 5, 8, 9, 11, 15, 59, 80 y 83, fueron obtenidos en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 3, 4, 6, 13, 21 á 23, 51, 60, 61, 62 y 75, en Elviña, partido judicial de la misma. El 7 y 10, en varias parroquias de los partidos judiciales de Puentedeume, Coruña y Betanzos. El 12, 33, 40 y 41, en Ares, partido judicial de Puentedeume. El 14, 24 y 25 en Santiago de Compostela, y en varios puntos del partido judicial de la

Coruña. El 16 á 20 y el 81, en Elviña y Culleredo, del partido de la Coruña. El 27 y 56 á 58, en Elviña y otros puntos del partido judicial de la Coruña. El 28, en Ares, partido judicial de Puentedeume y en otros puntos del partido judicial de la Coruña. El 29, 36, 37, 39, 42, 44, 70, 72, 76, 77 y 78, en Pravio y otros puntos del partido judicial de la Coruña. El 30, 31, 34, 68, 69 y 73, en varios puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos. El 32 y 54, en Abegondo, partido judicial de Betanzos. El 35, 38, 45, 47 y 49 son bastante comunes en diferentes puntos de la provincia de la Coruña. El 46, en Elviña, Culleredo y otros puntos del partido judicial de la Coruña. El 63 y 64, en Abegondo y otros puntos de la provincia de la Coruña. El 66, 85, 86 y 87, en la Coruña. El 67, en Santiago de Compostela, Pravio y otros puntos de la provincia de la Coruña. El 71, en Vivero, provincia de Lugo. El 84, en Santiago del Burgo, partido judicial de la Coruña. El 88, en Sarandones, Ayuntamiento de Carral, en la provincia de la Coruña.

Los números 40 á 42 son conocidos en muchas partes de la provincia de la Coruña. El 53, 60, 61 y 65, son muy usados en toda Galicia.

PIROPOS

---

1. Aloméame, *alqméame* (1),
estreliña d'a fartura (2);
aloméame, aloméame,
mentras que non ven a *lua* (3).

2. As castañas son castañas,
os orizos son *orizos* (4);

(1) *Aloméame:* alúmbrame.
(2) *Estreliña d'a fartura:* Llaman así los campesinos al planeta *Venus* que, generalmente le denominan *lucero del alba* cuando aparece antes de salir el sol; y *estrella de la tarde* cuando brilla á la puesta de aquél. Se dice *fartura*, ó abundancia, porque creen los labradores en la influencia de dicho astro sobre las cosechas, á medida que le observan más al Mediodía.
(3) Se dice *lua* y *luna*.
(4) Generalmente se dice *ourizos* en lugar de *orizos*.

os ollos d'a tua cara
para min son dous feitizos.

3. Eres unha fror *ourente* (olorosa)
como a quer o meu deseo,
eres unha estrela branca
que *veu* caída d'o ceo (vino).

4. *Moito ch'está* (1) o sombreiro,
queridiño d'os meus ollos,
moito ch'está o sombreiro
¡non lle está así á todos!

5. Moito me gusta, rapaza,
o lavar d'a tua roupa,
has de ser miña cuñada
si meu hirmán non ten outra.

6. O primeiro amor que teña
ha de ser d'un militar,

(1) Es muy común en gallego decir *moito ch'está* por *muy bien te está.*

que anque non teña diñeiro
ten un *polidiño* (1) andar.

7. Pol-as rosas d'a roseira
catro biquiños che dei;
â primeira que me deches
prendado de tí quedei.

8. Si tiveras ó coral
como son as almendrillas,
habíate de levar
á todal-as romarías.

El número 2, fué obtenido en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 4 y 5 en Pravio y otros puntos del partido judicial de la misma. El 6 y 8, en Vivero, provincia de Lugo. El 7 en Oleiros, parroquia del partido judicial de la Coruña.

(1) *Polidiño* ó *pulidiño:* pulcro, distinguido.

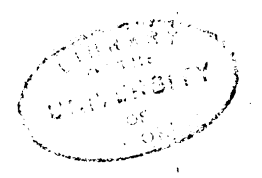
QUEJAS

1. ¡Ai! Marica, quén te entende,
Mariquiña de *Nostián;* (1)
cantos che rondan a porta
¡tal se veñen tal se van!

2. Quéixome, por que me doi
que sinón non me queixàra,
¡quen é aquel que se *queixa* (queja)
sin que non lle *doya* nada! (2) (duela).

El núm. 2 fué obtenido en Vivero, provincia de Lugo.

(1) *Nostián:* lugar de la parroquia de San Pedro de Birma, próxima á la ciudad de la Coruña.
(2) La construcción del 4.º verso difiere de la correspondiente en castellano.



RECONVENCIÓN

1. *Por mor d'* (1) ese teu galo
ouh, tí, mala viciña;
por mor d'ese teu galo
perdín miña galiña.

2. Ti tel-a monteira á un lado
heich'a de pôr (2) ô dereito,
que, che quero perguntar
cánto mal che teño feito.

El número 2 fué obtenido en Elviña y otros puntos de la provincia de la Coruña.

(1) *Por mor d'*. Esta frase como *á beira de*; *ô pe de* y otras, son modos que pudiéramos llamar prepositivos, por desempeñar el oficio de preposiciones á semejanza del papel que los modos adverbiales desempeñan haciendo oficio de adverbios. Citamos con intención *á beira de*, porque este idiotismo tiene significación más lata que la aparente: *á la orilla de*.
(2) *Heich'a de pôr:* te la he de poner.

REFLEXIVAS

—

1. Acabárons ' as castañas,
secárons'os *castiñeiros*, (castaños)
acabárons'as rapazas;
quedan os mozos solteiros.

2. A Castilla van os homes
á Castilla por ganar
Castilla queda n-a terra
para quen quer traballar.

3. Amoriño, non desprecies
ô probe po-lo non ter
qu 'o rico pode faltar
e o probe non te querer.

4. Cando paséi por aquí,
castillo, vinte caído,
agora volvo a pasar
e xa estás fortalecido.

5. Canta a rula, canta a *rula*, (tórtola)
canta a rula n-aquel souto;
probiño d'aquel qu'espera
po-lo que está n-a man d'outro.

6. Coitadiño d'o que morre
s'o Paraíso non vai;
o que queda logo come
e d'o pesar se *desfái* (deshace).

7. Manoel, ti andas n-o monte
co-a roupiña remendada;
déixate, Manoel, d'andar,
« quen mal anda mal acaba ».

8. Mariquiña, non descubras
tuas penas á ninguén
o que lle contas â amiga
en contalo presa ten.

9. Mozo d'a monteira *ô torto*, (inclinada)
que gastas moita fachenda;
¡á tua porta non chegan
carros cargados de renda!

10. Non pod'un home de ben
entrar en ningunha casa,
si é casado o marmulan
si é solteiro xa se casa (1).

11. Non quero contos de naide
qu'o crego me reñiría,
de outras o que me dis
outro de min contaría.

12. Non te cases con viudo
anque teña moita roupa,
que sempr'andará dicindo
¡ai! ¡*mulleriña* (2) era a outra!

13. O río cando *vai cheo* (3)
leva *carballos* (4) e follas,

(1) Igual á otra castellana.
(2) *Mulleriña:* mujercita en el sentido de esposita.
(3) *Vai cheo:* va lleno.
(4) *Carballos:* robles.

tamén podía levar
as lenguas murmuladoras.

14. Por unha noite de gusto,
meu corazón de berbena,
por una noite de gusto;
déchesm' (1) un cento de pena.

15. Sirvir ô rei, quiridiña,
sirvir ô rei ¡gran regalo!
sirvir ô rei, quiridiña,
¡nin d'a pe, nin d'a cabalo!

16. Uns corren para Castilla
outros corren para Cáis,
e sólo Dios é quen sabe
en donde a fertuna está.

17. Vámolo así levando,
Farruquiño, meu amor;
vámol-o así levando
este mundo engañador.

(1) Se dice *déchesme* y *déchems* en lugar del castellano *dísteme*.

18. Doum'unha ovelliña Dios,
eu tratéina con rigor,
perdóname, miña ovella,
qu'eu te trataréi mellor.

19. O que navega de noite
ha tropezar n-os penedos
¡e yeu qu' ando por de día
tropezo n-os teus enredos!

Los números 1, 6 y 13, fueron obtenidos en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 2 y 17, son bastante comunes en Galicia. El 3, en Abegondo, partido judicial de Betanzos. El 4, en Elviña, partido judicial de la Coruña. El 5, en diferentes puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos. El 6, en Sada, provincia de la Coruña. El 7 y 9, en diferentes puntos del partido judicial de Betanzos. El 10, en la Coruña. El 12, en Santiago de Compostela. El 14, en Monforte, provincia de Lugo. El 15 y 16, en Ares y otros puntos de la provincia de la Coruña. El 18, en Vivero, provincia de Lugo. El 19, en la Coruña.

REUNIÓN ALEGRE

1. Anque veño por aquí
non veño por facer mal,
veño por adivirtirme
co-a xente d'o meu igual.

Fué obtenido en Pravio y otros puntos del partido judicial de la Coruña.

RONDADORES

---

1. Á tua porta, rapaza,
à tua porta hai lama;
bótalle retrama verde,
bótall'a verde *retrama* (1).

2. Esta noite hei d'ir â tuna
c'o pau de *viveiro* (2) branco,
¡qu'o que rompo de zapatos
tamén o aforro de mantas!

(1) Parece aludir la palabra *retrama* á la *retama;* ésta se conoce en el país con el nombre de *xesta*.

(2) *Viveiro:* nombre que corresponde al de almáciga ó vivero; pero en esta copla parece referirse á determinada clase de madera.

3. Paséi por aquí cantando
e despertando á quen dorme,
¡para quedar soledades
á quen che falar non pode!

4. Paséi pol-a tua porta
con tres horas de *luar*, (luna)
vin qu' estaba a mesa posta
e teu pai para *cear* (cenar).

El número 1, fué obtenido en Elviña, parroquia próxima á la ciudad de la Coruña y en Abegondo, parroquia del Ayuntamiento del mismo nombre, partido judicial de Betanzos, de la provincia de la Coruña. El 2, en Pravio, partido judicial de la Coruña. Los 3 y 4, en diferentes puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos.

SANTOS, SANTUARIOS Y ROMERÍAS

—

1. A *Virxe de Pastoriza* (1)
alabada sea ela:
ela é a miña madriña
eu son afillado d'ela.

2. A *Virxe de Pastoriza*
ten o camarín de pedra
¡ben-o podía ter de prata,
miña Virxe, si quixera!

3. A *Virxe de Pastoriza*
vai indo pol-a ribeira
collendo conchiñas d'ouro
meténdo-as n'a faltriqueira.

(1) Santuario muy concurrido, á 7 kilómetros de la Coruña.

4. Pescador que estás pescando,
péscam'e unha rebaliza
para levar de regalo
â *Virxe de Pastoriza.*

5. A San *Andrés de Teixido* (1)
fun co-a cesta n-a cabeza;
fun por mar e vin por terra
o santiño m'o agradeza.

6. Indo para *San Andrés* (de Teijido)
aló n-a punta *d'o cabo* (cabo Ortegal)
díxom' unha pousadeira:
romeira, ¿ti quès o caldo?

7. Fun o Santo *San Andrés*
aló n'o *cabo d'o mundo*,
¡sólo por te ver meu santo
tres días hai que non durmo!

(1) Santuario muy concurrido cerca del cabo Ortegal. Es tal la devoción, en particular la de los aldeanos, que antiguamente se decía: «A San Andrés de Teixido, ó que non vai de morto vai de vivo.»

8. Ó Santiño *San Andrés*
este ano aló non vou
po-la falta d'o diñeiro
¡cánta xente se quedóu!

9. ¡Ai! miña *Virxe d'a Barca*
ai, miña Virxe, *valeime* (2)
qu'estou n-o medio d'o mar
sin ter barqueiro que reme.

10. Nosa *Señora d'a Barca*
alá vai po-la ribeira
collendo conchiñas d'ouro
meténd'-as n-a faltriqueira.

11. Veño d'a *Virxe d'a Barca*
veño *d'abaná-la pedra* (3)
tamén veño de vos ver
Santo Cristo de *Fisterra* (4.

(1) Santuario situado en Mugía, costa occidental de la provincia de la Coruña, partido judicial de Corcubión.
(2) Se dice *valeime* y con más propiedad *valéme* y *valédeme*.
(3) Alude á la *piedra oscilante*, encima de la cual acostumbran á subirse los romeros.
(4) *Fisterra:* Finisterre, partido judicial de Corcubión.

12. Madre de Dios de *Chanteiro* (1),
déano-lo vento en popa
que somos os *mugardeses* (2)
levamol-a vela rota.

13. Señora *Santa Lucia*,
a d'o río d'o Piñeiro:
tende conta co-a ermita
que no-na leve o rigueiro.

14. Cando vayás a *Santiago* (3)
comprarásm'un *Santiaguiño* (4),
cóida de comprarmo grande
anque coste un realiño.

15. Meu santo *Apóstol Santiagó*
este ano aló non vou;
po-la falta d'o diñeiro
moita xente se quedou (5).

(1) Santuario próximo al puerto de Ares, en el partido judicial de Puentedeume.
(2) Habitantes de *Mugardos* pequeño puerto situado frente al Ferrol.
(3) Santiago de Compostela.
(4) Especie de medallones con la imagen de Santiago Apóstol.
(5) Casi igual á la del número 8 de esta sección.

16. Miña *Santa Margarita* (1),
miña Margarita santa,
co-a auga d'a tua fonte
sanoum'a miña garganta.

17. Miña *Santa Margarida*,
miña Margarida santa,
tendes a casa n-o monte
donde o paxariño canta.

18. *Nosa Señora de Sada*
alá vai pol-a ribeira
collendo cunchiñas brancas
metêndo-as n'a faltriqueira.

19. *Nosa Señora de Sada*
aló vai pol-a ribeira
en manguiñas de camisa,
parece unha costureira.

(1) Santa Margarita, patrona de la parroquia de Montemayor en Laracha, partido judicial de Carballo.
(2) Parroquia principal del Ayuntamiento del mismo nombre, en el partido judicial de Betanzos.

20. Santo *San Bertolomé* (1)
aquí me meto que *chove* (llueve)
n-a sua capilla nova
hai unha rosa que ole.

21. Teño d'ir á *Santa Minia* (2)
teño d'ir â *Escravitú* (3),
téñolles de dal-as gracias
que me deron a salú.

22. *San Xoán* pideu á Cristo
pra que non-o adormentase
pára ver beilar o sol
o día d'a sua romaxe.

23. Santo *San Xoán d'Arruxo* (4)
déalle salú ô raposo
os gatos de Maldonado
rabuñáronll'o pescozo.

(1) En la parroquia de Vilacoba, distrito de Abegondo, partido judicial de Betanzos.
(2) Santuario moderno cerca de Santiago de Compostela.
(3) Se refiere al Santuario de la Virgen de la Esclavitud, cerca de Padrón.
(4) Capilla dependiente de la parroquia de Ares, en el partido judicial de Puentedeume.

24. San *Payo de Vilacoba* (1)
moito mira para min
que lle din que son casada
con ningún home dormín.

25. Moito víva, moito víva,
San Payo de Vilacoba
moito víva, moito víva
n-a sua capilla nova (2).

26. Miña nai e mais a tua
as duas van n-a *romaría*
a miña vai de refaixo
a tua vai de mantilla.

27. Miña nai e mai-la tua
as duas van n-a *romaría*;
malas novas vàan (3) d'a tua
qu'a miña xa se volvía.

(1) Parroquia del distrito de Abegondo, partido judicial de Betanzos.
(2) En efecto, la iglesia debió construirse en este siglo.
(3) *Malas novas vàan*: malas nuevas se digan de ella. El *vàan* es contracción de *vayan*. En castellano puede considerarse aquella frase, equivalente á *¡mal haya!*

28. Miña nai e mai-la tua
as duas van n-o *xubeleo*
a miña vai de refaixo
a tua vai de chapeo.

29. *San Antonio* garde o *gando* (ganado)
e mais o meu becerriño,
que está n-a *corte bruando* (1) (cuadra)
po-la nai qu' é pequeniño.

30. Si te vas á *San Benito*
non vayas ô de *Paredes* (2),
que tamén é San Benito
o d' o convento de Leres (3).

31. San *Antonio* e o seu porco
iban por un camiñiño
íball' o porco dicindo:
dém' unha pinga de viño.

(1) *Bruar:* bramar ó mugir.
(2) En Puentearéas, provincia de Pontevedra. Algunos castellanos acentúan indebidamente la primera *a* de Puentearéas; la palabra *aréas* equivale á la castellana *arenas.*
(3) Cerca de la ciudad de Pontevedra.

32. *Virxe d' os Desamparados* (1)
tès unha *ilesia* (2) valente
pòs olliños de pracer
cando miras par' a xente.

(1) En Santa María de Abades, Ayuntamiento de Silleda, partido judicial de Lalín, provincia de Lugo.
(2) Unos dicen *igresia*; otros *igrexa*, y otros *ilesia*.

Los números 1 á 9, fueron obtenidos en diferentes puntos de los partidos judiciales de la Coruña, Betanzos y Puentedeume. El 11, 12, 14 y 15 á 19, en varios puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos. El 20 y 21, en Abegondo y otros puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos. El 22, en Ares, partido judicial de Puentedeume. El 23 á 26, en varios puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos. El 27, 28 y 30, en Vivero, provincia de Lugo.

SUPERSTICIOSA

1. As miniñas de *Boel* [1]
poñen o pe n-auga crara
non se lle quere avolver.

(1) Ignoro á qué se refiere la palabra *Boel:* ninguna parroquia de las cuatro provincias gallegas lleva ese nombre.

TEMOR

—

1. **Abrem'a porta, Marica,**
Marica de Xulián,
ábrem'a porta, Marica,
que me vai *trabar o can* (1).

2. **Mariquiña, ô teu refaixo**
bótañe un reberetiño (2),
non ño botes amarelo
***bótaño* (3) coloradiño.**

(1) *Trabar o can:* aquí está por morder el perro, pero *tarbar* significa también rabiar ó tener *hidrofobia*. *Este cadelo ten a traba:* este perrito tiene la rabia.
(2) Franja en la orilla inferior.
(3) *Bótaño:* échaselo. En Ares, puerto del partido judicial de Puentedeume, es común el uso de la *ñ* sustituyendo á la *ll;* en otras partes se canta esta copla diciendo *bótalle;* non ll'o botes.

TRISTEZA

---

1. *Ahora* (1) que ven a leva
de levar os homes todos,
si me levan meu hirmán
lévanm'a vista d'os ollos.

2. *Agora* que ven a leva
de levar os homes todos
¡lévanm'o meu quiridiño,
lévanm'a vista d'os ollos!

3. Algún día, algo, algo,
agora *¡Malpocadiño!* (2)

(1) Se dice *ahora* y *agora*.
(2) Desdichado, digno de lástima.

xa non me queren as nenas
porque vou acabadiño.

4. Cando pensei que te tiña
para o máis lindo regalo,
téñote, miña miniña,
d'o pensamento mudado.

5. Choran meu pai, miña nai,
porque me vou á casar;
non choren, padre, nin madre,
que non me van á enterrar.

6. De que sirvéu conocerte
de que sirveu namorarte (1),
si ô fin ô cabo chegóu
o momento de deixarte.

7. Eu non teño pai nin nai
nin muller que por min chore,
véxome solo n-o mundo (2)
¡noso Señor me console!

(1) Parece castellana.
(2) Semejante á la del núm. 13.

8. Hoxe caín de soldado
mañán voum'á resellar,
¿quén ha de ser a miniña
que por min ha de chorar?

9. Ladran os cans, xente *véen* (1)
son os d'a noite pasada
quedáno de vir, e ven.

10. Mal haya o amor, mal haya,
e quen d'o amor se fía,
entreguéi o corazón
á quen non m'o merecía,

11. Miña nai doum'unha tunda
co'a faldra d'unha camisa
miña nai, téña *vergonza* (2),
que ven a xente d'a misa,

12. Non me mates a *pombiña* (3)
qu'está n-o *arró da eira* (4),

(1) Esta palabra *véen* está en sustitución de *veñen*. Los tercetos recuerdan, en opinión de algunos escritores, las *triadas* célticas, á pesar de la diferencia de rima.
(2) Se dice *vergonza* y con más propiedad *vergoña*.
(3) *Pombiña:* palomita.
(4) *Arró d'a eira:* faja de tierra inculta que rodea la era de trillar ó majar. Es de presumir que la *pombiña* de que se trata sea tomada en sentido figurado.

non me mates a pombiña
que foi miña compañeira.

13. Non teño padre nin madre
nin hirmán que por min chore,
ahora vou po-lo mundo
Noso-Señor me console (1).

14. ¡Para un hirmán que teño!
para un hirmán solteiro,
¡para un hirmán que teño!
lévanmo de mariñeiro.

15. Pasei po-la tua porta
erguín os ollos e vin
un letreiro que me dice:
ti non eres para min.

16. Quén ten os fillos pequenos
nunca deixa de arrolar,
quén ten seu amor n-a guerra
nunca deixa de chorar.

(1) Es semejante al del núm. 7. En unos sitios se dice *hirmán* y en otros *hirmau*.

17. Séntate n-esta pedriña
qu'eu me sentarei n-estoutra,
axudarásm' á chorar
a miña fertuna pouca.

18. Troquei o meu corazón
por un ramo de cereixas,
adiós o meu corazón
xa que te vás e me deixas.

19. Xaniño, Xan de Varela
¿para que queres a cama
si non has de dormir n-ela?

Los números 1, 2, 3 y 5 á 7, son bastante comunes en los partidos judiciales de la Coruña y Betanzos. El 4, fué obtenido en Abegondo, partido judicial de Betanzos. El 8, en Monforte, provincia de Lugo, y conocido en varios puntos de la Coruña y Betanzos. El 10, en Santiago del Burgo y Cambre, ambos del partido judicial de la Coruña. El 11, es conocido en varios puntos de los partidos de la Coruña y Betanzos. El 14, 17 y 18, en Pravio, partido judicial de la Coruña. El 15, en Elviña y otros puntos de los partidos judiciales de la Coruña y Santiago.

VECINOS

---

1. Vale máis un *toxo* verde
plantado n-a miña horta,
que unha mala veciña
d'arredor d'a miña porta.

Obtenido en Ares, partido judicial de Puentedeume.

ADVERTENCIA

Los tomos siguientes del presente Cancionero llevan casi los mismos epígrafes que el primero en las secciones de que constan. De esta suerte será más fácil continuar la colección con nuevos materiales, cuando haya los bastantes para formar uno ó más tomos, y se conseguirá al mismo tiempo evitar la monotonía propia de las secciones demasiado largas.

La casi totalidad de los cantares contenidos en este tomo y en los dos que le siguen, fueron tomados por el colector directamente de labios de gente vulgar.

APÉNDICE

APÉNDICE

ANALOGÍA ENTRE ALGUNAS CÁNTIGAS GALLEGAS Y OTRAS COPLAS ANDALUZAS, CASTELLANAS Y CATALANAS.

El deseo de rendir un ligero tributo de consideración y de afecto á mis queridos amigos el laborioso folk-lorista el Sr. D. José Pérez Ballesteros, y el distinguido mitógrafo portugués Sr. D. Teófilo Braga, me han movido á insertar este breve apéndice, cuyo objeto no es otro que el de indicar las concordancias que existen entre las cántigas contenidas en este libro, y las coplas andaluzas y castellanas y aun catalanas que su lectura me recuerdan.

Entre las coplas que cito á continuación, hallarán los lectores muchas completamente iguales á las del texto, hasta el punto que parecen unas mismas ó traducidas literalmente, y otras que, iguales por su contenido ideológico, varían sin embargo por su forma de expresión. De todos modos resulta que la *inmensa mayoría* de las cán-

tigas de esta colección, no tienen análogas en las coplas contenidas en los *Cantos populares españoles* del Sr. Rodríguez Marín, en *Los Cancioneros* del Sr. Lafuente Alcántara y Fernán Caballero, en las corrandes contenidas en *Los canson y follíes*, obra del Sr. Bertrán y Bros recientemente publicada, ni en mi *Colección de cantes flamencos*. Importa, por tanto, que las diversas regiones de España se apresten á una obra semejante á la emprendida por el Sr. Ballesteros, si hemos de poder apreciar en su justo valor el caudal poético y afectivo de la musa popular española, la cual, á juzgar por las muestras contenidas en este libro, tiene en las provincias y dialectos páginas por todo extremo interesantes.

He aquí ahora las concordancias á que nos referimos.

A las 2 y 8 (página 3) de la sección de *Agravios* corresponden las siguientes:

Ven acá, falsa y refalsa
Falsa te vuelvo á decir,
El día que me vendiste
¿Cuánto te dieron por mí?

Si me desprecias por pobre
Digo que tienes razón;
Hombre pobre y leña verde
Arden cuando hay ocasión.

Al núm. 2 y 3 (página 8) de la sección de *Amorosas* se refieren las siguientes:

Ahí tienes mi corazón
Con su candado y su llave,
Abrelo y métete dentro
Que tú solamente cabes.

Salga el sol si ha de salir
Y si no que nunca salga,
Que para alumbrarme á mí
La luz de tus ojos basta.

A las 12 y 15 (página 10) y de la misma sección corresponden las siguientes:

Cinco sentidos tenemos,
Todos los necesitamos,
Todos cinco los perdemos
Cuando nos enamoramos.

Yo no sé lo que me has dao
Que no te puedo olvidar,
De día en el pensamiento
De noche en el ensoñá.

Yo no sé lo que le ha dao
Esa flamenca á mi cuerpo,
Que jago por orbiarla
Y más presente la tengo.

A las 30 y 38 (páginas 15 y 16) de la misma sección las que siguen:

Pájaro que vas volando
Y en el pico llevas hilo,
Dámelo para coser
Mi corazón que está herido.

Si el querer bien se pagase
Mucho me estabas debiendo;
Pero como no se paga
Ni me debes ni te debo.

Análogas á las 1.ª y 19 (páginas 19 y 22) de la sección titulada *Animales, plantas y frutos* son las que siguen:

La perdiz anda en el monte
. . . .
La perdiz anda diciendo:
¿Dónde está mi enamorado?

Si supiera la casada
Para qué sirve la ruda,
Trasnochara y madrugara
A cogerla con la luna.

En Portugal:

Se a mulher soubesse
A virtude da arruda
Buscal-a hia
De noite á lua.

Al núm. 2 de la sección de *Ausencias* (página 27) se refiere la siguiente:

A las Indias van los hombres
A las Indias por ganar,
Las Indias aquí las tienen
Si quisieran trabajar.

Levemente parecidas á la 8.ª (página 34) sección de *Burlescas* son estas coplas que se cantan en Sevilla:

Los gallegos en Galicia
Cuando van en procesión
Llevan un gato por santo
Y una vieja por pendón.

Los gallegos en Galicia
Dicen que no comen coles
Cuando llegan á Sevilla
Hasta los tronchos se comen.

Los gallegos en Galicia
Cuando van á confesar
Llevan la barriga llena
De mendruguillos de pan.

Mucho más graves que éstas, inocentes en su fondo, son las siguientes follíes que tomamos de la citada obra del Sr. Bertrán y Bros:

A Tarrassa mala rassa
La meytat ne son jueus,
A Esparguera'n son dimonis
Y á Olesa bona gent.

A Tarrassa bona rassa
Quasi tots son bona gent,
A Olesa son dimonis
Y á Esparguera son jueus.

La diferencia esencial entre éstas y otras coplillas análogas y la del texto, estriba sólo en que éstas constitu-

yen burlas de región á región, y aquéllas de pueblo á pueblo. Unas y otras deben ser recogidas en una obra semejante á la publicada por los Sres. H. Gaidoz y P. Sébillot con el título de *Le Blason populaire de la France.* La cultura moderna ha adelantado lo bastante para convertir en motivo de unión y de amistad lo que parece por su fondo menos apropiado para desarrollar estos nobles y generosos sentimientos. El estudio de los *apodos* y de los *dictados tópicos*, materia en que se han ocupado en Portugal y España los Sres. Leite de Vasconcellos y Romero Espinosa, comprueba esta verdad.

La frase *juntarse el hambre con la gana de comer* que se conserva en la copla 18 de la sección de *burlescos* (página 37) se hallan también en algunas coplas andaluzas que no recordamos ahora.

A la copla 25 de la misma sección, corresponden las siguientes de Andalucía que por cantarla con frecuencia los muchachos, sin duda, ha sido insertada por nuestro amigo Sr. Rodríguez Marín en las rimas infantiles del primer tomo de su obra *Cantos populares españoles.* He aquí dichas rimas:

Ar que tiene biñas y olibares
Cantarle, cantarle,
Ar que no tiene naa
En er pájaro berde lo llevarán.

Tiene biñas y olibares
Cantare, *cantare*
No tiene biñas ni olibares
Andare andare.

Gori, gori, gori
Vamos á enterrá 'este pobre
Que no tié dinero
Pa pagá 'l entierro.

Señó don Gregorio,
Señó don Gregorio
Usté que tié dinero
Ba con requilorio.
Gregorio, Gregorillo
Tú que no tiés dinero
Bas de ligeriyo.

Muy leve parecido con la copla 37 de la misma sección, que es por cierto de las más nutridas de este libro, es la siguiente:

Aunque me ves chiquetita
Y tú tan alto te ves
No pienses que soy escoba
Y conmigo has de barrer.

Completamente análoga á la 61 de la misma sección es la andaluza que dice:

Amor mío, come y bebe
Y en mí no tengas recelo
Que me tienes tan segura
Como el agua en un harnero.

A la décima de la sección de *Cantares*, corresponden una copla que escuchamos á una muchacha de Proaza—Asturias—y que dice:

A cantar ganarásme,
Pero á cantares...
Tengo yo un arca llena
Siete costales.

De cansons y de follíes
Tota una quartera 'n sé
Las butxaques en tinch plenas
Y encara un sach per desfer.

A la cántiga 18 de la misma sección, se asemeja mucho la copla que dice:

No canto porque me escuchen
Ni para lucir la voz

Canto porque no se junten
La pena con el dolor.

A la 19 de la misma sección (pág. 52) corresponde la siguiente:

En medio de la mar
Oí cantar la sirena
¡Válgame Dios que bien canta
Una cosa tan pequeña!

A las 2.ª y 3.ª de la sección de *Casamiento* son ideológicamente análogas las siguientes follíes (obra citada del Sr. Bertrán y Bros).

El día que'm casare
Pujaré á dalt d'un serrat
Y diré: ay, adeu, bon temps
Maymés et tornaré á veure

(Esparraguera).

El día que'm vatx casar
Vatx pujá'a dalt d'una serra
Y vatx dir: adeu, bon temps,
Maymés et tornaré á veure.

(Esparraguera).

A la copla núm. 6, pág. 61, de la sección de *Consejos*, corresponde la siguiente que nos parece un arreglo, ó mejor dicho, versión de la contenida en el texto:

El secreto de tu pecho
No lo digas á tu amigo
Que si la amistad le falta
Será contra tí un testigo.

El secreto de tu pecho
No se lo digas á nadie,
Mejor te lo guardará
Aquel que no te lo sabe.

A las 13 y 28 (págs. 68) de la sección de *Cualidades personales*, se refieren las dos coplas que siguen:

Morena tiene que ser
La tierra para claveles
Y la mujer para el hombre
Morenita y con desdenes.

Ya se van los buenos mozos
Ya se van los escogidos
Y las muchachas se quedan
Con los que el rey no ha querido.

A la 2.ª, 7.ª y 13 de la sección de *Desdenes* (pág. 73) corresponden posteriormente esta seguidilla gitana:

Argún día por berte
Inero yo daba
Compañerita... ahora por no berte
Güerbo yo la cara.

y las siguientes:

Aunque me voy no me voy
Aunque me voy no me ausento,
Aunque ausente de tu vista
No lo estoy de pensamiento.

Nunca me digas adiós
Que es una palabra triste
Corazones que se quieren
Nunca deben despedirse.

Análoga á la copla décima de la sección de *Geográficas* (pág. 119) es la que sigue:

Sanlúcar da Barrameda
Quién te pudiera traer
Metida en la faltriquera
Como un pliego de papel.

A la 14 de la misma sección la que sigue:

Al pasar por esta calle
Todo el mundo cante bien,
Que á la entrada hay una rosa
Y á la salida un clavel.

A la segunda de la sección de *Graciosas*, corresponde la siguiente:

Dicen que tú no me quieres
Porque no tengo dinero,
Ven á mi casa y verás
Un cuarto en un agujero.

Por su estructura es análoga á la copla única de la sección titulada *Juego de terminaciones*, la que dice:

Tienes una *boquirris*
Tan *chiquitirris*,
Que me la *comeriba*
Con *tomatirris*.

Al núm. 4 de la sección de *Maldiciones* (pág. 184) son bastante análogas las que dicen:

Anda vete con *la otra*
Supuesto que la has querío,
Y no siembres en mi pecho
La semilla del olvío.

Compañero de mi alma
¿Si tienes amor con otra
Por qué no me desengañas?

¿Para qué me acariciabas?
Falso, si no me querías,
Si tenías en el pecho
Otra que á mí me ofendía.

A la 1.ª de *Murmuración*, corresponden varias, cuyas letras no podemos recordar, si no son los dos versos de una que dicen:

. . . .
. . . .
A quién tú se lo *puchaste*
Vino y me lo puchó á mí.

El verbo *puchar* significa *delatar*, *contar*, *referir*.

A la 56 de la sección de *Oficios*, corresponde ésta:

Al marinero en el mar
Nunca le falta una pena;
O se le rompe el timón,
O se le rifa la vela.

A la 7.ª de la sección de *Picarescas*, corrresponde la que dice:

En el sitio no sé adonde
Mataron no sé que santo,
Que en rezando no sé qué
Se alcanza yo no sé cuánto

A las coplas 4.ª, 7.ª y 14 de las *Reflexivas*, corresponden las que siguen:

Cuando pasé por aquí
Castillo te ví caído
Y ahora que te vuelvo á ver
Te encuentro fortalecido.

Otra:

En este pícaro mundo
Quien mal anda, mal acaba,
En casa del jabonero
El que no cae se resbala.

A la 7.ª y décima de las de *Tristeza*, corresponden las que siguen:

Sola soy, sola nací,
Sola me parió mi madre,
Sola me encuentro en el mundo,
La Soledad me acompañe.

No tengo padre ni madre
Ni quien se acuerde de mí,
. . . .

Otra:

¡Mal haya el amor mal haya!
Y el que del amor se fía,
Que puse yo mi querer
En quien no lo merecía.

De las coplas anteriormente apuntadas la inmensa mayoría de ellas parecen una copia ó traducción de la cántiga con que concuerdan, ó bien ésta á su vez, traducción ó copia de la copla castellana correspondiente. Véase un solo ejemplo:

Cinco sentidos tenemos,
Todos los necesitamos,
Todos cinco los perdemos
Cuando nos enamoramos.

Cinco sentidos che temos,
Todol-os necesitamos,

Todol-os cinco perdemos
En canto nos namoramos.

Otras coplas, en menor número que las aludidas, son una verdadera acomodación de sus análogas; así, por ejemplo, la cántiga gallega:

A Castilla van os homes,
A Castilla por ganar,
Castilla queda na terra
Para quen quer traballar.

Se convierte en Andalucía en la siguiente:

A las Indias van los hombres,
A las Indias por ganar,
Las Indias aquí las tienen
Si quisieran trabajar.

¿Cuál de estas dos coplas debe considerarse como original y cuál como traducida y acomodada? A mi juicio, la primera es la original y la segunda la traducida. En este caso los castellanos ó andaluces han copiado á los gallegos. El contenido de la copla responde mucho más al modo de sér y sentir de éstos que al de aquéllos. La emigración de los gallegos, gente por lo común laboriosa y económica,

á otras provincias de España, y especialmente á Castilla, es un asunto muy propio de la musa popular de Galicia. A este propósito recordamos una preciosa *copra* publicada por el Sr. Milá y Fontanals en su excelente y muy rica monografía sobre *Poesía popular gallega*:

Castellanos de Castilla
Tratade ben os gallegos,
Cando van, van como rosas
Cando ven, ven como negros.

En Andalucía hay también alguna emigración, pero ésta, que es casi siempre á América, es mucho menor que la de Galicia, la cual preocupa, con profunda razón, á los naturales de esa hermosa región de España. Sin creer imposible que la copla en que me ocupo haya nacido en Andalucía, me atrevería á asegurar que no. Genuinamente andaluza es la siguiente seguidilla:

Yo me fuí á la Habana
Por ganar dinero,
Y en er camino—me lo *nicavaron*
¡Permisión der sielo!

Todos los elementos internos de esta seguidilla son andaluces; puede decirse de ella que es andaluza de la

cruz á la fecha. Tiene el elemento supersticioso del *sino* muy propio del pueblo andaluz, el cual acaso, lo haya tomado de los árabes ó de los gitanos con quienes comunica y trata. Era *permisión del cielo*... decreto providencial... *estaba de Dios*... que el cantor no había de tener dinero, ni aun habiendo hecho el supremo esfuerzo de ir á la Habana para conseguirlo. Tiene además esta seguidilla otro elemento demopsicológico característico del andaluz, á saber: el sentimiento de desdén hacia el dinero. En la copla á que estos renglones sirven de comentarios, hay algo que, reducido á mala prosa, pudiera expresarse así: bien empleado me está, bien ha hecho el cielo en consentir que me roben el dinero: ¿á qué la ambición que yo tenía por él? ¿á qué ese empeño de contrarrestar los altos designios de Dios que no me tenía destinado para rico? Si mi *sino* era ser pobre, ¿á qué mis esfuerzos por no serlo? Es imposible luchar uno contra su suerte, su destino, su *sino* (signum?). Estas ideas son, buenas ó malas, propias de andaluces; la idea más reflexiva y prudente de que *las Indias*, esto es, la *verdadera riqueza* está en el propio suelo y en su cultivo mediante el trabajo constante, es una idea que exige más reflexión y sentido práctico que el que de ordinario tienen los hijos de Andalucía. En la cántiga gallega hay, á mi juicio, algo del amor á la tierra, tan característico en aquella fertilísima región. Si me equivoco, sálveme la buena intención: en

las anteriores líneas sólo aspiro á indicar uno de los que considero mejores procedimientos para poder determinar entre coplas análogas, una gallega y otra castellana, por ejemplo, cuál ha servido de modelo y cuál ha sido copiada. Conocido cuál de las dos regiones suministra más coplas originales, podrá averiguarse el caudal poético y afectivo de cada una de ellas.

Coplas hay, por último, que no parecen ni traducidas ó copiadas, ni acomodadas: á este tipo pertenecen, á mi juicio, entre las citadas las que dicen:

Morena tiene que ser
La tierra para claveles,
Y la mujer para el hombre
Morenita y con desdenes.

Moreniña ha de ser
A terra para dar nabos,
E o home para ser bo
Ha de ser molido á palos.

Según se ve, en estas dos coplas hay un fondo común; su primer verso es completamente igual; ambos constan de dos términos: el primero que se refiere al color de la tierra como indicio de su condición para el cultivo; el segundo á la condición requerida para que una persona sea

buena y digna de amor. Á pesar de este fondo común y de la innegable analogía de su estructura interior y exterior, las coplas transcritas no pueden ser más diferentes. La primera es una copla puramente *amorosa*; la segunda *satírica*; en la primera el color moreno desempeña el principal papel; en la segunda, un papel completamente secundario, un término de comparación: en la cántiga se trata de *frutos*, en la copla de *flores;* en la poesía andaluza se indican las condiciones que ha de tener una mujer para ser digna de amor; en la gallega se enseña graciosamente la medicina más eficaz para hacer buenos á los varones. El autor de aquella copla parece ser un hombre; el de ésta una mujer. ¿Quién copia á quién? ¿los gallegos á los andaluces ó viceversa? Nadie copia aquí, á mi juicio. La primera copla es exclusivamente andaluza; la segunda gallega por todos cuatro costados. No conozco lo bastante, con ser natural de Galicia, el carácter de mis paisanos para probar esta afirmación; pero sí me atrevo á asegurar que en este libro hay ya algunos datos ó indicios que parecen justificarlos. Predominan en Andalucía, como es sabido, las coplas *amorosas;* en Galicia, á juzgar por este tomo, las coplas *burlescas*. El ingenio de los gallegos es fino, agudo y dado á la sátira; el ingenio de los andaluces es florido, deslumbrador, oriental; es más gracioso que el gallego, pero menos epigramático: su talento es más ideal, pero menos práctico, y este

carácter se revela en todas sus aficiones y costumbres.

Si en su poesía las flores desempeñan un gran papel, en su vida representan un papel no menos importante. Una cigarrera sevillana irá algún día sin almuerzo á la Fábrica de tabacos, pero nunca irá sin un ramo de flores. Un andaluz jamás cantará á su novia sin llamarla *rosa, clavellina, jazmín;* no es de extrañar, por tanto, que piense en los claveles al pensar en ella: la gallega es más práctica, piensa en los frutos, en lo de más sustancia, en lo que más importa, en lo más útil. No conozco á las cigarreras gallegas; pero sospecho, y perdóneme Dios si les levanto un falso testimonio, que más han de ir á la Fábrica sin flores que sin almuerzo, en lo cual, y dicho sea de pasada, no hallo el menor motivo de censura; para desagraviarlas, por si acaso, que al fin esta atención les debo por ser paisanas mías, les diré que nada importa que no siempre lleven rosas en la cabeza cuando tan frecuente es en ellas el llevarlas de todo tiempo en sus mejillas.

ANTONIO MACHADO Y ALVAREZ.

ÍNDICE DE ESTE TOMO

ERRATAS MÁS NOTABLES DE ESTE TOMO

Páginas.	Líneas.	Dice.	Debe decir.
17	12	partidos judiciales	en el partido judicial
19	12	vaite	váite
23	18	vente	vénte
23	19	ó limón	o limón
28	4	en	eu
29	6	Baila	Báila
30	2 y 5	Baila	Báila
34	9	tampoco	tampouco
41	3	á miña	a miña
46	2	cáis	Cáis
55	7 y 10	partido	del partido
57	5	aproveita	aprovéita
58	4	partido	del partido
65	15	ha picar	ha de picar
66	21	abajo las	abajo de las
67	17	Tente	Ténte
85	9	a tí	á ti
90	7	correr á	correr a
118	5	Laiño	Laíño
123	19	para	á
179	6	cáis	Cáis
179	12 y 16	co' *a ayuda*	co' *a aquela*

PUBLICACIONES PERIÓDICAS EXTRANJERAS

DE FOLK-LORE (1)

Bibliotheca Ethnographica Portugueza, dirigida por José Leite de Vasconcellos. Vol. I.—*Tradições populares de Portugal.*

Bibliotheca d'educação Nacional, por F. Adolpho Coelho. Vol. I.—*Contos nacionaes para creanças.* Vol. II.—*Jogos e rimas infantis.*

Melusine.—Revista mensual, órgano del *Folk-Lore francés*, dirigida por H. Gaidoz y E. Rolland. El tomo II en publicación.

Les litteratures populaires de toutes les nations. Van publicados XVI volúmenes sobre literatura oral, leyendas, cuentos, tradiciones, supersticiones, poesías populares, mitología y estudios de diferentes mitógrafos y folkloristas.

Archivio per lo studio delle tradizioni popolari.—Revista trimestral, órgano del *Folk-Lore italiano*, dirigida por G. Pitrè y S. Salomone-Marino. El tomo IV en publicación.

Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane, por Giuseppe Pitrè.—Van publicados XIII volúmenes sobre cantos, cuentos, tradiciones, refranes, fiestas y juegos infantiles.

Folk-Lore Journal. Revista mensual, órgano del *Folk-Lore inglés*, dirigida por la sociedad del mismo nombre. El tomo III en publicación,

Folk-Lore Record. Lleva publicados XI volúmenes de materiales y estudios folklóricos europeos y de las colonias inglesas.

---

(1) El catálogo de obras folklóricas extranjeras, no periódicas, que se han publicado por iniciativa particular ó por la de sociedades de Folk-Lore, no cabe dentro de los límites de un corto anuncio, porque la sola lista de ellas formaría un extenso volumen. En las Revistas, Boletines y Anuarios nacionales y extranjeros, en los artículos bibliográficos y en el *Almanach des traditions populaires*, (cuyo tercer tomo correspondió al pasado año), pueden hallarse catálogos, listas y resúmenes de las numerosas obras de Folk-Lore publicadas desde hace diez años, así como también de otros periódicos que han cesado.



BIBLIOTECA FOLKLÓRICA

A. GUICHOT Y COMPAÑÍA, EDITORES, SEVILLA

Biblioteca de las tradiciones populares españolas, órgano del Folk-Lore español, escrita por todos nuestros mitógrafos y folkloristas. Publicación trimestral en tomos de 300 páginas, ilustrados algunos con grabados. Precio del tomo para el suscritor, 2,50 pesetas.

Van publicados siete volúmenes que contienen:

Vol. I.—*Introducción*, por Machado y Alvarez (Antonio) *Fiestas y costumbres populares andaluzas*, por Montoto y Rautenstrauch (Luis). *Cuentos populares españoles*, por Machado y Alvarez. *Supersticiones populares comparadas con las portuguesas*, por Guichot y Sierra (Alejandro).

Vol. II.—*Folk-Lore de Madrid*, por Olavarría y Huarte (Eugenio). *Juegos infantiles de Extremadura*, por Hernández de Soto (Sergio). *De los maleficios y los demonios*, obra escrita en el siglo XV, por Fray Juan Nider y traducida del latín por Montoto y Vigil (D. José María).

Vol. III.—*El mito del basilisco*, por Guichot y Sierra, *Juegos infantiles de Extremadura* (conclusión). *De los maleficios y los demonios* (continuación).

Vol. IV.—*Folk-Lore Gallego*, por Pardo Bazán (Emilia) y varios escritores de Galicia. *De los maleficios y los demonios* (conclusión). *Fiestas y costumbres populares andaluzas* (continuación).

Vol. V.—*Estudios sobre literatura popular*. Primera parte, por Machado y Alvarez.

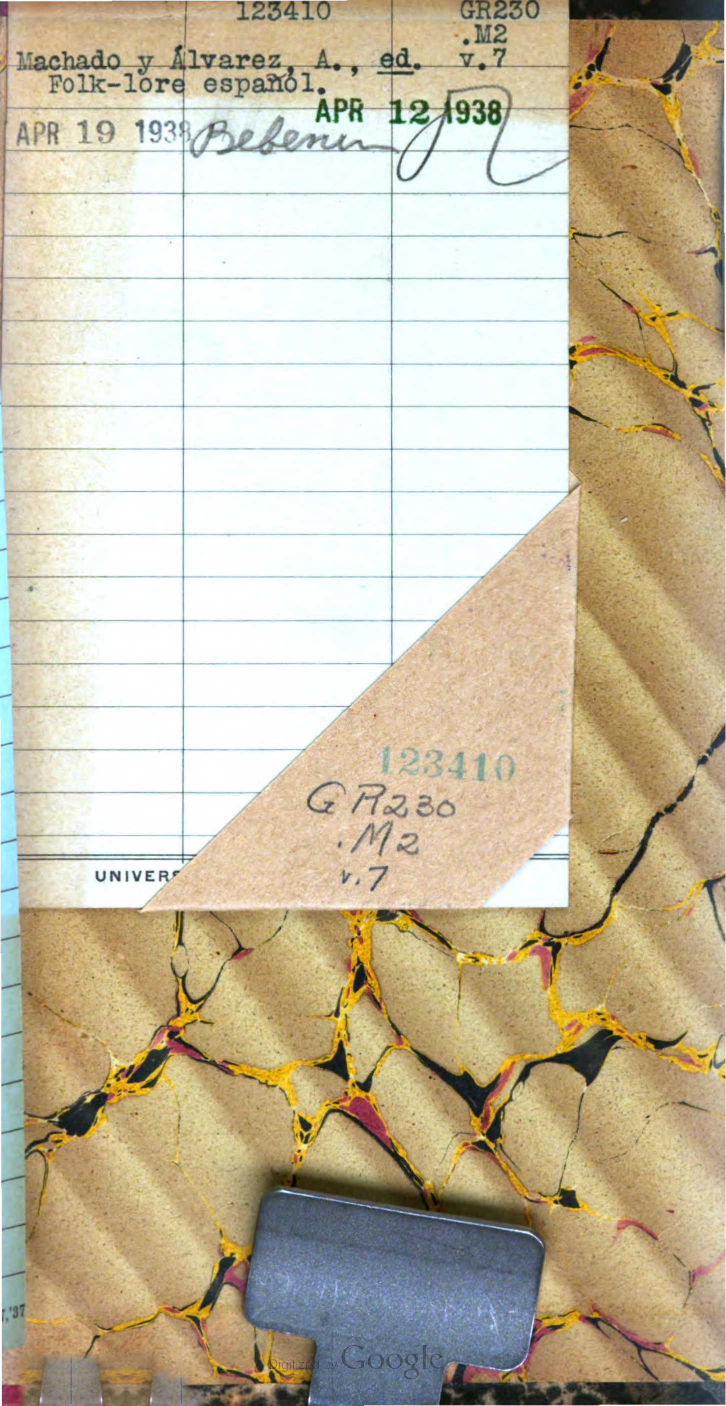
Vol. VI.—*Apuntes para el mapa topográfico tradicional de Burguillos*, por Matías R. Martínez.—Apéndices.—Tradiciones referentes á algunos sitios de Extremadura, por doña C. A. D.

Vol. VII.—Tomo I del *Cancionero popular gallego*, por don José Pérez Ballesteros, con un prólogo del Excmo. Sr. don Theóphilo Braga y un apéndice del Sr. D. Antonio Machado y Alvarez.

Cantos populares españoles. Recogidos, ordenados y anotados por Rodríguez Marín. Cinco tomos de 500 páginas, en 8.º mayor, con apéndice musical y un *Post-scriptum* sobre la poesía popular, 25 pesetas.

NOTA. Para todos los informes relativos á la historia del *Folk-Lore español* y pedidos de todas clases de obras folklóricas, tanto de España como del Extranjero, dirigirse á los Sres. A. Guichot y Compañía.—Sevilla.





123410
GR230
.M2
v.7
Machado y Álvarez, A., ed.
Folk-lore español.
APR 12 1938
APR 19 1938
123410
GR230
.M2
v.7
UNIVERS
Digitized by Google

